

**Luiz Jean Lauand**

## **O QUE É UMA UNIVERSIDADE?**

*This is a MBS Library best viewed by Micro Book Studio.  
You may download it at*

<http://www.microbookstudio.com>

- [O QUE É UMA  
UNIVERSIDADE?](#)

## Luiz Jean Lauand

# O QUE É UMA UNIVERSIDADE?

### Índice Geral

- [INTRODUÇÃO](#)
- [O FILOSOFAR, TEMA CENTRAL DA FILOSOFIA](#)
- [ALGUMAS CONSTANTES DO FILOSOFAR DE PIEPER](#)
- [A UNIVERSIDADE: PEDAGOGIA DAS ARTES LIBERAIS](#)
- [UNIVERSIDADE E FILOSOFAR: ABERTURA PARA O TODO](#)
- [TESES PIEPERIANAS](#)
- [BIBLIOGRAFIA](#)
- [NOTAS](#)

---

■ [\*Índice Anterior\*](#)

# INTRODUÇÃO

## Índice

[1. Sobre o Presente Trabalho](#)

[2. Nota sobre Josef Pieper](#)

---

▪ [Índice Anterior](#)

# O FILOSOFAR, TEMA CENTRAL DA FILOSOFIA

## Índice

[1.1. Acesso Indireto ao Homem](#)

[1.2. "Filosofar" ou "Filosofia"?](#)

[1.3. Posicionamento Filosófico](#)

---

▪ [Índice Anterior](#)

# ALGUMAS CONSTANTES DO FILOSOFAR DE PIEPER

## Índice

[2.1. O Fenômeno](#)

[2.2. A Questão Filosófica como "Quaestio Disputata"](#)

[2.3. A Linguagem Comum](#)

[2.4. Filósofos Antigos e Medievais como Base](#)

[2.5. Filosolar e Teologia](#)

---

▪ [Índice Anterior](#)

# A UNIVERSIDADE: PEDAGOGIA DAS ARTES LIBERAIS

## Índice

[3.1. O Filosofar Transcede o Mundo do Trabalho](#)

[3.2. A Contemplação](#)

[3.3. Lazer como Atitude do Espírito](#)

[3.4. Nota sobre Festa, Amor e Arte](#)

[3.5. Acadêmico Significa Filosófico-teorético](#)

[3.6. A Pedagogia das Artes Liberais](#)

[3.7. Artes Liberais e Formação Profissional](#)

[3.8. A Liberdade Acadêmica](#)

---

▪ [\*Índice Anterior\*](#)

# UNIVERSIDADE E FILOSOFAR: ABERTURA PARA O TODO

## Índice

[4.1. O Filosofar: Abertura para a Totalidade](#)

[4.2. Abertura para o Todo: Essência do Espírito](#)

[4.3. Criação: Fundamento da Filosofia de Pieper](#)

[4.4. Abertura para o Todo: A Chance da  
Universidade](#)

[4.5. Silêncio e Simplicidade](#)

[4.6. Admiração e Mistério](#)

[4.7. Filosofia Negativa](#)

[4.8. Ciência e Cientificismo](#)

[4.9. A Ambivalência da Ciência](#)

[4.10. A Estrutura de Esperança](#)

[4.11. A Universidade: Lugar de "Quaestio  
Disputata"](#)

[4.12. O Ensinar e o Aprender](#)

[4.13. Sofística e Reverência](#)

■ *Índice Anterior*



# TESES PIEPERIANAS

## Índice

### 5.1 Teses Pieperianas.

- 
- *Índice Anterior*

# BIBLIOGRAFIA

## Índice

1. Livros de JOSEF PIEPER (salvo expressa  
indicação em contrário, trata-se de obras editadas  
pela editora Kösel, München)

2. Artigos de Josef Pieper

3. Sobre Josef Pieper

4. Outros livros e artigos citados no presente  
trabalho

---

▪ *Índice Anterior*

# NOTAS

## Índice

[INTRODUÇÃO](#)

[O FILOSOFAR, TEMA CENTRAL DA FILOSOFIA](#)

[ALGUMAS CONSTANTES DO FILOSOFAR DE  
PIEPER](#)

[A UNIVERSIDADE: PEDAGOGIA DAS ARTES  
LIBERAIS](#)

[UNIVERSIDADE E FILOSOFAR: ABERTURA PARA  
O TODO](#)

[TESES PIEPERIANAS](#)

---

▪ [Índice Anterior](#)



**Luiz Jean Lauand**

## **O QUE É UMA UNIVERSIDADE?**

### **INTRODUÇÃO**

#### **1. Sobre o Presente Trabalho**

Quando se coloca a questão "O que é uma Universidade?", e isto procurando não a realidade meramente fática, mas a verdadeira realidade[1], no caso, o que deve ser uma Universidade, tal como em qualquer questão de Filosofia da Educação, é para o homem que devemos nos voltar.

Pois a Filosofia da Educação é sempre algo derivado e relativo, decorre da Antropologia Filosófica. E, se filosofar é perguntar pelo ser, a questão sobre o ser da Universidade pressuporá necessariamente a indagação pelo ser do homem.

Como se dá, porém, concretamente, tal ligação?

No caso de Pieper - e mostrar isto é o objetivo deste trabalho -, essa conexão ocorre a partir do conceito de filosofar.

A estrutura do filosofar é a mesma que a da existência humana:

**Com  
efeito,  
pergunto-  
me se não  
é  
necessário  
aceitar e  
assumir  
esta  
relação  
(que,  
reconheço,**

***não pode  
ser  
apreendida  
com  
grande  
precisão)  
entre a  
estrutura  
intrínseca  
da  
existência  
humana e  
a do ato  
filosófico  
[2].***

**E, além disso, também a estrutura da educação universitária é a mesma que a do filosofar:**

***Falar do  
lugar e do  
direito da  
Filosofia é,  
ao mesmo  
tempo, falar  
de nada  
mais nada  
menos que  
do lugar e do  
direito da  
Universidade,  
da formação  
acadêmica  
[3].***

**Pieper tratou expressamente da Filosofia da Universidade apenas em pequena parte de sua imensa obra, principalmente nos dois pequenos ensaios: Was heisst Akademisch? e Offenheit für das Ganze. Ajunte-se a esses estudos o artigo "Thomas von Aquin als Lehrer" e algumas outras poucas observações esparsas e teremos**

**tudo o que Pieper diz diretamente sobre Filosofia da Educação.**

**É pouco, mas altamente denso, oportuno e necessário. Sobretudo numa época de desorientação como a nossa, nada nos parece mais atual que ouvir a palavra dos antigos - Platão, Aristóteles e S. Tomás - na correta e límpida interpretação de Pieper, totalmente voltada para a "verdade das coisas" e procurando mostrá-la claramente para o homem de hoje.**

**Nosso trabalho consiste em recolher e apresentar essa Filosofia da Universidade em articulação - e aí reside primordiamente sua originalidade - com o quadro maior da Antropologia Filosófica de Pieper, através de conceito de filosofar, central em sua obra.**

**Se o filosofar em qualquer caso envolve a consideração da totalidade do real, "Deus e o mundo"[4], isso é válido especialmente quando é sobre o próprio filosofar que filosofamos[5].**

**Não deve causar estranheza, portanto, que ao longo deste trabalho - onde se analisa o entrelaçamento de assuntos como Universidade, filosofar e homem num filósofo assistemático como Pieper - encontrem-se referências a temas e obras que, à primeira vista, pareçam alheios à Filosofia da Universidade.**

**Dada, pois, a decisiva importância do tema, compreende-se a necessidade de um capítulo (Cap. 1) onde se indique o sentido e o lugar que a questão do filosofar tem em Pieper. Filosofar, entendido como espírito, o que é algo de muito diferente da Filosofia entendida como matéria (que pode ou não estar animada pelo espírito do filosofar).**

**No Cap. 2 - também prévio aos dedicados expressamente à Filosofia da Educação (Caps. 3 e 4) -, situamos o leitor diante do modo pieperiano de filosofar apontando as principais de suas características: o voltar-se para o fenômeno, para o diálogo, para a linguagem comum. E, em dois tópicos finais desse capítulo, apresentamos e discutimos a especial relação do filosofar de Pieper com os filósofos antigos e medievais (especialmente S. Tomás de Aquino) e com a Teologia.**

**A tese de que a Universidade tem (deve ter) caráter filosófico encontra-se esmiuçada nos Caps. 3 e 4, onde se analisam uma a**

**uma as diversas características do filosofar (sua origem e seu fim, suas condições e sua natureza) relacionando-as, como dizíamos, com a Antropologia Filosófica e visando a Filosofia da Educação.**

**Das diversas características desse espírito destacam-se duas, que deram origem aos títulos dos Caps. 3 e 4, respectivamente: o caráter livre do filosofar (e, portanto, a correspondente Pedagogia das Artes Liberais) e o filosofar (e a Universidade) como abertura para o todo.**

**Da primeira, encontramos um excelente resumo em Ruy Nunes:**

***O filósofo  
alemão Josef  
Pieper  
escreveu  
belo e  
sugestivo  
ensaio, Was  
heisst  
Akademisch?  
(. ..) Segundo  
Pieper, a  
natureza  
íntima da  
escola  
platônica  
deve ser o  
princípio  
formal  
interno das  
instituições  
acadêmicas,  
e tal natureza  
íntima  
consistia no  
modo  
filosófico de  
encarar o  
mundo. Por  
isso, embora  
nas  
universidades  
modernas se***

**estudem  
muitas  
ciências  
diferentes  
com  
objetivos  
práticos,  
profissionais,  
o que deve  
caracterizar  
o estudo  
nessas  
academias é  
o espírito  
filosófico,  
indagador,  
universalista  
e crítico.**

**Acadêmico,  
explica  
Pieper,  
significa  
filosófico, e  
um estudo  
sem filosofia  
não é um  
estudo  
acadêmico.**

**Este consiste  
na atitude  
teórica de  
busca da  
verdade sem  
a  
preocupação  
imediatista  
do uso, da  
prática, do  
lucro. Além  
disso, para  
que o estudo  
numa  
faculdade**



**voltada para  
objetivos  
práticos  
como as de  
medicina e  
engenharia,  
seja  
filosófico,  
não basta  
que figure no  
seu currículo  
alguma  
disciplina  
filosófica,  
mas é  
preciso que  
os seus  
mestres  
sejam  
animados  
pelo eros  
filosófico, é  
necessário  
que se  
perceba na  
universidade  
algo mais  
que a pura  
preocupação  
com o  
resultado útil  
e imediato[6].**

**Prosseguindo nessa linha, no Cap. 4, dedicado à "abertura para a totalidade", apontamos como tal nota é, ao mesmo tempo, distintiva do ato filosófico (em relação às ciências particulares), do homem (enquanto ser espiritual) e da Universidade. Nesse capítulo, insistimos no caráter filosófico da Universidade, contrastando em diversos aspectos o conhecimento filosófico com o científico. Analisamos também a admiração como princípio e o mistério como condição do filosofar.**

**E - como não poderia deixar de ser, em se tratando de um livro sobre Pieper - mostramos o caráter basilar de seu denso conceito de Criação, determinante ao mesmo tempo da cognoscibilidade do real para o homem e do elemento negativo na mundividência de Santo Tomás de Aquino e na de Pieper. Determina também a "estrutura de esperança" do filosofar e do próprio homem, enquanto "ser que se torna".**

**Culmina o capítulo com a consideração das notas que compõem o autêntico ensinar e aprender universitários, através da análise do caso paradigmático de Tomás de Aquino.**

**No tópico final contemplamos o sofista como antítese do acadêmico, sobretudo no que se refere à atitude de reverência diante da Criação.**

**Desse modo julgamos atingir o objetivo que nos propusemos: mostrar o caráter filosófico que a Universidade tem na obra de Josef Pieper.**

---

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **2. Nota sobre Josef Pieper[7]**

**Josef Pieper nasceu a 4 de maio de 1904 em Elte (Westfália). Cursou Filosofia, Sociologia e Direito nas Universidades de Berlim e Münster.**

**Doutorou-se em Filosofia em 1928 pela Universidade de Münster com a tese Die ontische Grundlage des Sittlichen nach Thomas von Aquin, depois publicada com o título Die Wirklichkeit und das Gute nach Thomas von Aquin.**

**De 1928 a 1932 foi assistente no Forschungsinstitut für Organisationslehre und Soziologie.**

**De 1932 a 1940, anos em que atua como escritor free-lancer, publicou muitos livros (diversos deles proibidos e apreendidos pelo governo totalitário). A apreensão de Grundformen sozialer Spielregeln (1933), por ser um livro antitotalitário; a selvageria do expurgo de 1934, bem como a destituição do pai, injustamente desligado do magistério, produziram em Pieper, já desde o primeiro momento, "uma certeza definitiva: com esse regime não há compactuação possível"[8].**

**Suas convicções antinazistas possibilitaram que fosse um dos primeiros alemães a visitar, pouco depois da guerra, a Inglaterra (convidado pelo British Council) e os convites para lecionar em universidades americanas.**

**Casou-se em 1935 e teve com sua esposa Hildegard - falecida em 1984 - três filhos: Thomas, Monika e Michael.**

**Lecionou em diversas universidades, sobretudo na de Münster, onde ensina há quarenta anos e ainda hoje - como catedrático emérito -, ministra seus cursos e seminários.**

**É doutor honoris causa em Teologia pelas Universidades de Munique e Münster e em Filosofia pela Universidade de Eichstätt. Foi também professor visitante em diversas universidades dos Estados Unidos (Stanford e Notre Dame), Índia, Japão e Canadá (Centennial Professor em Toronto).**

**Entre outras distinções, destacam-se a "Aquinas Medal" da American Catholic Philosophical Association (1968) e o prêmio Balzan de 1982 (primeiro alemão a receber este prêmio internacional considerado o Nobel das Ciências Humanas). É membro da Rheinisch-Westfälischer Akademie der Wissenschaften, da Deutsche Akademie für Sprache und Dichtung (Darmstadt) e da Pontificia Accademia Romana di S. Tommaso d'Aquino.**

**Pelos dados que extraímos do Schriftenverzeichnis de 1974, vê-se que a difusão de seus livros é invulgar para um filósofo (sobretudo quando se tem em conta que nestes últimos treze anos sua atividade continua constante). Quanto às traduções, por exemplo, em 1974 já mais de cem livros de Pieper estavam publicados em uma dúzia de línguas (inglês, português, francês, holandês, italiano, japonês, norueguês, polonês, sueco, castelhano, tcheco e húngaro). Destes, vinte e cinco publicados nos Estados Unidos, dezessete na Inglaterra, quatorze na Itália, vinte na Espanha, cinco no Japão, três na Polônia etc.**

**Destacaremos a seguir alguns aspectos relativos à formação de seu pensamento.**

**Como muitos jovens alemães do atribulado período imediatamente posterior à Primeira Guerra, Pieper participou da Jugendbewegung [9]. A primeira grande influência intelectual e que mais profundamente o marcou naqueles começos do anos vinte, foi a excursão a Rothenfels[10] e o encontro com Romano Guardini, que, de modo vivo e apaixonante, abriu àqueles jovens, amplos horizontes de cristianismo e da realidade do "cúltico-sacramental". A Guardini - em seus oitenta anos - Pieper dedicaria Über die platonischen Mythen.**

**Sessenta anos depois daquele contato em Rothenfels, Pieper, nos Buchstabier-Übungen[11], julga necessário lembrar ao nosso tempo aqueles mesmos critérios que lhe foram apontados por Guardini sobre Liturgia algo que reitera no seu Lesebuch (preparado pelo próprio Pieper)[12].**

**Outro ensinamento de Guardini e freqüentemente citado por Pieper, em tema que lhe é tão essencial como a Criação, é o que se encontra no capítulo sobre o caráter verbal das coisas do livro Welt und Person. Aí se diz, por exemplo: "Ora é do Verbo em Deus que**

provêm todas as coisas, e por isso estão todas elas marcadas por um caráter verbal. Não são meras realidades ou significações privadas de sentido num espaço mudo[13]; passagem de evidente sabor pieperiano.

Aliás, o tema Das Wort, tão profundamente arraigado no autor que estudamos, foi objeto de seu primeiro contato com a obra de Santo Tomás[14], único pensador a quem Pieper designa pela expressão "meu mestre"[15], "meu venerado mestre"[16]. Tinha então dezoito anos e, por sugestão de um professor, pôs-se a ler um texto que o fascinou: o comentário do Aquinate ao Prólogo do Evangelho de São João. Um homem que pensa e escreve com muito vagar, diz Pieper de si mesmo[17], com o que, na realidade, expressa que os temas de que se ocupa são extremamente profundos; transcorridos mais de sessenta anos, relata-nos: "Meu tema no Thomas Colloquium será 'Palavra e Logos' e devo ler e (tentar) interpretar o Comentário de S. Tomás ao Prólogo de S. João"[18].

Já na universidade, Pieper empreendeu o trabalho sistemático da leitura da Summa de Santo Tomás[19]; os cursos, pouco motivantes, apoiados em "manuais tomistas de terceira classe", tiveram pelo menos a vantagem de lhe sugerir o contato com a fonte. Ainda que "meu interesse primário não fosse S. Tomás de Aquino. Eu queria saber 'não o que os outros pensavam mas a verdade das coisas'"[20].

Ainda uma vez em Rothenfels (verão de 1924) ao ouvir Guardini discorrer sobre o espírito clássico em S. Tomás de Aquino e Goethe - celebrava-se o 175º aniversário do nascimento do poeta - e mostrar que esse espírito consiste em voltar-se para a realidade, catalizou-se em Pieper - e pôde então formular claramente - uma convicção que já desde as primeiras leituras da Summa se lhe insinuava e que iria acompanhá-lo ao longo de toda a sua vida: a realidade como fundamento do dever, tema de sua tese de doutoramento.

Um curso importante para a sua formação foi o de Erich Przywara sobre a analogia entis, a analogia do ente, "a quinta-essência de seu pensamento", no qual foi introduzido ao fascinante e inesgotável primeiro artigo do De Veritate de S. Tomás de Aquino[21].

Em 1926 começa a interessar-se pela Sociologia e conhece Johann

**Plenge, de quem seria assistente durante quatro anos, e de quem aprenderia o senso do concreto próprio do sociólogo.**

**Uma primeira fase da obra de Pieper (de 1929 a 1934), será dedicada à Questão Social (procurando, por exemplo, o verdadeiro e radical sentido da doutrina social da Igreja contra as atenuações conservadoras das traduções oficiais)[22].**

**A segunda fase, a definitiva, de seu pensamento, que se estende até os dias de hoje, é a que nos interessa no presente trabalho, especialmente no que tange à Universidade e ao filosofar. Naturalmente, em geral, de especial destaque nesta fase da obra de Pieper, seriam os primorosos estudos sobre as virtudes, que não constituem objeto direto desta nossa pesquisa.**

**Uma diferença significativa entre os dois períodos pieperianos - além, é claro, da mudança temática -, vem registrada na retratação, ou melhor, complementação que Pieper fará - quase quinze anos depois -, referindo-se àquela primeira fase. Diz em *Musse und Kult* que a imunização dos espíritos contra o poder tentador das estruturas totalitárias deve-se esperar num nível mais profundo (grifado no original) que no da pura política[23].**

**E anota que suas próprias *Thesen zur sozialen Politik* necessitam de complementação nesse sentido (embora o autor estivesse limitando-se expressamente ao plano político e cômico das limitações e da, por princípio, insuficiência desse plano). E conclui: "É bem característico daquela geração jovem ("*Junge Generation*", com aspas no original) do entre-guerras ter posto demasiada esperança no puramente político[24].**

**Em 1946, Pieper toma contato com a obra de um autor que depois citará freqüentemente e que, em colaboração com sua esposa, Hildegard, traduzirá para o alemão: o filósofo e teólogo anglicano C. S. Lewis[25].**

**Das dezenas de intelectuais contemporâneos que desfilam em seus livros autobiográficos, destacaríamos: Peter Wust, Hans Urs von Balthasar (ex-colega no círculo de Przywara), T. S. Eliot (que prefaciara a edição inglesa de *Musse und Kult* e *Was heisst Philosophieren?*), Christopher Dawson, o poeta Konrad Weiss (também muito citado por Pieper), Jacques Maritain e Werner**

**Jaeger.**

**Dois outros autores que, pela especial afinidade de Pieper com eles, não poderiam deixar de ser referidos são Newman e Pascal. A mais lúcida das caracterizações do pensamento pieperiano é, parecidos, a feita por Eliot e que vale a pena recolher aqui:**

***A raiz das  
extravagâncias  
da Filosofia  
moderna (...)  
reside no fato  
de que a  
Filosofia tenha  
se divorciado  
da Teologia.  
Ao fazer essa  
afirmação é  
necessário  
antecipar-se à  
resistência  
que ela  
suscita: uma  
resistência  
que procede  
de uma  
imediate  
reação  
sentimental  
que se  
expressa  
dizendo que  
qualquer  
dependência  
da Teologia  
seria uma  
limitação da  
liberdade de  
pensamento  
do filósofo. É  
preciso tornar  
claro o que se  
entende por***

**necessária  
relação entre  
Filosofia e  
Teologia e a  
implicação  
que tem uma  
fé religiosa na  
Filosofia. Não  
emprenderei  
aqui a  
exposição  
desses  
pontos, pois  
isso já foi  
feito, e muito  
melhor, por  
Josef Pieper:  
desejo  
somente  
chamar a  
atenção para  
esse ponto  
central em seu  
pensamento.  
Ele,  
pessoalmente,  
é um filósofo  
católico que  
se baseia em  
Platão,  
Aristóteles e  
nos  
escolásticos:  
e deixa sua  
posição clara  
para os  
leitores. Mas  
seus escritos  
não  
constituem  
uma  
apologética  
cristã - que, a**



**seu ver, é  
tarefa do  
teólogo. Para  
Pieper, uma  
Filosofia  
conectada  
com outra  
comunhão que  
não a de  
Roma, ou de  
alguma  
religião que  
não as cristãs,  
seria ainda  
genuína  
Filosofia. É  
significativo  
que, de  
passagem,  
encontre  
palavras de  
concordância  
com o  
existencialismo  
de Sartre, pois  
encontra aí  
pressupostos  
religiosos -  
totalmente  
diferentes dos  
que o próprio  
Dr. Pieper  
sustenta.**

**Um dos pontos  
mais  
importantes da  
pesquisa que o  
Dr. Pieper  
empreende é a  
fundamentação  
de uma reta  
relação entre  
Filosofia e  
Teologia, que  
deixa o filósofo  
com autonomia  
no seu próprio  
campo de  
pesquisas. De  
um modo mais  
amplo, sua  
influência vai  
dirigida ao  
restabelecimento  
da Filosofia na  
dignidade de  
algo importante  
para o homem  
culto e  
pensante, em  
vez de ser  
confinada a  
atividades  
esotéricas que  
só  
indiretamente  
podem atingir o  
público, de  
modo insidioso  
e  
freqüentemente  
distorcido. Ele  
põe no devido  
lugar o que o  
conhecimento  
comum**

***insistentemente  
nos diz: que o  
insight e a  
sabedoria são  
componentes da  
Filosofia[26].***

**Antecipando alguns aspectos que desenvolveremos nos próximos capítulos, diremos que a temática central do filosofar de Pieper é a Antropologia Filosófica, onde a intuição - guiada principalmente pelos quatro grandes mestres da tradição ocidental: Platão, Aristóteles, S. Agostinho e S. Tomás - volta-se para o aprofundamento do sentido do fenômeno, sobretudo a partir da linguagem comum. É, diríamos nós, empregando linguagem cara a Pieper, uma Weisheit fundamentada num Weistum[27].**

**Junte-se a tudo isto seu talento de escritor e teremos - dentro da intrínseca dificuldade, por vezes extrema dos assuntos de que trata - um estilo brilhante, com a clareza da simplicidade e da comunicação serena e direta com o leitor. Pieper - na feliz formulação de D. João Mehlmann - nos dá S. Tomás em pequenas doses: a sobriedade de seu estilo condensa, por vezes, em meditações de uma página[28] temas de extraordinária abrangência. Aprecia também enunciados sintéticos, que recolhem em poucas palavras grandes intuições[29].**

**Essa sua clareza o leva a evitar a erudição hermética que encontramos em tantos filósofos (mesmo Wahrheit der Dinge, considerado por Pieper o "mais erudito de todos os meus escritos"[30] não é leitura árdua).**

**Mas não se trata apenas de uma questão de estilo. Na realidade, as raízes da simplicitas de Pieper encontram-se em convicções filosóficas. No posfácio[31] que escreveu para a edição alemã do livro sobre a dor de C. S. Lewis, Pieper tece considerações, referindo-se a esse autor, que podem perfeitamente aplicar-se à sua própria obra: ainda que nem todos a considerem uma leitura "leve" - assim começa o texto - ninguém pode pôr em dúvida a simplicidade, virtude cada vez mais rara nos escritos filosóficos.**

**A simplicidade é - prossegue Pieper - o "selo de credibilidade" do**

**filósofo e onde não a encontrarmos devemos desconfiar.**

**Distingue a seguir "linguagem" (Sprache) de "terminologia" (Terminologie). Esta é artificial, fabricada, limitada a especialistas; aquela, a linguagem comum, quotidiana, possui a originalidade e a força da palavra natural. A simplicidade do filósofo mostra-se no fato de estar praticamente livre de terminologia. Hans Urs von Balthasar resume as razões dessa característica do autor de Was heisst Philosophieren?:**

***Pieper mostra que as ciências particulares, ao prescindir do sentido do ser como um todo, podem-se permitir uma linguagem precisa (ou devem contentar-se com ela), enquanto o filósofo, que visa o "sagrado e manifesto mistério" (Goethe) do ser na totalidade e do seu significado, deve sempre considerar a linguagem comum, a que se faz a partir da sabedoria dos que filosofam inconscientemente. "A palavra da linguagem comum humana encerra mais realidade que o termo artificial". E ajunta a surpreendente mas acertada***

**afirmação: "Não só Lao-tse, Platão e S. Agostinho, mas também Aristóteles e S. Tomás - por improvável que isso possa parecer - ignoram toda terminologia especializada". Estes nomes afiançam que a simplicidade a que Pieper alude - selo de credibilidade - de modo algum se confunde com uma trivial clareza de banalidade. Por que não? Porque o método de cada ciência só é correto quando se deixa determinar pelo objeto. A História ou a Psicologia têm um modo diferente de precisão do que a Física ou a Biologia. Para Pieper, esta sentença fundamental sempre tem sido o seu ponto de partida: acolher e admitir o fato tal como ele se dá, na sua própria verdade, bondade e beleza é o**

*pressuposto para  
se aprender algo  
dele[32].*

Para finalizar esta nota, destacamos um aspecto do trabalho de Pieper como escritor e professor: sua incansável constância. Na bibliografia encontram-se obras de 1928 (como a primeira redação de Die Wirklichkeit und das Gute) até os dias de hoje, em que, entre outros[33], escreve o terceiro volume de suas Autobiographische Aufzeichnungen.

Sendo um dos mais famosos e difundidos filósofos da Alemanha de hoje, Pieper é freqüentemente solicitado como conferencista por diversas universidades da Europa e da América do Norte.

Seu ritmo de trabalho continua intenso. Professor infatigável, recém-completados os 82 anos de idade, somente no mês de maio de 1986 - além do curso que regularmente ministra na Universidade de Münster -, viajou para a Irlanda e para a Suíça a fim de ministrar conferências nas Universidades de Dublin e Zürich[34].

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



# O FILOSOFAR, TEMA CENTRAL DA FILOSOFIA

## 1.1. Acesso Indireto ao Homem

Quando se contempla a obra filosófica de Pieper e se constata que versa sobre assuntos tão variados como Metafísica, Filosofia da História, Ética etc., é natural que o pesquisador indague sobre a existência de possíveis constantes por detrás dessa multiforme variedade: Que há de comum (se é que há algo de comum...) em temas aparentemente tão distantes como por exemplo: o que é filosofar, o que é a virtude, ou ainda, um estudo sobre o princípio metafísico da verdade das coisas?[35]

Sim, há um tema constante que subjaz a estes e a todos os demais escritos pieperianos: o homem, a Antropologia Filosófica.

E é que - e com isto tocamos um dos traços mais característicos de Pieper - à temática fundamental, o homem, chega-se por caminhos indiretos.

Não se trata de uma questão de estilo, mas de uma convicção de que isto é assim, deve ser assim, pela própria natureza das coisas.

É certo que o filosofar, também o filosofar sobre o homem, procede da experiência. Mas como é essa experiência, como são as experiências que podemos ter sobre o ser humano? Pieper, citando Alfred N. Whitehead[36], comenta:

**Que quer  
dizer  
experiência?  
(...) Um  
conhecimento  
com base  
num contato  
direto com a  
realidade (...)  
Mas os  
resultados  
que obtemos  
não  
desaparecem  
quando  
cessa o ato  
de  
experiência;  
acumulam-se  
e conservam-  
se: nas  
grandes  
instituições,  
no agir dos  
homens e no  
fazer-se da  
linguagem**

**[37].**

**E, prossegue Pieper, é através da reflexão filosófica sobre a linguagem, sobre o que fazem os homens - por exemplo, o próprio ato de filosofar -, sobre as grandes instituições (como a Universidade), que encontraremos resposta à questão "o que é o homem?" (na medida em que esta questão admita resposta...)**

**Não surpreende, portanto, que já o primeiro parágrafo de *Offenheit für das Ganze*[38] faça considerar que apesar de (ou antes, precisamente por) se tratar da análise de uma instituição (e a Universidade é, deve ser, para Pieper, a realização do espírito do filosofar) é, no fundo, do homem que se está tratando:**



**As grandes  
instituições  
costumam  
ser também  
expressões  
de uma ampla  
experiência  
que nela se  
funde e,  
portanto, em  
certa medida  
também se  
esconde (...)  
Porém,  
quando se  
trata das  
grandes  
experiências  
que o homem  
tem consigo  
mesmo e com  
o mundo,  
experiências  
que  
condicionam  
sua vida não  
se pode dizer  
- sejam quais  
forem as  
circunstâncias  
- que possam  
ser  
apanhadas ao  
bel-prazer e  
formuladas;  
de nenhum  
modo estão  
ao alcance da  
consciência  
reflexiva[39].**

**À eventual objeção: como é possível que uma experiência não seja imediatamente captável pela consciência reflexiva?, Pieper responde em *Über das Ende der Zeit*:**

***Há muitas  
classes de  
experiências  
(...) Há, além  
disso,  
experiências  
cujo  
conteúdo  
pode ser  
expresso e  
conhecido  
claramente  
por quem as  
faz e outras  
cujo objeto  
não pode ser  
expresso e  
"realizado"  
em seguida,  
mas  
permanecem,  
por assim  
dizer,  
latentes. (...)  
Por exemplo,  
eu nunca  
teria podido  
predizer  
como se  
comportariam  
numa  
situação  
excepcional  
e extrema,  
pessoas a  
mim  
chegadas.  
Mas, no  
momento em***

**que vivo esta  
situação não  
me  
surpreendo  
com sua  
reação; sem  
o saber já a  
esperava. Já  
antes tinha  
captado  
nessas  
pessoas  
qualquer  
coisa de sua  
mais  
profunda  
intimidade  
[40].**

**Isto fica ainda mais claro em Über den Begriff der Sünde:**

**Em todos os  
fatos  
fundamentais  
da  
existência  
sabemos  
muito mais  
do que  
"sabemos".  
E cita,  
endossando,  
Friedrich  
von Hügel:  
"Não se trata  
tanto do que  
alguém julga  
que pensa  
mas do que  
realmente  
pensa... o**

**que talvez  
só venha a  
descobrir -  
para sua  
própria  
surpresa -  
por ocasião  
de um forte  
abalo  
existencial  
[41].**

**Não só a Universidade, também o tema "O que é filosofar?" é, no fundo, essencialmente antropológico:**

**Tal questão ("o  
que significa  
filosofar?")  
não é uma  
indagação  
preliminar; é,  
eminentemente,  
uma questão  
filosófica, que  
nos situa no  
próprio centro  
da Filosofia.  
Mais  
exatamente:  
nada posso  
dizer sobre a  
essência da  
Filosofia e do  
filosofar sem,  
ao mesmo  
tempo, fazer  
uma afirmação  
sobre a  
essência do  
homem[42].**

Os exemplos deste acesso indireto ao ser do homem poderiam se multiplicar[43]. Tomemos o caso extremo: a obra cujo título, aparentemente tão alheio à Antropologia, é: Verdade das Coisas. O subtítulo desse livro é: "Uma Pesquisa sobre a Antropologia da Alta Idade Média"[44].

Parece-nos, portanto, acertado o juízo de A. Del Toro: o trabalho de Pieper dirige-se principalmente à Antropologia em seus fundamentos [45]. Só acrescentaríamos o seguinte: através de caminhos indiretos, que, à primeira vista podem não parecer antropológicos.

A sentença que se encontra no seu estudo Sakralität und "Entsakralisierung" deve - parece-nos - estender-se a toda a obra de Pieper: "Minha perspectiva é antes de tudo de natureza antropológica"[46].

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## 1.2. "Filosofar" ou "Filosofia"?

Em capítulos posteriores, analisaremos os componentes do ato de filosofar (análise que dará acesso à essência do homem e à da Universidade), e este é o momento de discutir uma questão prévia de decisiva importância: por que Josef Pieper distingue filosofar de Filosofia?[47]

Com efeito, nem sempre Filosofia pode ser empregado no sentido de filosofar. Pois "Filosofia" pode indicar meramente uma disciplina ao lado de outras disciplinas (Matemática, Física, etc.), enquanto "filosofar" é uma atitude interior, um "modo de olhar" para o mundo e a realidade: "Filosofar é antes uma atitude humana fundamental diante do mundo (...) Filosofar e estudar Filosofia são duas coisas diferentes, e uma pode até ser obstáculo para a outra...[48]

E pode muito bem dar-se o caso de "a Filosofia enquanto 'matéria' ser estudada de maneira bem pouco filosófica"[49] (naturalmente, pode ocorrer também, que a disciplina "Filosofia" seja estudada, pesquisada e lecionada com o genuíno espírito do filosofar. É nesse sentido que falamos de "Filosofia da Educação" ou "Filosofia da Universidade" de Pieper, etc.)

É nesse contexto que se compreende o episódio que Pieper recolhe em sua autobiografia. Por ocasião das Bonner Hochschulwochen de 1947, convidado para proferir quatro conferências (que constituem o livro *Was heisst Philosophieren?*), quis denominá-las precisamente: "Que significa filosofar?"; mas os organizadores acharam essa formulação "insólita" e, a contragosto, teve de intitulá-las: "Introdução à Filosofia"[50].

Esse filosofar constituirá o coração da Filosofia da Educação pieperiana (o filosofar educacional de Pieper, naturalmente, desemboca numa Filosofia da Educação) e mostrar isto é o objetivo deste trabalho.

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **1.3. Posicionamento Filosófico**

**Já indicamos a extraordinária importância do conceito de filosofar. A análise dos componentes do filosofar permitir-nos-á o acesso à Antropologia pieperiana e o estabelecimento de uma proposta de Filosofia da Universidade conseqüente.**

**Previamente a essa análise, porém, convém caracterizar o que entendemos por posicionamento filosófico.**

**Há, numa filosofia qualquer, temas que derivam de outros (a Filosofia da Educação, por exemplo, decorre da Antropologia Filosófica) que, por sua vez, enviam a outros, e assim por diante.**

**É evidente que a série não pode estender-se ad infinitum e, se nessa filosofia não há petição de princípio, é necessário que se atinja uma região básica que não remete a nenhuma outra e nem recebe seu fundamento "de dentro" da própria Filosofia: é nesse nível profundo de posicionamento que se encontram os componentes do filosofar. Como dissemos alhures:**

***Pieper nos leva  
para além das  
doutrinas,  
teses, e quase  
até mesmo dos  
princípios dos  
diversos  
filósofos, para  
atingir regiões  
como que pré-  
filosóficas:  
aquele modo  
fundamental e  
último (que se  
poderia chamar  
posicionamento)  
de encarar os  
grandes temas  
da Filosofia: o  
ser e o***



**conhecimento  
(...) As  
questões  
decisivas para  
caracterizar  
esse  
posicionamento  
são questões  
aparentemente  
inocentes que  
versam sobre a  
origem, fim e  
condições do  
próprio ato de  
filosofar[51].**

**Tendo em conta que é principalmente a esse nível - que poderíamos chamar de ultra-essencial - que se situa o filosofar de Pieper, compreende-se que se apóie ao mesmo tempo em filósofos que se encontram - a outros níveis - em posições contrárias como é o caso de Platão, Aristóteles, S. Agostinho e S. Tomás:**

**O  
posicionamento,  
por estar a  
nível de atitude  
fundamental e  
prévia, permite  
identificar  
filósofos que  
diferem muito  
ao nível menos  
profundo das  
teses ou  
doutrinas  
filosóficas.  
Platão e  
Aristóteles tem,  
por exemplo,  
teorias do  
conhecimento e**

**concepções da  
alma bastante  
divergentes;  
mas identificam-  
se no  
posicionamento,  
na atitude  
básica diante  
da Filosofia[52].**

**Nessa mesma linha, Pieper, falando das divergências entre S. Agostinho e S. Tomás, comenta:**

**Que faz o  
próprio S.  
Tomás?  
Ccertamente  
ele nunca  
disse que  
sua visão do  
mundo não  
difere da de  
S. Agostinho;  
mas quando  
certa vez ele  
se referiu à  
questão da  
iluminação  
divina do  
conhecimento  
humano, e,  
portanto, um  
dos pontos  
mais  
importantes  
da contenda  
entre  
agostinismo  
e tomismo,  
ele diz que  
nesse ponto**

***a divergência  
entre S.  
Agostinho e  
ele não é  
muito  
importante:  
non multum  
refert  
(Quaest.  
disp. de  
spiritualibus  
creaturis 10  
ad 8)[53].***

**A ligação de Pieper com S. Tomás dá-se principalmente no posicionamento filosófico, nos grandes temas mais que nos secundários.**

***Devo dizer -  
diz Pieper ao  
afirmar o  
caráter  
paradigmático  
de S. Tomas -  
que nunca  
me passou  
pela cabeça  
referir a  
autoridade de  
S. Tomás a  
suas  
doutrinas  
biológicas  
(...) a  
Filosofia da  
Natureza é o  
ponto mais  
fraco de S.  
Tomás, "He  
has no heart  
for the task",***

***diz Gilson, o  
seu coração  
não está  
nessa tarefa;  
guarda sua  
energia  
intelectual  
para outros  
assuntos[54].***

**E é precisamente no que se refere a estes "outros assuntos" que Pieper cita e endossa a conhecida sentença de Alfred North Whitehead a propósito de Platão (falar de Platão - neste e em tantos outros contextos é falar de S. Tomás, ou Aristóteles, ou S. Agostinho), que afirma ser a Filosofia ocidental uma coleção de notas de pé-de-página ao mestre de Atenas[55].**

**Dado que Pieper também assume aquela tomada de posição conciliadora de S. Tomás (que, nos dois casos, é algo bem diferente de um "ecletismo, pois a unidade não se dá por "média" entre doutrinas antagônicas, mas atingindo um nível profundo onde realmente desaparecem as diferenças), não será de estranhar que reconheça na grandiosa figura de Boécio - entre tantos outros aspectos -, também o valor dessa atitude.**

**Num comentário a Aristóteles[56], em que Boécio anuncia seu ousado projeto de traduzir ao latim "omne Arístotelis opus, quodcumque in manus venerit... omnesque Platonis dialogos" todas as obras de Platão e de Aristóteles, nessa mesma passagem**

**Boécio  
demonstrará  
claramente  
até que  
ponto Platão  
e Aristóteles  
tinham sido  
do mesmo  
parecer nas  
questões  
filosóficas  
fundamentais  
(...in  
plerisque  
quae sunt  
philosophia  
maxime  
consentire)  
(...) Já em  
torno do ano  
500, Boécio  
foi capaz de  
apresentar  
um  
Aristóteles  
platônico  
como o  
apresentaram  
como  
autêntico,  
em nosso  
tempo, as  
pesquisas  
de Werner  
Jaeger[57].**

**Tendo indicado que os pressupostos da Filosofia estão muito ligados à questão "o que é filosofar?", deter-nos-emos a seguir em alguns deles.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## ALGUMAS CONSTANTES DO FILOSOFAR DE PIEPER

### 2.1. O Fenômeno

Neste capítulo trataremos de algumas constantes metodológicas de Pieper. Note-se, porém, que falar de "metodologia" quando nos referimos a um pensador como Pieper é impróprio na medida em que esse termo sugira operacionalidade ou qualquer tipo de procedimento rígido. Pois, na realidade, filosofar é, para Pieper, "um processo existencial que se desenvolve no centro do espírito, um ato espontâneo que arranca da vida interior"[\[58\]](#).

Aliás, como se poderia falar em metodologia (em sentido próprio e rigoroso) numa obra que tão acertadamente foi qualificada como de insight e sabedoria?[\[59\]](#)

Isto estabelecido, passemos a analisar algumas constantes "metodológicas" pieperianas.

Começemos pelo fenômeno. No já citado estudo filosófico sobre o sagrado, encontramos, explicitada pelo próprio autor, o voltar-se para o fenômeno como uma de suas atitudes habituais enquanto filósofo: "Como sempre, começaremos por apontar do melhor modo possível a resposta (a uma indagação filosófica) dirigindo a atenção ao fenômeno, isto é, àquilo que se manifesta"[\[60\]](#).

E, de fato, logo a seguir, recolhe situações (muitas delas vividas pelo próprio autor) onde se manifesta o tema que se propôs, no caso, o sagrado: a obrigação de descalçar-se para entrar em uma mesquita (em atenção ao lugar), a proibição de fumar aos sábados em Israel (em atenção ao tempo sagrado) etc.

Desde o mais minúsculo artigo ao mais volumoso livro, sempre a análise pieperiana se alimenta da manifestação, do fenômeno: o insight e a sabedoria se encontram justamente em trazer à consideração aquilo que realmente é significativo e em saber encontrar aí a profunda dimensão filosófica.

Com o fenômeno, Pieper traz a colorida viveza do concreto, da

experiência, o que torna a leitura algo fascinante, que se impõe com o peso da realidade, não permitindo sequer o aparecimento da célebre objeção contra a obscuridade dos filósofos, homens - assim se formula a irônica objeção - "com os pés firmemente cravados... nas nuvens"[\[61\]](#).

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





## **2.2. A Questão Filosófica como "Quaestio Disputata"**

Pieper está convencido, é aliás um tema de extraordinária importância em sua filosofia (e a ele ainda voltaremos), de que a Filosofia está dotada de uma "estrutura de esperança", isto é, jamais se poderá dar resposta cabal a uma indagação filosófica; que é, portanto, um assunto coletivo, a ser tratado em forma de diálogo ou discussão[62]. "E, precisamente por isso, (...um tema filosófico) há de ser examinado, desde o começo, como Quaestio Disputata, isto é, de modo tal, que a cada momento sintam-se a presença dos que pensam de outra maneira"[63].

O que afirmamos acima sobre o diálogo e a impossibilidade de dar resposta cabal, de esgotar um assunto filosófico não significa, evidentemente, que na quaestio disputata não se deva tomar uma posição e defendê-la: não se trata, de modo algum, de agnosticismo. Podemos conhecer a verdade, mas não podemos esgotá-la. E, já que o homem pode conhecer a verdade (e na medida em que o pode fazer) a discussão filosófica chega a uma determinatio, a uma conclusão.

Pieper considera tão importante o tema da quaestio disputata que chega a afirmar que nele se condensa e se põe em evidência o que há de paradigmático em S. Tomás[64].

Em seu ciclo de doze conferências, originalmente intitulado Introdução a S. Tomás de Aquino - onde explicitamente pretende mostrar em que e por que S. Tomás é o doutor universal da Cristandade[65] - dedica toda uma conferência - a sétima - exclusivamente ao espírito da quaestio disputata, princípio de renovação da Universidade de hoje[66].

Dentre as características da quaestio disputata de S. Tomás de Aquino (e que se torna em Pieper uma das constantes de seus livros), destacamos a de dar voz ao adversário com toda a honestidade, formulando sem distorções, exageros ou ironia (o que, em geral, nem sempre ocorre nas polêmicas e debates de hoje), as posições contrárias às que se defendem.

E - nessa sétima conferência - registra que em S. Tomás a

objetividade chega a tal ponto que o leitor menos avisado pode tomar como do Aquinate aquilo que ele recolhe dos adversários a modo de objeção. A propósito, em outra obra[67] lembra o triste exemplo do tão celebrado Carl Prantl, que interpretou como se fosse a posição de S. Tomás objeções brilhantemente por ele apresentadas às suas próprias teses.

Torna-se dispensado dizer que, tal como S. Tomás[68], Pieper não entende por quaestio disputata nada que tenha a ver com sutilezas enfadonhas e estéreis[69].

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **2.3. A Linguagem Comum**

**Pieper, tal como os grandes filósofos antigos e medievais, considera a linguagem, a linguagem comum[70], sempre campo privilegiado onde se manifesta (e também se esconde...) a realidade.**

**É de se  
supor que  
Platão,  
Aristóteles,  
S. Agostinho  
e S. Tomás  
sabiam muito  
bem o que  
faziam  
quando  
começavam  
sempre por  
inquirir a  
linguagem  
comum: Que  
pensam os  
homens  
quando  
dizem  
"liberdade",  
"alma",  
"vida",  
"felicidade",  
"amor" ou  
"fé"? É  
evidente que  
os patriarcas  
da Filosofia  
Ocidental  
não  
consideravam  
isto um mero  
expediente  
didático;  
antes**

***sustentaram  
a opinião de  
que sem tal  
conexão com  
a linguagem  
realmente  
falada pelos  
homens o  
pensamento  
perde sua  
força,  
convertendo-  
se em algo  
fantástico e  
carente de  
base[71].***

**A linguagem, dizíamos, manifesta, mas também esconde, a realidade: daí o trabalho de análise feito pela intuição do filósofo que, como é óbvio, não pode ingenuamente endossar sem mais o mero uso quotidiano das palavras, pois nesse uso "há, sem dúvida, abusos; e, como é claro, justamente as palavras-chave do falar humano são as que mais sofrem tais assédios"[72]. Um exemplo, extraído da obra *Über die Liebe*: "Basta ir folheando uma revista ilustrada enquanto esperamos a nossa vez no barbeiro, para dar vontade de nunca mais trazer aos lábios a palavra 'amor', nem mesmo em futuro longínquo"[73]. E é que o filósofo deve fazer um esforço de depuração e aprofundamento para ser conduzido da linguagem à realidade:**

***A averiguação  
do que é  
verdadeiramente  
pensado na  
linguagem viva  
dos homens  
não pode, em  
caso algum, ser  
considerada  
tarefa fácil (...) É  
quase  
impossível  
esgotar e  
circunscrever  
de modo  
preciso a  
significação  
plena,  
principalmente  
das palavras  
fundamentais  
(...) Cada  
indivíduo, ao  
utilizar de modo  
espontâneo as  
palavras,  
costuma  
exprimir com  
elas mais do  
que realmente  
diz  
conscientemente  
[74].***

**A seguir, exemplifica com a palavra "semelhança, que é "coincidência em alguns traços" - uma definição aparentemente precisa e que, além do mais, foi tirada do conhecido dicionário filosófico de Johannes Hoffmeister. Pieper mostra que só o uso vivo da linguagem pode manifestar que tal definição é falsa, incompleta, pois carece de um elemento essencial, a saber: a relação de dependência. Só damos por isso quando - voltando-nos para a**

**linguagem viva - nos damos conta de que não se diz que "um pai é semelhante ao filho", mas, que "o filho é que é semelhante ao pai".**

**E, o texto prossegue:**

***é uma  
empresa de  
máxima  
dificuldade  
tentar  
esquadrinhar  
a  
significação  
integral de  
uma palavra  
fundamental  
(...) e é  
necessário  
imunizar-se  
contra a  
tentação de  
perfeição  
que pode  
esconder-se  
por detrás  
de  
definições  
demasiado  
precisas.***

**Como se pode notar, o assunto é bastante problemático, sobretudo quando se tem em conta que é um procedimento constante e de extraordinária importância.**

**Numa de suas recentes micromeditações, Pieper explicitou uma lei fundamental que subjaz a essas suas análises de linguagem: "Nota-se que uma palavra está sendo usada em sentido impróprio quando sem alteração de sentido (num dado contexto) pode ser substituída por outra"[\[75\]](#).**

**Por tudo o que acima fica dito, o leitor não se surpreenderá de**

**encontrá-lo sempre extremamente atento - o filósofo ideal, diz Eliot no seu estudo sobre Pieper, deveria estar familiarizado com todas as línguas - não só às peculiaridades da língua alemã[76], mas também às do latim e do grego[77], do inglês[78], do francês[79], do russo [80], do indiano[81] etc.; ao que a linguagem comum diz (ou deixa de dizer).**

**Um outro problema importante no campo da interpretação da linguagem, sobretudo quando se quer compreender um autor de outra época (o que para Pieper é decisivo) é o que ele denomina "captar o não-dito". Pela especial importância, transcrevemos o texto essencial a respeito:**

***Sobre o que é  
evidente não se  
fala; o que de per  
si é  
compreendido  
"goes without  
saying", passa  
sem dizer. A  
questão é saber  
o que é óbvio e,  
portanto, pode  
ficar inexpresso.***

***Nesta, por assim  
dizer, inocente  
consideração  
(também ela de  
algum modo  
evidente) reside a  
máxima e real  
dificuldade de  
toda  
interpretação de  
texto, na medida  
em que, no texto  
que vai ser  
interpretado,  
algumas coisas  
permaneceram***

**sem ser  
expressas por  
causa de sua  
evidência; coisas  
que para quem o  
interpreta de  
modo algum são  
óbvias porque  
ele não as capta  
sem mais.**

**E isto significa  
que, para quem  
interpreta, a  
clave da real  
captação  
também se  
alterou.**

**Na interpretação  
de um texto,  
sobretudo de um  
texto de época  
ou cultura alheia  
à nossa, o que é  
pura e  
simplesmente  
decisivo (e, ao  
mesmo tempo,  
difícil)  
reside nisto:  
captar os óbvios  
fundamentais,  
que  
subrepticamente  
entretecem o que  
foi dito, dar com  
a chave invisível  
que subjaz ao  
expressamente  
dito. Pode-se até  
dizer que a  
doutrina de um**



***pensador "esteja  
no que diz sem  
dizer" (Heidegger)  
[82].***

**Pieper propõe como detector e solução para o problema dos "ditos não- ditos", a atenção às "brechas", aos saltos lógicos no discurso (isto é, ao que aparece a quem interpreta como tais), pois é aí que o autor que está sendo interpretado tem suas evidências inexpressas.**

- 
- ***Anterior***
  - ***Índice***
  - ***Posterior***



## **2.4. Filósofos Antigos e Medievais como Base**

A constante pieperiana que analisaremos neste tópico dá, de modo especial, margem a mal-entendidos, de forma que procuraremos cuidadosamente precisar qual é o sentido da relação de Pieper com os filósofos antigos e medievais e, de modo muito particular, S. Tomás de Aquino.

Começemos por registrar o fato da constante referência de Pieper a S. Tomás, Platão, Aristóteles e S. Agostinho. Para que isto se torne mais que evidente, basta consultar o índice onomástico de uma obra sua qualquer. Aliás, é o próprio filósofo de Münster quem o diz:

*Nas  
questões  
que se  
referem às  
realidades  
fundamentais  
da existência  
[83] como  
esperança  
amor, graça,  
liberdade,  
morte, etc. a  
originalidade  
de um  
pensador  
individual  
significa  
muito pouco  
(...)  
enquanto a  
sabedoria  
dos antigos  
mostra-se  
com um  
rosto  
totalmente  
jovem se a  
meditamos*

**com  
suficiente  
coragem  
[84].**

Também se expressa do mesmo modo em relação a um tema tão vivamente atual como a Justiça[85]. E num livro em que segue passo a passo S. Tomás (mas a afirmação parece-nos valer para toda a obra de Pieper), afirma fazer essa referência "não com uma intenção histórica, mas para pôr em evidência a força de irradiação que se contém na realidade"[86]. Precisamente esse sentido foi desde muito cedo (1933) advertido no trabalho de Pieper pelo filósofo Peter Wust: "Trata-se de algo distinto de mero trabalho de escavação histórica"[87].

Como deve ser entendida então essa constante pieperiana? Poderíamos qualificá-lo de tomista? Sua resposta a esta pergunta é: não![88] Não, na medida em que "tomismo" possa dar margem a confusão com um sistema fechado de proposições, que passe ao largo das duas características mais decisivas da atitude de S. Tomás como pensador: a abertura para a totalidade e o caráter negativo de sua Teologia e Filosofia (de que ainda falaremos em 2.5 e 4.7).

Trata-se de uma questão de linguagem, na medida em que "tomismo" (no sentido da nota anterior) possa significar 'como disse Gilson', antes uma filosofia ad mentem Cartesii que uma ad mentem Divi Thomae"[89]. Por isso, Pieper julga mais fiel ao espírito de S. Tomás uma recusa do termo "tomismo"[90]: "Quem verdadeiramente filosofa sabe que - ao contrário do que pensam muitos professores de Filosofia - (...) o objeto próprio da Filosofia é a realidade"[91].

Se a Filosofia versa sobre a realidade (e, portanto, não sobre o que este ou aquele filósofo disse), qual, então, o sentido de tantas referências a S. Tomás, Platão etc.?

A resposta a esta pergunta se encontra na quarta conferência de Thomas von Aquin, onde Pieper explica o verdadeiro sentido da referência de Tomás a Aristóteles e que é precisamente o mesmo da sua a S. Tomás:

**O que  
interessa a S.  
Tomás em  
Aristóteles  
não é  
Aristóteles,  
mas a  
verdade. Não  
lhe interessa  
primariamente  
"o que os  
outros  
pensaram",  
assim o disse  
ele próprio, e,  
precisamente  
num  
comentário a  
Aristóteles,  
dirigido a  
averiguar o  
que  
Aristóteles  
realmente  
pensava. No  
entanto, em  
última  
instância,  
não lhe  
interessa o  
que  
Aristóteles  
pensava,  
"mas qual é a  
verdade das  
coisas"[92].**

**E mais,**

**(Quando S.  
Tomás diz)  
sicut patet  
per  
philosophum  
ele quer  
dizer como  
ficou claro  
por  
Aristóteles.  
Não porque  
seja  
Aristóteles  
quem o  
diga, mas  
porque  
tornou-se  
claro (por  
Aristóteles,  
o que não é  
casual); por  
isso é  
verdadeiro.  
É válido  
porque é  
verdadeiro.  
Quem cita  
desta  
maneira não  
cita, em  
sentido  
estrito, uma  
autoridade;  
não se liga  
ao autor  
[93].**

**Também para Pieper, os grandes filósofos antigos e medievais só interessam enquanto testemunhas da verdade; uma verdade que tem de mostrar-se por si mesma e manifestar sua validade em virtude de seus próprios argumentos objetivos[94].**

**Nessa perspectiva, destaca-se a figura de S. Tomás de Aquino, na medida em que sua grandiosa obra recolhe o melhor não só da sabedoria da Teologia dos primeiros séculos cristãos, mas também da tradição filosófica grega (o que inclui muito mais que o mero "aristotelismo"). E, além disso, sua obra apresenta uma original unidade, pois brota de uma espiritualidade, vincada pela Sagrada Escritura e pelo culto[95].**

**Para finalizar, poderíamos tentar uma caracterização geral da obra de Pieper, formulando-a em duas palavras: S. Tomás-Hoje[96].**

**Pieper interpreta S. Tomás (no sentido de buscar captar a verdade orientado por S. Tomás) e segue-o, mas numa perspectiva de hoje, a partir da problemática de hoje.**

**Pense-se, como exemplos fundamentais, no papel desempenhado pelas ciências contemporâneas ou pelas nossas realidades sociais.**

**A ciência. Ao afirmar que o filosofar deve voltar-se para a experiência, acrescenta que os atos dessa experiência se acumulam e se conservam "antes de tudo, como ninguém ignora, nos arsenais da ciência"[97], e que, portanto, o filósofo não pode de modo algum passar à margem da ciência[98].**

**A realidade social. Como quando, por exemplo, discutindo os conceitos de "bem comum" e de "filosofar" em S. Tomás, o faz com o olhar voltado para o nosso mundo:**

***Se é verdade  
que o  
filosofar é um  
ato que  
ultrapassa,  
transcende o  
mundo do  
trabalho, a  
nossa  
questão "que  
significa  
filosofar?" -  
aparentemente  
tão "teórica"***

**e abstrata -  
transforma-  
se, de repente  
e  
subitamente,  
numa questão  
de extrema  
atualidade  
histórica[99].**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **2.5. Filosolar e Teologia**

**"Conexão entre Filosofia e Teologia" é um ponto destacado unanimemente pelos que analisam sua obra, como uma das principais características de Pieper.**

**Destacamos dois depoimentos de insígnies pensadores: Hans Urs von Balthasar e Jacques Maritain. Do primeiro, recolhemos estas palavras: "Pieper destemidamente celebrou o inevitável enlace que 'desde sempre'[100] existiu entre Filosofia e Teologia"[101].**

**Maritain, discorrendo sobre a Filosofia da História, e afirmando a especial necessidade de, nesse caso, se recorrer à Teologia, diz:**

***Para confirmar esses pontos de vista, seja-me permitido mencionar dois livros de eminentes autores, cujas perspectivas são diferentes da minha (bem diferente no segundo caso[102]) e cuja concordância com minhas próprias conclusões é do mais alto interesse para mim.***

***Refiro-me, em primeiro lugar, ao livro de Josef Pieper: *Über das Ende der Zeit. Eine geschichtsphilosophische Meditation*. Pieper, a meu ver, submete à Teologia o opus philosophicum, em sua integridade[103].***

**Como se realiza essa conexão? Para esclarecer esta questão,**



**seguiremos inicialmente o Cap. IX da Verteidigungsrede für die Philosophie, uma de suas últimas formulações ao tema.**

**É ponto pacífico que o filosofar não pode deixar de considerar os resultados das ciências. Ninguém diria que a Filosofia estuda a "natureza metafísica" do homem e, portanto, não lhe interessa o que as ciências (biológicas, sociais, do comportamento etc.) informam a respeito do ser humano.**

**A questão que Pieper coloca, porém, é esta:**

***Forma parte  
do autêntico  
filosofar a  
inclusão da  
consideração  
de  
informações  
sobre o  
mundo e a  
existência,  
que não  
procedem da  
experiência ou  
de  
argumentos  
de razão, mas  
de um setor  
que convém  
designar  
mediante  
nomes,  
digamos,  
como  
"revelação",  
"sagrada  
tradição", "fé",  
"teologia"?  
Podem-se  
acolher no  
filosofar tais  
asserções não  
demonstráveis***

**empírica e  
racionalmente?**

**[104]**

**Ao que responde: "Isto não só é possível e legítimo, mas até mesmo necessário" [105].**

**Esclarecendo o verdadeiro sentido da posição de Pieper, diremos, inicialmente, que ele se refere ao filosofar, à pessoa que filosofa e não à Filosofia entendida como matéria.**

**Como diz em Was heisst Philosophieren?:**

**É de  
Fichte a  
afirmação:  
"A  
Filosofia  
que se  
escolhe  
depende  
do homem  
que se é".  
A  
formulação  
não é  
muito  
feliz, pois  
não se  
trata de  
"escolher"  
uma  
Filosofia.  
Em todo  
caso é  
claro e  
acertado o  
que o  
autor  
pretende  
dizer com**

**isso. No  
próprio  
campo do  
saber  
natural as  
coisas  
não se  
processam  
de modo  
que baste  
forçar um  
pouco a  
cabeça  
para  
entrar na  
posse de  
uma  
verdade.  
Isso vale  
mais  
ainda  
quando  
essa  
verdade  
se  
relaciona  
com o  
sentido do  
mundo e  
da vida.  
Aí, com  
maior  
razão, não  
basta ter  
uma "boa  
cabeça", é  
preciso  
ser algo  
como  
homem,  
como  
pessoa  
[106].**

**E uma pessoa - tomada em sua totalidade, diríamos "existencial" - ao filosofar, ao fazer sua "opção" filosófica, já antes (trata-se de um pré-suposto) possui uma interpretação da realidade, condição de todo o filosofar: na Teologia.**

**E especialmente aqui vale a distinção entre filosofar e Filosofia:**

***Não se  
trata aqui  
da  
Filosofia,  
mas (...)  
do  
filosofar  
existencial  
e da  
pessoa  
que  
filosofa.  
Não se  
trata  
portanto  
de se,  
numa  
exposição  
sistemática  
dos  
problemas  
de  
conteúdo  
da  
Filosofia,  
devem ou  
não  
intervir,  
por  
exemplo,  
teses  
teológicas  
[107].***

**É necessário salientar que não se trata de invasão no campo da Teologia, assim como não se trata de fazer Física quando o filósofo, perguntando-se pelo ser da matéria, utiliza resultados da Mecânica Quântica.**

**Evidentemente uma questão decisiva no caso (e cuja resposta afirmativa representa um dos explícitos pressupostos pieperianos de que fala T. S. Eliot), é a de saber se se pode dar um falar de Deus aos homens e se tal revelação possa ser discernível por nós[108].**

**Consideremos agora a famosa fórmula "philosophia ancilla theologiae" (a Filosofia é serva da Teologia), que com tanta freqüência (e pelas duas partes) tem sido mal compreendida. Na realidade, segundo Pieper, ela não indica outra coisa que a necessidade de mútua colaboração[109].**

**Pieper esclarece no Cap. VII de Thomas von Aquin: Leben und Werk que a Filosofia não "serve" a nada porque ela tem a ver com a sabedoria e, portanto, não é ordenada mas é ela que ordena: "sapientem (...) non decet ordinari ab alio, sed ipsum potius alios ordinare"[110]. Esta é uma das notas que distinguem a Filosofia das ciências particulares (é claro que a ciência médica é serva da práxis curativa, a Física e a Química servem a fins técnicos, econômicos, etc.) À capciosa pergunta: "Então, a Filosofia não serve sequer à Teologia?", Pieper responde que o "tomar a serviço" da Filosofia pela Teologia é algo único e incomparável, com estrutura totalmente diferente da do serviço que as ciências prestam à prática. A Filosofia dirige-se à sabedoria em si mesma, tal como - de um modo mais elevado - o faz a Teologia. Ou seja, a Filosofia - quando se relaciona com a Teologia - não está se subordinando a um fim situado fora de si mesma; antes refere-se ao mesmo "saber sobre as últimas causas" que se realiza, de modo distinto, na fé e na Teologia.**

**Mútua colaboração, dizíamos, da qual a Teologia se beneficia pela manutenção de sua abertura para o todo da realidade ao invés de sucumbir à tentação "de uma postura pretensamente autárquica"[111].**

**Uma dimensão essencial dessa colaboração foi lúcida e acertadamente condensada por Gilberto de Mello Kujawski no artigo**

**" A Volta de S. Tomás" (onde freqüente e expressamente cita o Scholastik e o Thomas von Aquin - ed. espanhola - de Pieper):**

***Para o doutor  
angélico -  
comenta Pieper  
[112] - a  
realidade  
mundana  
natural só se  
pode fundar e  
justificar em  
último termo,  
teologicamente,  
ou seja,  
enquanto  
realidade  
criada por  
Deus.  
Precisamente  
porque há uma  
Criação,  
existem seres  
e coisas com  
natureza  
própria, que  
não só estão  
aí, existem por  
si mesmas,  
mas também  
podem atuar e  
produzir a  
partir de  
si" (Pieper, p.  
354). Em  
segundo lugar  
- acrescenta o  
citado autor -  
S. Tomás  
afirma que as  
coisas todas,  
por serem  
criadas por***

**Deus, são  
boas, e por  
isso o pecado  
não muda  
essencialmente  
a estrutura do  
mundo. E em  
terceiro lugar,  
se o Logos se  
fez "carne",  
como reza o  
Evangelho de  
São João, será  
preciso  
descartar a  
idéia  
maniquéia de  
que o corpo  
provém do  
mal. A  
realidade  
mundana  
natural e a  
realidade  
humana  
corpórea são  
boas em si  
mesmas, e  
quem despreza  
a perfeição das  
coisas,  
despreza a  
perfeição da  
virtude divina.**

**Em suma, a  
grandeza e a  
genialidade de  
S. Tomás, seu  
título de  
permanência  
na história do  
pensamento  
justifica-se  
pela dupla  
façanha que  
conseguiu  
realizar, uma  
complementar  
da outra: 1º)  
legítima a  
natureza e o  
mundo por  
intermédio da  
Teologia; 2º)  
oferece à  
consideração  
da teologia o  
mundo e a  
natureza, em  
sua imensa  
amplidão e  
variedade. (...)  
E para resumir  
S. Tomás,  
Pieper  
emprega a  
fórmula  
definitiva:  
"mundanidade  
teologicamente  
fundada, e  
Teologia  
aberta ao  
mundo"[113].**



**O que mais nos importa aqui são, no entanto, os benefícios que a Filosofia haure do contato com a Teologia. Dois deles são apontados por Pieper no, há pouco citado. "Die mögliche Zukunft"....: enriquecimento e inquietude.**

**E exemplifica com um tema de que nos ocuparemos no Cap. 4: a dupla face do conceito de Criação. Se a pessoa que filosofa crê, crê que o mundo procede do Logos divino e, por isso, os entes são, ao mesmo tempo, cognoscíveis e inabarcáveis pelo homem, recebe, com isso, uma fecunda linha de investigação da realidade que, de modo algum, paralisa ou obstrui a pesquisa filosófica. Pelo contrário.**

**Será que, no que se refere a esses temas fundamentais de qualquer filosofar, a ausência de pressupostos (Voraussetzungslosigkeit) apreçoada por tantos filósofos não consistirá antes, como diz Eliot, em ocultar seus pressupostos de si mesmos e do leitor?**

**Ainda quanto ao tema da fundamentação do conhecimento, detenhamo-nos no contundente questionamento que Pieper oferece em Über das Ende der Zeit:**

***Que é o  
conhecimento  
em si e em  
última análise?  
A reflexão  
filosófica sobre  
esta questão,  
sua discussão  
tem, é verdade,  
um fundamento  
experimental  
incontestável (a  
experiência das  
sensações, do  
pensamento,  
etc.). Mas se eu  
a levo mais  
adiante,  
necessariamente  
chegará um***

**momento em  
que deva  
considerar a  
realidade  
objetiva de um  
lado e a  
faculdade  
humana de  
conhecer de  
outro; ser-me-á  
necessário, em  
certo momento,  
colocar a  
questão assim  
formulada por  
Heidegger: "De  
onde a  
enunciação  
representativa  
toma a  
orientação de  
se dirigir para o  
objeto, e de se  
orientar  
retamente?  
(Vom Wesen der  
Wahrheit,  
Frankfurt, 1943,  
p. 13); donde o  
sujeito  
cognoscente  
tem "a  
orientação para  
o que é"? (idem,  
p. 21) e onde se  
encontra o  
fundamento  
interior dessa  
orientação do  
conhecimento  
para o ser? Sem  
dúvida, esta  
questão se situa**

***no centro, na  
raiz de toda  
teoria filosófica  
do ser: e é uma  
das formas sob  
as que aparece,  
a um certo  
momento, o  
problema da  
natureza do  
conhecimento  
(...) Ora, é  
evidente que  
esta questão  
que diz respeito  
aos  
fundamentos do  
conhecimento  
("donde o  
conhecimento  
tira sua  
orientação para  
o ente?") não  
pode receber  
resposta à  
margem de uma  
afirmação  
teológica[114].***

**Certamente, prossegue Pieper, uma Filosofia que recuse a ordenação à Teologia limita-se a ser uma ciência especializada (a modo da lógica formal, por exemplo), ou, sim, volta-se para as raízes dos seus temas, mas - a pretexto de traçar nítidos limites entre Teologia e Filosofia - a cada momento dirá: alto! e interromperá o único caminho que permitiria um real aprofundamento às últimas causas "e já não se trataria mais de Filosofia no sentido de Platão e de Aristóteles e da grande tradição ocidental!"[115]**

**Uma nota final, indicativa das principais passagens onde se desenvolve o inesgotável tema deste tópico. Pieper expõe criticamente suas teses sobre a fundamentação teológica de todo**

filosofar em diversas obras: no já citado Cap. IX da *Verteidigungsrede für die Philosophie* (onde trata também das objeções à Filosofia Cristã procedentes de Heidegger e Jaspers, bem como do erro de uma exagerada pretensão de pureza metodológica na Filosofia); no Cap. I de *Über das Ende der Zeit*; no artigo "Gibt es eine nicht-christliche Philosophie?" (in *Weistum, Dichtung, Sakrament*); no Cap. IV de *Was heisst Philosophieren?*, etc. Em *Überlieferung* e em *Über die platonischen Mythen* (máxime nos Caps. V e VI) aborda a abertura para a Teologia no filosofar de Platão.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## A UNIVERSIDADE: PEDAGOGIA DAS ARTES LIBERAIS

### 3.1. *O Filosofar Transcede o Mundo do Trabalho*

Passemos agora à caracterização que Pieper faz do filosofar (o que representará também uma caracterização filosófica do homem e da Universidade).

Tal tarefa se realizará a partir da análise do tema sob diversos ângulos: o princípio e o fim do filosofar, suas condições, seu contraste com outras atividades humanas.

O tema é multifacético e o próprio estilo filosófico de Pieper, assistemático, torna difícil a tarefa de ordená-lo. Optamos, pois, por começar seguindo o caminho trilhado pelo próprio Pieper nas conferências que deram origem ao livro *Was heisst Philosophieren?*: "Numa primeira aproximação, pode-se dizer que filosofar é um ato em que é ultrapassado o mundo do trabalho"[\[116\]](#).

Sem considerações abstratas, Pieper descreve em rápidos e incisivos traços esse mundo:

*O mundo do  
trabalho é o  
mundo do dia  
de trabalho, o  
mundo da  
utilidade, da  
sujeição a  
fins  
imediatos,  
dos  
resultados,  
do exercício  
de uma  
função; é o  
mundo das  
necessidades*

***e da  
produtividade,  
o mundo da  
fome e do  
modo de  
saciá-la. O  
mundo do  
trabalho se  
rege por esta  
meta: a  
realização da  
utilidade  
comum"; é  
este o mundo  
do trabalho  
na medida  
em que  
trabalho é  
sinônimo de  
atividade útil  
(à qual é  
próprio ao  
mesmo  
tempo a ação  
e o esforço)  
[117].***

**O mundo do trabalho se dirige à utilidade comum, conceito que deve ser diferenciado do de bem comum.**

**Precisamente a confusão, a identificação de "bem comum" com "utilidade comum" é a grande ameaça de totalitarismo do mundo do trabalho, que tende a apoderar-se cada vez mais da existência humana em sua totalidade[118]. Na verdade, "bem comum" e "utilidade comum" distinguem-se como o todo da parte[119].**

**Daí a grande atualidade, também política[120], da afirmação categórica de que o filosofar não pertence ao mundo do trabalho pois "não serve absolutamente para nada" prático e, no entanto, é algo necessário: trata-se de uma clara recusa das pretensões de totalidade do mundo do trabalho e do estabelecimento de um plano**

**qüinqüenal em norma absoluta da atividade humana[121].**

**O que há de nefasto nos planos qüinqüenais não é a harmonização de produção e demanda, mas a pretensão - de que todo regime totalitário se investe e lhe é essencial - de assenhorear-se de modo definitivo e exaustivo do conteúdo concreto do bem comum, regulando não só a mineração e as hidroelétricas como também os planos docentes das universidades e a atividade dos artistas e dos filósofos**

***de tal forma que  
o que não se  
ajuste ao modelo  
é considerado  
não justificado e  
se declara  
"socialmente não  
importante" e  
"indesejável",  
quando não  
simplesmente  
proibido e  
reprimido[122].***

***Daí a  
extraordinária  
importância da  
afirmação de que  
há um setor da  
existência para o  
qual não têm  
nenhum sentido  
as categorias de  
"produtividade",  
"praticidade",  
"aproveitamento",  
efficiency, e que,  
no entanto forma  
parte  
necessariamente  
da vida humana  
[123].***

**A afirmação da transcendência do filosofar não implica de modo algum desprezo pelo trabalho:**

***Longe de  
nós  
subestimar  
do alto de  
algum  
pretenso  
pedestal  
de ócio  
filosófico  
este  
mundo do  
trabalho  
diário.  
Não é  
necessário  
insistir no  
fato óbvio  
de que  
este  
mundo do  
trabalho  
pertence à  
própria  
essência  
do mundo  
do  
homem; é  
nele que  
se cria a  
base de  
sua  
existência  
física,  
sem a  
qual o  
homem  
nem  
poderia***



***filosofar!***

**[124]**

**Não se pense, pois, que a afirmação de que a Filosofia transcende o mundo do trabalho equivalha a afirmar que ela seja etérea, alheia à realidade quotidiana. Platão (Teeteto, 175), após narrar o episódio de Tales caindo no poço, explica o sentido para o que aponta a indagação filosófica: o filósofo quer saber não se um rei que tem muito ouro é feliz ou não, mas o que é em si o poder, a felicidade e a miséria, em si e em suas últimas razões (überhaupt und im letzten Grunde)[125]**

**Assim, o filósofo não se afasta de modo algum da realidade quotidiana, mas sim das interpretações e valorações quotidianas [126] do mundo do trabalho[127].**

**Essa situação do filosofar, que de início colocamos como algo negativo (não estar imerso no mundo do trabalho, não estar a serviço de nenhuma finalidade prática), é, na realidade, uma distinção de dignidade que é necessário reivindicar, afirmar e defender.**

**Formulando de modo positivo, filosofar é algo que tem sentido em si mesmo, sua legitimidade não decorre de que sirva para isto ou para aquilo e, precisamente por isso, é livre.**

**Aí tocamos um dos pontos mais fundamentais do presente trabalho: da afirmação da liberdade da Filosofia decorrerá boa parte da Filosofia da Educação pieperiana - a pedagogia das artes liberais.**

**É esse o  
sentido da  
"liberdade"  
das artes  
liberales  
em  
oposição  
às artes  
serviles,  
artes  
servis, as  
quais,  
como diz  
S. Tomás  
estão  
ordenadas  
para uma  
utilidade  
que se  
alcança  
pela  
atividade  
(In Met. I,  
3, 59). A  
Filosofia  
sempre foi  
entendida  
como a  
mais livre  
dentre as  
artes  
liberais  
[128].**

**É importante notar que Pieper, ao utilizar as expressões "artes liberais" e "artes servis", não lhes dá nenhum sentido de discriminação social, referindo-se unicamente ao fim do conhecimento. Como, aliás, afirma de modo explícito:**

***Este adjetivo  
"servil", que  
compreensivelmente  
e não por acaso nos  
causa algum  
desgosto (...), não  
tinha  
originariamente o  
menor sentido  
pejorativo, antes  
seu significado  
exato era apenas o  
de atitude que serve  
a um fim, atividade  
que serve a alguma  
outra coisa, razão  
pela qual seu  
sentido reside fora  
de si mesma (o que  
com bastante  
precisão costuma-  
se denominar útil  
(...) (Do mesmo  
modo) liberalis é a  
atividade que não  
se dirige a um fim  
externo a si mesma,  
que tem sentido em  
si e, por isso não é  
strictu sensu "útil"  
nem se põe ao  
serviço de outra  
coisa[129].***

**Note-se que Pieper também não considera as artes liberais primariamente como um elenco de disciplinas enfatizando antes o espírito de liberdade que as caracteriza.**

**Como essas análises de Pieper são a defesa, o desenvolvimento e a apresentação ao homem de hoje das teses contidas num parágrafo de extrema importância da Metafísica de Aristóteles, transcrevemos**

**esse parágrafo:**

***Assim pois, já  
que foi para  
fugir da  
ignorância que  
os primeiros  
filósofos se  
devotaram à  
Filosofia, é  
evidente que é  
porque  
buscavam o  
saber tendo em  
vista só o  
conhecimento e  
não por um fim  
utilitário. A  
prova disso  
nos é dada pelo  
que se passou  
na realidade:  
foi depois de  
atendidas  
quase todas as  
necessidades  
da vida e  
satisfeito o que  
diz respeito ao  
bem-estar e ao  
conforto  
quando se  
começou a  
procurar uma  
disciplina  
desse gênero.  
A conclusão é  
que,  
manifestamente,  
não temos em  
vista em nossa  
pesquisa  
nenhum outro***

***interesse. Mas  
assim como  
chamamos livre  
o homem que é  
fim para si  
mesmo e não  
existe para  
outro, assim  
esta ciência é  
também a única  
entre todas as  
ciências que é  
uma disciplina  
liberal, já que é  
para si mesma  
seu próprio fim.  
É  
legitimamente,  
outrossim, que  
se pode  
considerar  
mais que  
humana sua  
posse[130].***

**Pieper trata do tema "liberdade do conhecimento", principalmente em *The Foundations of Freedom*[131] e em *Erkenntnis und Freiheit* [132].**

**Em *The Foundations of Freedom*, à expressa objeção feita pelo oponente de que Pieper estaria subtraindo o problema da liberdade ao contexto político, o filósofo de Münster responde:**

**A liberdade,  
é certo,  
manifesta-se  
de forma  
concreta no  
âmbito das  
instituições  
políticas -  
como  
também a  
ausência de  
liberdade.  
Mas a  
natureza  
fundamental  
do conceito  
que  
designamos  
por  
"liberdade"  
não pode ser  
compreendida  
num sentido  
puramente  
político. E  
chegaria  
mesmo a  
afirmar que  
liberdade  
política é um  
fator  
secundário:  
efeito antes  
que causa  
(...) A base  
interna  
profunda da  
liberdade é  
algo que tem  
suas raízes  
na pessoa  
humana[133].**

No texto mais linear de *Erkenntnis und Freiheit*, Pieper enumera ordenadamente as intuições fundamentais que - do ponto de vista da discussão intelectual - são as únicas que podem salvar a liberdade da ciência da decadência em que o Estado totalitário a lança.

Essas intuições versam sobre a liberdade do conhecimento, ou melhor, sobre uma determinada forma de conhecimento que é maximamente livre e o único que pode cabalmente chamar-se livre [134]: o conhecimento que aponta para o todo da realidade, que indaga sobre a essência e o ser das coisas "em si e em suas últimas razões" [135], o conhecimento filosófico [136].

Naturalmente, para bem discutir a relação entre conhecimento e liberdade, o ponto-chave encontra-se no significado de "liberdade" e o que representa em termos antropológicos.

Livre significa não-prático. Até tal ponto que o próprio homem (e não só o conhecimento), por ser um ente que conhece, que anseia por conhecer a verdade, é tanto mais livre quanto mais conhece teoreticamente, isto é, quanto mais estiver ocupado com a verdade e nada mais [137].

A proposição acima requer que apontemos para seus fundamentos. Em primeiro lugar, "a liberdade não é uma característica de uma organização administrativa em sentido coletivo, mas uma qualidade da pessoa humana individual". Ora, "um indivíduo é livre quando pode fazer o que quiser" [138].

Pieper admite que essa definição pode parecer um lugar comum, mas trata-se do significado literal e único possível de liberdade, que tem profundas raízes ontológicas, à primeira vista insuspeitadas. Pois, é um problema já agudamente levantado por Platão, é preciso saber o que realmente o homem quer, entendendo-se "querer" no sentido mais radical [139].

Tal problematicidade é recolhida por Pieper:

**Que  
queremos  
realmente?**

**A  
formulação  
desta  
pergunta  
dá a  
entender  
que  
podemos  
querer algo  
de forma  
aparente**

**ou  
suposta,  
não real.  
Isto não  
pode  
ocorrer  
sem certo  
paradoxo.**

**Lembro  
aqui uma  
passagem  
do Górgias**

**[140] na  
qual**

**Sócrates  
discute  
com o  
jovem  
intelectual  
sofista**

**Polo;  
aquele  
afirma que  
os tiranos  
a quem**

**Polo  
admira  
fazem o  
que lhes**



**apraz mas  
não o que  
realmente  
querem.**

**"Mas não  
dizes,  
Sócrates,  
que fazem  
o que lhes  
apraz?"**

**"Sim, e  
continuo a  
sustentar o  
que disse".**

**"Então,  
fazem o  
que  
querem".  
Não, digo  
que não".**

**"Apesar de  
fazerem o  
que lhes  
apraz?...  
Defendes  
absurdos,  
Sócrates:  
verdadeiros  
disparates".**

**O que  
Sócrates  
pretende é  
demonstrar  
a seu  
interlocutor  
que na  
realidade  
só se quer  
realmente  
o que é  
bom, o bem  
[141].**

**Se a liberdade pressupõe o bem, este por sua vez pressupõe a realidade: "o bem é aquilo que é conforme à realidade"[142]; bem é o que está de acordo com a natureza do homem[143].**

**A essas teses (que não vamos desenvolver neste livro) Pieper dedicou diversas de suas obras de Ética, principalmente Die Wirklichkeit und das Gute.**

**Bom é, dizíamos, aquilo que é conforme à natureza, ao ser do homem. Ora,**

***o homem é um  
ente cuja  
natureza  
essencialmente  
reside no  
desejo de ver e  
conhecer (...)  
Na atividade de  
compreender,  
o homem está  
fazendo aquilo  
que,  
essencialmente,  
ele quer fazer,  
e no ato de  
conhecimento  
é que ele é  
realmente livre  
[144].***

**Claro que o conhecimento a que se refere no contexto não é um conhecimento qualquer de fenômenos do mundo externo, mas o conhecimento que procura captar a natureza última da realidade como um todo.**

**É o momento de nos determos no caráter contemplativo do filosofar e do homem. Pois se o filosofar tem uma face negativa (não estar a serviço da práxis), tem também sua dimensão positiva, que é precisamente o voltar-se para o conhecimento teórico,**

**contemplativo da realidade.**

**Em palavras do próprio Pieper:**

***Essa não  
disponibilidade,  
essa liberdade  
da Filosofia - e  
afirmar isto  
parece-me da  
mais extrema e  
atual  
importância -  
está  
intimamente  
relacionada e  
até identificada  
com o caráter  
teorético da  
Filosofia.  
Filosofar é a  
forma mais  
pura de  
theorein, de  
speculari, do  
puro olhar  
receptivo da  
realidade[145].***

---

▪ ***Anterior***

▪ ***Índice***

▪ ***Posterior***



### **3.2. A Contemplação**

O homem é um ser tal que a sua realização, "a sua suprema felicidade se encontra na contemplação"[146].

Exclusivamente à interpretação e justificação dessa sentença, Pieper escreveu a obra *Glück und Kontemplation*. Recolheremos - dessa e de outras obras - aspectos pertinentes a este trabalho. Inicialmente, devemos observar que a sentença acima é de extraordinária relevância para a Antropologia Filosófica, para a Ética e para a Educação.

E mais: "Ela (a sentença acima) expressa toda uma concepção cósmica, especialmente uma concepção que busca as raízes da natureza do homem e do sentido da existência humana"[147].

Contemplação é simplesmente outro nome para teoria[148]. Pieper faz notar que *contemplatio* é a tradução latina de *theoria*[149] que é, como apontávamos, livre e "orientada exclusivamente para a verdade, algo que tem sentido em si mesmo"[150].

Tenha-se em conta que esse "ter sentido em si mesmo" refere-se também ao homem, desde que concebido segundo o tradicional conceito de pessoa, "um ser que existe para seu próprio aperfeiçoamento: assim poderíamos definir pessoa com uma fórmula simplificada, ainda que não demasiadamente arbitrária"[151].

Ora, o que é "bom em si mesmo" deve afetar o todo da existência humana, o que é bom não para isto ou aquilo, mas, em última instância, bom. Pieper assente à antiqüíssima resposta de Anaxágoras sobre o bem último do homem:

***"Para que estás na terra?" A resposta de Anaxágoras foi: para a consideração contemplativa, eis theorian, do céu e da ordem do universo. Pois bem, exatamente o mesmo queremos expressar aqui com a tese que vamos examinar, a saber, que a consideração filosófica (...) é não só parte essencial do "bem do homem" (entendido como bem em si), mas também elemento imprescindível do bem comum[152].***

**Pois a realização, o bem, a felicidade do homem consiste em que ele tenha o que quer[153]. Ora, tão problemático quanto a definição - anteriormente discutida - do que o homem realmente quer, é o questionamento do ter: o que é, afinal, ter?**

**Pieper registra a profundidade dessa questão com uma epigramática frase de longínqua origem oriental: "'Meu jardim', disse o rico; o jardineiro, sorriu..."[154]**

**E é que conhecer, contemplar, ver com olhar de amor[155] a realidade tal como é - e aí se dá uma total coincidência entre os grandes da tradição ocidental -, é "nobilissimus modus habendi aliquid"[156], o modo mais nobre de se ter algo.**

**É claro, além disso, e a própria linguagem comum o atesta, que o**

**"ter" transcende a compra ou outros atos jurídicos ou cartoriais.**

**Com relação a  
qualquer coisa  
que queiramos  
ou creiamos  
possuir (jardim,  
livro, obra de  
arte; mas  
também  
amigos,  
mestres,  
pessoa amada  
e até alguma  
vivência ou  
acontecimento  
que só  
experimentamos  
uma vez),  
diremos que  
"temos algo" só  
na medida em  
que  
mantenhamos  
viva a sua  
presença,  
vendo-o de  
novo uma e  
outra vez,  
contemplando,  
pensando nele,  
recordando-o.  
De nenhuma  
outra maneira  
nos é dada  
nossa  
verdadeira  
riqueza, o que  
verdadeiramente  
possuímos na  
vida. Para  
certificar-nos  
disso, pouca**

**falta faz a  
confirmação da  
"sabedoria dos  
antigos"[157].**

**Ao final do cap. VII de Glück und Kontemplation, Pieper, também aí seguindo S. Tomás, explica a sentença expressa acima. O conhecimento é, no sentido mais estrito, assimilação: um assimilar em que o mundo objetivo, enquanto conhecido, chega a ser o próprio ser do sujeito cognoscente. Os entes não-cognoscentes limitam-se à sua própria forma; já os cognoscentes, além de possuírem (de modo natural) sua própria forma, possuem também (de modo intencional) as dos objetos conhecidos. Com especial profundidade e - como veremos - sem fronteiras, no caso do sujeito espiritual.**

***Aí onde está  
o espírito, aí  
está também  
a totalidade  
das coisas,  
aí "é  
possível que  
num só ente  
tenha  
existência a  
plenitude do  
universo (S.  
Tomás de  
Aquino, De  
Veritate II, 2).  
Aqui cabe  
também  
aquela  
grande  
sentença de  
Aristóteles  
que se  
tornou  
proverbal  
no Ocidente:***

**"A alma é,  
no fundo (im  
Grunde),  
todos os  
entes, anima  
est  
quodammodo  
omnia  
(Sobre a  
alma 3, 8;  
341-b)[158].**

**Ao comparar a contemplação própria da bem-aventurança final com a teoria filosófica, Pieper as conjuga, evitando, porém, identificá-las: se a visio beatifica é a plenitude de posse do anseio que já se dá no homo viator em prefiguração[159], o dirigir-se para a contemplação que se dá no filosofar é pergunta e procura e não ainda pleno achado e resposta[160].**

**Não só a felicidade "para além da outra margem da morte" se realizará como contemplação; "também o homem histórico, corporalmente existente é um ser dirigido em última instância para a contemplação, e que anseia pela contemplação"[161].**

**Tendo falado da contemplação e do ter, podemos entender melhor o que Pieper diz a respeito da verdadeira riqueza (e, também, da verdadeira pobreza) do homem.**

**A verdadeira  
Filosofia se  
apóia na  
crença de que  
a riqueza  
própria do  
homem (...)  
está em que  
sejamos  
capazes de  
ver aquilo que  
é, a totalidade  
daquilo que é**



**[162].**

**... Ao mesmo  
tempo põe-se  
ante os olhos  
a imagem da  
extrema  
pobreza  
humana, não  
material mas  
existencial. Já  
seria  
desconsolador  
ter que viver  
num mundo  
em que só  
houvesse o  
útil e o  
disponível  
sem poder  
alegrar-se  
com algo sem  
finalidade  
imediate; se  
não houvesse  
mais que  
ciência  
aplicada, mas  
não uma  
reflexão  
filosófica da  
totalidade da  
existência**

**[163].**

**Daí que o desumano do mundo totalitário do trabalho seja que seus tentáculos se lancem até mesmo sobre a existência espiritual do homem[164], negando tudo que não se submeta ao princípio de utilidade, que passa a ser encarado como sabotagem[165]: "Num mundo de trabalho total (... o filosofar ...) terá de fenecer, ou melhor, feneceria se fosse possível destruir totalmente a natureza**

humana"[166].

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **3.3. Lazer como Atitude do Espírito**

**Ao avanço do totalitarismo do mundo do trabalho, até mesmo sobre a vida espiritual do homem, Pieper opõe "um dos fundamentos da Cultura Ocidental", o lazer (conceito que adquire especial importância para nós, pois no conceito aristotélico de lazer radica-se a distinção entre artes liberais e servis)[167].**

**Desde logo convém ressaltar que Pieper considera o lazer - como também o seu contrário: a concepção que vê no trabalho a característica dominante de toda a existência do homem - não como categoria sociológica, mas atitude humana:**

***O lazer é, como  
atitude da alma (e  
é necessário  
deixar bem  
estabelecido algo  
que é claro: que o  
lazer não se deve  
somente a fatos  
externos como  
pausa no  
trabalho, tempo  
livre, fim de  
semana, férias;  
lazer é um estado  
de alma)  
precisamente o  
oposto do tipo do  
"trabalhador"[168].***

**Para caracterizar, por contraste, o espírito do lazer recorreremos à breve descrição da figura do "trabalhador" feita em Was heisst Akademisch?**

**O "trabalhador", tipo de que Pieper se vale para suas análises, nada tem a ver com camadas sociais, Pieper desfaz qualquer eventual mal-entendido que pudesse surgir a respeito:**

**Não é a camada  
social do  
operariado, ou  
do povo  
simples em  
geral, que é  
aqui tomada  
como o oposto  
do espírito  
acadêmico e  
excluída do seu  
domínio.**

**Estamos, pelo  
contrário,  
convencidos de  
que o homem  
simples, o  
povo, enquanto  
é capaz  
realmente de  
conservar esta  
simplicidade (o  
que só ocorre  
sob  
determinadas  
condições), tem  
uma  
capacidade  
toda particular  
de abrir-se ao  
mundo como  
um todo, com  
espírito  
contemplativo e  
"festivo", o que  
justamente  
constitui o  
melhor e mais  
íntimo da  
atitude  
verdadeiramente  
acadêmica**

**[169].**

**"Trabalhador" não significa aqui o homem que trabalha, mas uma concepção ideal-abstrata onde o fator determinante da vida deve ser visto no "estar a serviço" (e trabalho é essencialmente estar a serviço de algo[170]), no total entrosamento do Homem nos maquinismos de planejamento[171]. A atitude de lazer choca-se com a do "trabalhador" em três frentes:**

**- Diante do exclusivismo do trabalho como atividade, o lazer opõe o calar como pressuposto da percepção da realidade. "O lazer é a atitude receptiva, de imersão contemplativa do ser"[172].**

**- Ao exclusivismo do trabalho como função social, opõe-se a atitude de lazer que, ao contrário da pausa ou do tempo livre, no fundo ordenados ao trabalho, corta-o**

**verticalmente.**

**A**

**justificação  
do lazer não  
é a de repor  
forças ao  
trabalhador  
mas sim a de  
favorecer  
que continue  
sendo  
homem,  
capaz de  
contemplar o  
mundo como  
totalidade  
[\[173\]](#).**

**- Finalmente,  
ao  
exclusivismo  
do trabalho  
como  
esforço, o  
lazer  
contrapõe a  
atitude de  
contemplação  
festiva[\[174\]](#).**

---

▪ [\*Anterior\*](#)

▪ [\*Índice\*](#)

▪ [\*Posterior\*](#)



### **3.4. Nota sobre Festa, Amor e Arte**

Para ajudar a compor o quadro da mundividência de Pieper, parece-nos oportuna esta breve nota sobre festa, amor e arte; na qual seguiremos o caminho do discurso Die musischen Künste und das Fest.

Como em outras ocasiões, propõe à consideração a trágica pergunta do penetrante verso de Hölderlin: "Wozu Dichter in dürftiger Zeit? - Para que poetas em tempos de penúria?"[\[175\]](#)

Após esclarecer que a pergunta se refere a todas as artes (e não só à poesia) e que, na realidade, não se trata de uma autêntica pergunta mas de uma afirmação, Pieper assente às intuições expressas no poema:

*Qualquer  
que seja a  
interpretação  
concreta  
que se dê, o  
sentido das  
estrofes (de  
Brot und  
Wein) é  
muito claro:  
a pobreza  
existencial  
do homem  
consiste na  
incapacidade  
de celebrar  
festivamente  
uma festa  
[\[176\]](#).*

**Mas a incapacidade para a festa é ainda algo de provisório:**

**Se  
analisarmos  
com  
precisão,  
Hölderlin  
diz algo  
ainda mais  
radical: ele  
fala de  
louvor de  
culto, de  
louvor a  
Deus, que  
é a forma  
extrema  
que existe  
de  
aprovação  
da realidade  
[177].**

**E só aí atinge-se a raiz não só do festejar como também da lamentada penúria dos tempos. A quem objetasse que é abusivo lançar mão da Teologia - a exigência de dizer "Sim e Amém" ao mundo e à totalidade da existência - para a compreensão de algo tão simples como uma festa, Pieper responde com uma pergunta: Poderia celebrar mesmo uma simples festa de aniversário quem estivesse seriamente convencido, com Jean-Paul Sartre, de que é absurdo que tenhamos nascido, absurdo que existamos?[178]**

**Toda verdadeira festa vive da afirmação, da aprovação, ou, o que é o mesmo (e com isso alcançamos um dos pontos mais reiterados por Pieper), do amor.**

**Pois amor, em todas as suas formas, significa precisamente afirmar e aprovar, por-se diante do que é amado e dizer: "Que bom que existes!"[179]**

**A fronteira da Teologia nunca está longe, especialmente no que se refere a esses temas: é uma velha verdade teológica que a Criação é obra de toda a Trindade. Do poder do Pai, sim, mas pela Inteligência**



do Verbo e pelo Espírito de amor que, já no início dos tempos, profere a sentença criadora: "É bom que existas!"[180]

Se não há amor, se não há essa sintonia de aprovação ao mundo, não só não há festa como também não há arte. As musas são companheiras de festa e a festa, um dom da divindade aos homens [181]. Pieper - parafraseando Hölderlin - ajunta: "Para que companheiras de festa se não há festa?"[182]

E em Zustimmung zur Welt: "É claro que o invisível da festa - o louvor de culto que brota do mais íntimo - só pode adquirir forma concreta no âmbito das artes e de nenhum outro modo"[183].

- 
- *Anterior*
  - *Índice*
  - *Posterior*



### **3.5. Acadêmico Significa Filosófico-teorético**

A concepção de Pieper a cujo estudo dedicamos este trabalho é a de que as características da educação universitária são as mesmas do filosofar: "Formação acadêmica significa o mesmo que formação filosófica"[[184](#)].

Dois parágrafos decisivos, que condensam em si muito do essencial que vamos desenvolver neste e nos próximos capítulos, são os que se encontram em *Musse und Kult*, onde categoricamente se afirma:

*Falar do lugar e  
do direito da  
Filosofia é, ao  
mesmo tempo,  
falar de nada  
mais nada  
menos que do  
lugar e do direito  
da Universidade,  
da formação  
acadêmica, e da  
formação em  
geral no sentido  
próprio da  
palavra, a saber,  
naquele sentido  
pelo qual, por  
princípio a  
formação se  
distingue da  
simples  
instrução  
profissionalizante  
e a ultrapassa.*

*Instruído é o  
funcionário e a  
instrução  
(profissional) se  
caracteriza por*

***dirigir-se a um aspecto parcial e específico no ser humano e, ao mesmo tempo, a um determinado setor recortado do mundo. Já a formação se dirige ao todo: culto e formado é aquele que sabe o que acontece com o mundo em sua totalidade. A formação atinge o homem todo enquanto é capax universi, enquanto é capaz de apreender a totalidade das coisas que são [185].***

**Em busca do genuíno conceito de Universidade em Was heisst Akademisch?, Pieper inicialmente mostra a continuidade histórica - quanto ao ideal do espírito acadêmico - que se dá no Ocidente desde a Academia de Platão até as universidades de hoje: não é por acaso que chamamos nossas atuais instituições de ensino superior de acadêmicas. E, além disso, a escola de Platão tem sido, ao longo da História, constantemente apontada como paradigma de todas as escolas superiores do Ocidente[186].**

**Em que consiste esse caráter paradigmático?**

**Como vimos, o homem, por natureza, tende para a contemplação (o que se mostra na índole teórica do filosofar) e a Universidade realiza (deve realizar) em termos institucionais este anseio**

fundamental da natureza humana. Daí que a Academia de Platão - para além da mera continuidade histórica e independentemente de quais tenham sido suas formas, programas de ensino e didática - constitua, em seu núcleo mais essencial, um modelo atemporal, válido também para o nosso tempo: "o modo filosófico de encarar o mundo"[\[187\]](#).

De tal modo que "uma formação não baseada na Filosofia, não perpassada de Filosofia, não pode ser chamada de acadêmica"[\[188\]](#).

Naturalmente, teremos de explicitar esse paralelismo entre o filosofar e a educação universitária: tal é a tarefa que nos propusemos.

Tendo já indicado algumas características do filosofar (transcender o mundo do trabalho e possuir caráter teórico), façamos a transposição à Educação.

Na medida em que se aplica à Educação e à Universidade, "teoria" se traduzirá por "artes liberais".

Pois acadêmico significa filosófico e filosófico significa essencialmente (entre outras coisas) teórico e, portanto, algo voltado unicamente para a captação da realidade e alheio a fins práticos, e este é o sentido das artes liberais.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **3.6. A Pedagogia das Artes Liberais**

**Inicialmente convém desfazer alguns possíveis equívocos que poderiam surgir da leitura do ponto anterior.**

**Ao afirmar que a Universidade deve ser filosófica, não estamos com isso dizendo que não deva integrar seus fins a formação de profissionais competentes (médicos, físicos, juristas, etc.) nem tampouco que, ao lado da formação propriamente profissional do médico ou do jurista, sejam-lhes ministrados alguns cursos da disciplina Filosofia (o que poderia e talvez deveria ocorrer, mas não é o essencial).**

**E é que a proposta pieperiana dirige-se ao modo de realizar-se a formação universitária. Esse modo é que deve ser filosófico, se pretendemos que a Universidade seja "algo mais que simples instituição de formação de profissionais. Em que se encontra a legitimação de uma tal pretensão, e onde está o 'mais' das universidades senão no acadêmico-filosófico?"[189]**

**E explica:**

***O caráter  
acadêmico é  
constituído  
unicamente  
pelo fato de  
todas as  
ciências,  
também as  
ciências  
particulares,  
precisamente  
estas, serem  
tratadas de  
maneira  
acadêmica,  
o que  
significa de  
maneira  
filosófica***

**[190].**

**Somente à luz desses critérios pode-se compreender a crescente descaracterização, a perda de identidade que a Universidade vem sofrendo face à "concorrência" que as indústrias, empresas e bancos vem-lhe fazendo no tocante à formação profissional de seus quadros. Hoje, cada vez mais, as empresas dão cursos para seus funcionários. Evidentemente, esses cursos não têm um caráter "livre"; antes estão totalmente voltados para a realização de finalidades práticas. Se também a Universidade mergulha no mundo da utilidade, então - é a percuciente indagação de Pieper - que diferença há entre um curso, digamos, de Química na Universidade e o mesmo curso dado pelo setor de formação de pessoal de uma grande indústria farmacêutica?...**

**Na resposta - para quem se ativesse à estrita realidade fática -, tristemente, talvez só se encontre a diferença de que a indústria está melhor aparelhada e provida de recursos do que a Universidade **[191].****

**No entanto, caso a Universidade se volte para a realização daquele anseio da natureza humana a que corresponde, se ela realiza sua vocação filosófica, ficará nítida a sua própria especificidade:**

***O que o  
distingue  
(um estudo  
especializado  
qualquer,  
realizado à  
maneira  
filosófica) é  
antes de  
tudo, a  
ausência de  
vínculos que  
o liguem a  
qualquer fim  
utilitário.  
Essa é a  
verdadeira***

*liberdade  
acadêmica;  
essa  
liberdade é,  
per  
definitionem,  
destruída no  
momento em  
que as  
ciências se  
tornam um  
simples  
disfarce  
utilitário  
para  
qualquer  
espécie de  
poder*[\[192\]](#).

Esse caráter teórico do filosofar aplicado à Universidade, ao tratamento de cada disciplina particular, é o que designamos pela expressão "Pedagogia das Artes Liberais".

Aqui a contribuição de Pieper é especialmente esclarecedora e interessante: atinge o mais profundo núcleo constitutivo das artes liberais, deixando de lado características acidentais a que historicamente estiveram associadas essas artes. É o espírito das artes liberais o que hoje e sempre terá atualidade (mas não seja a atualidade do corretivo).

Assim, a proposta de uma Educação Liberal (no sentido indicado: o do espírito das artes liberais) tal como Pieper a formula hoje, não se refere a um elenco de disciplinas, nem, muito menos, a qualquer tipo de discriminação social com que se pôde confundir outrora o conceito de Artes Liberais. Refere-se, sim, a um sentido que já aparece em Santo Tomás: "Illae solae artes liberales dicuntur, quae ad sciendum ordinantur"[\[193\]](#), só se designam como liberais as artes que se dirigem somente ao saber e não à utilidade prática.

E, afirma Pieper, é neste sentido que "verdade e conhecimento, por um lado, e, liberdade, por outro, se encontram em mútua

conexão"[194]. E, complementarmente, "as artes serviles, artes servis, como diz Santo Tomás, estão ordenadas para uma utilidade que se alcança pela atividade"[195].

O fundamento filosófico da Pedagogia das Artes Liberais reside no fato de as ciências particulares, também elas, poderem ser em alguma medida tratadas filosoficamente, isto é, teoreticamente, participando desse modo da liberdade da Filosofia.

É nesse sentido que deve ser entendida a afirmação aristotélica de que só a Filosofia é livre[196], o que, na realidade, significa que a Filosofia é livre de modo máximo[197], pois nas ciências também pode ser encontrado um elemento filosófico de teoria e liberdade [198].

Certamente, uma ciência particular - que, como veremos no próximo capítulo, difere da Filosofia por não considerar em relação a seu objeto o todo da realidade - pode ser - contrariamente ao que ocorre com a Filosofia - legitimamente tomada ao serviço de fins utilitários. Não há nada na natureza da ciência particular que seja violado por isso.

A Pedagogia das Artes Liberais enfatizará não esse aspecto utilitário, mas o elemento filosófico, livre da aplicação prática, com que podem (e também devem) ser estudadas a Matemática, o Direito, a Física etc.

Como diz Pieper:

*Há  
também  
na  
Ciência,  
no seu  
núcleo  
mais  
íntimo,  
um  
elemento  
que não  
pode ser  
tomado*



*para a  
utilidade  
prática: é  
o  
elemento  
filosófico  
da teoria,  
que se  
dirige  
para a  
verdade  
e nada  
mais.  
Isto é: a  
Ciência  
tem, em  
virtude  
de sua  
essência,  
exigência  
de  
liberdade,  
por ser  
não  
prática,  
mas  
teorética  
[199].*

**Em que consistem, pois, as diferenças e semelhanças entre Filosofia e Ciência no tocante à teoria? Pieper admite que a resposta a essa pergunta não é simples nem fácil de se formular. Resumiremos a seguir as páginas 50 e ss. de *Verteidigungsrede für die Philosophie*. A teoria é ato da existência do homem que aponta para o entendimento (*Vernehmen*) da realidade. Esta capacidade de "ouvir", de captar (*Vernehmen*) é mesmo a própria capacidade intelectual do homem (*Vernunft*) como a linguagem (alemã) dá a entender. Essa potência intelectual realiza-se de modo puro na teoria. Ora, entender que dizer calar (*Vernehmen heisst schweigen*); o filosofar é o ouvir, caladamente[200], de forma absoluta e total. Já a Ciência não cala, pergunta (o "penoso interrogatório" com que, de um modo algo**

**exagerado, mas não totalmente impróprio, Francis Bacon referiu-se ao método experimental das ciências da natureza) e nisto diferenciase da Filosofia.**

**Contudo é possível, e até necessário (para quem quer obter conhecimento da realidade), que as respostas obtidas no indagar científico sejam recebidas em atitude de teoria. Este silêncio[201] não é perfeito no caso da ciência particular: vê-se interrompido e restringido pela formulação explícita do particular aspecto sob o qual interroga o mundo que, em si, é infinitamente multifacético; fixase a direção da resposta ao estabelecer que, por princípio, regiões inteiras da realidade "não lhe interessam".**

**E conclui:**

***Dentro da  
pesquisa  
científica, que  
não é na  
realidade algo  
abstrato ("a  
Ciência"), mas  
feita por  
homens vivos,  
ocorre  
freqüentemente  
um escondido  
filosofar. Esta  
característica  
oculta,  
geralmente  
mais  
pressentida do  
que palpável,  
parece-me ser  
precisamente  
o que a  
Ciência tem de  
propriamente  
acadêmico:  
que na moeda  
de prata do***

**falar da  
Ciência se  
encontre a liga  
de ouro do  
silêncio  
filosófico[202].**

Deste modo, e como primeira aproximação - dado o caráter cumulativo do tema, voltaremos, sempre de novo, às mesmas questões - podemos dizer que o espírito das artes liberais leva à pesquisa, ao estudo, à docência das ciências particulares de um modo filosófico, que se realiza (pode se realizar...) na atitude do professor e do aluno, que se voltam, sim, para o particular aspecto desta ou daquela disciplina ou especialidade, mas sem se enclausurarem nele; antes, ao contrário, deixando abertura para reflexões e diálogo sobre o todo do real permitidos ou até exigidos pelo assunto, se se trata de uma Universidade.

Tal modo filosófico de encarar uma ciência particular distingue-se do não-filosófico, antes de tudo, pela "ausência de vínculos que o liguem a qualquer fim utilitário" e por "nos abriremos ao céu aberto da realidade como um todo"[203].

Claro que, tratando-se de um espírito, de uma atitude, o exemplo verdadeiro vem no contato vivo com os grandes mestres que realizam em si as virtudes do genuíno professor universitário. No entanto, pode ser útil, a título de mero exemplo (e, pelas razões apontadas, apenas indicativo e muito limitado), a consideração de uma situação concreta.

Suponhamos o caso de um professor que leciona Matemática para um curso universitário de Economia. Naturalmente, ele irá proporcionar a seus alunos o instrumental científico-matemático que os habilite a resolver um exercício (didático e banal) como o seguinte, que escolhemos ao acaso num livro-texto daquela disciplina: A função de demanda de determinado bem é  $q = 20 - p$  e a função de Custo total de produção desse bem é  $C = 2q + 17$ . Determinar o valor de  $q$  para que o Lucro total,  $L$ , seja máximo[204].

O problema se resolve relacionando a função de Lucro com as de Custo e Receita, lembrando que esta, por sua vez, obtém-se a partir

**da função de preço (como função inversa da demanda), efetuando as operações de derivação pertinentes etc.**

**Mas, pode ser, que em meio a esses cálculos e operações, surja na aula universitária (o que seria impensável dentro do quadro de objetivos de um curso que uma empresa ministrasse sobre a mesma matéria para seus gerentes) o debate sobre outras questões: em que medida a liberdade humana deixa-se expressar em fórmulas como  $q = f(d)$ ? Ou, que realidades humanas são passíveis de serem tratadas por modelos? E por quê? Se "normal" significa situar-se numa determinada região de uma "curva de Gauss", ou, pelo contrário, refere-se ao ser do homem? É o lucro o fim supremo da empresa?**

**[205]**

**Os exemplos poderiam multiplicar-se e aplicar-se a todas as áreas do saber (é claro que como alertou Hutchins a propósito do "império do trivial" na Universidade americana[206] - há assuntos com maior e menor potencial de abertura à totalidade, à maneira filosófica de tratamento, elemento que também originariamente se encontrava contido no conceito de Artes Liberais).**

**Dir-se-á que discussões como as que apontávamos não costumam ocorrer nas nossas universidades[207] e que nossos professores - de que, em geral, mal se pode esperar competência técnica - não estão absolutamente preparados para tal diálogo. Se for realmente assim, então diremos que nossas universidades, na realidade, não o são, não realizam o espírito da Academia de Platão e, afinal de contas - e a menos da crescente defasagem de competência técnica -, em nada diferem dos cursos ministrados por bancos, empresas e indústrias.**

**O que caracteriza o verdadeiro professor universitário é a capacidade do participar desse diálogo (desse diálogo polifônico e aberto). Para além de toda qualificação científica, ele deve ser capaz de reconhecer que os resultados particulares de seu próprio trabalho podem servir a uma consideração global do todo. Sem sucumbir ao diletantismo sempre pronto a fazer generalizações gratuitas, deve aprender a arte de colocar seu próprio saber a serviço de um colóquio de caráter filosófico[208].**

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **3.7. Artes Liberais e Formação Profissional**

Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, quando se propõe uma Pedagogia das Artes Liberais, não se está, de modo algum, a descuidar a formação do profissional competente. Pois tal formação ocorre apesar de (ou, como se corrige Pieper nessas ocasiões: "apesar de", não: "precisamente por"[209]) não se estar diretamente a buscá-la.

Uma importante distinção feita por Pieper a propósito dessa e de outras realidades humanas é a que se dá entre "não querer que algo ocorra" e "querer que algo não ocorra": a sentença "Quem quiser salvar sua vida perdê-la-á" não vige só no âmbito religioso, mas também em muitas outras situações do homem, onde aquilo que se busca diretamente não se obtém; há bens que só alcançamos como dons, "por assim dizer, como fruto de uma procura endereçada para outra finalidade"[210].

Assim, por exemplo, no seu estudo sobre a virtude da fortaleza, recolhe a constatação feita pela Psicologia: "nunca o eu está tão exposto como quando solícito pela sua própria proteção"[211].

No que toca ao nosso caso,

*naturalmente a  
"habilidade"  
profissional do  
médico, do  
cientista, do  
jurista é um  
fruto altamente  
desejável do  
estudo  
acadêmico.  
Mas não será o  
caso de que tal  
habilidade  
enquanto  
supera o nível  
do medíocre e  
do que é*

**possível  
alcançar por  
um  
aprendizado  
meramente  
técnico,  
dependa, de  
fato, de um  
aprofundamento  
de admiração e  
totalmente  
desinteressado  
e  
despreocupado  
dos fins  
práticos, no  
terreno  
puramente  
"teorético" do  
ser? Será que a  
utilidade  
prática não  
depende,  
justamente, de  
que a teoria  
seja antes  
realizada em  
toda a sua  
pureza?[212]**

**Um estudo que visa obter a utilidade prática e por isso se estrutura de modo a excluir o elemento acadêmico-teorético não consegue obter sequer o fim útil que almejava.**

**A excessiva especialização - e o excesso está também na recusa do caráter liberal do estudo - leva à ruína não só do espírito acadêmico, mas também da qualificação profissional especializada que se propunha.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





### **3.8. A Liberdade Acadêmica**

A liberdade, no sentido das artes liberais, é também a mesma liberdade que corresponde ao sentido genuíno de liberdade acadêmica, que é algo de muito mais significativo "que um mero caso particular da liberdade política da palavra ou que a possibilidade reconhecida ao estudante de organizar seus estudos a seu próprio arbítrio"[213].

A verdadeira liberdade acadêmica está na ausência de vínculos com qualquer fim utilitário[214] e no ocupar-se da verdade e de nada mais [215].

Pieper trata diretamente da liberdade acadêmica no capítulo IV de *Was heisst Akademisch?*, no capítulo IV da *Verteidigungsrede für die Philosophie*, no artigo "Missbrauch der Sprache-Missbrauch der Macht" (in *Über die Schwierigkeit heute zu glauben*, pp. 255 a 282) e no debate *The Foundations of Freedom*.

Na *Verteidigungsrede* enfatiza a necessidade de defesa da liberdade acadêmica contra os inimigos de fora, contra qualquer "diretriz oficial" emanada do poder político; e, principalmente, a liberdade acadêmica deve ser fomentada e facilitada "por dentro", "pela veemente vontade de verdade que, ainda que seja só por este momento, se interessa afinal por uma só coisa: que o tema em questão seja focado tal como é na realidade"[216].

Nesse contexto evoca a experiência paradigmática que viveu no tempo em que ainda era possível ter círculos de estudo com a participação de estudantes vindos - um tanto camufladamente - da Alemanha Oriental. Num desses debates, discutia-se uma novela que esses estudantes "do outro lado" afirmavam que havia sido proibida pelo governo da Alemanha Oriental porque continha grosseiros erros históricos sobre a revolução soviética.

É evidente que tais questões - prossegue Pieper narrando o curso daquela discussão, que evidenciou-lhe o sentido da liberdade acadêmica - são passíveis de comprovação objetiva; mas isto só será possível se houver na sociedade um setor livre, onde se possa discutir a fundo e imparcialmente com independência da "luta de

**classes", do plano quinquenal, da política em geral e de todo e qualquer interesse coletivo ou privado; a única preocupação deve ser a verdade das coisas[217].**

***A liberdade  
acadêmica  
se perde  
precisamente  
na medida  
em que se  
perde o  
caráter  
filosófico  
dos estudos  
universitários  
ou, dito de  
outro modo,  
na medida  
em que as  
aspirações  
totalitárias  
do mundo do  
trabalho  
conquistam  
o âmbito da  
Universidade;  
e eis aí a raiz  
metafísica; o  
que se  
chama  
"politização"  
é apenas  
conseqüência  
e sintoma  
[218].***

**Um tal setor livre, imune, independente "é o que se designa precisamente com o antigo nome de scholé, que significa ao mesmo tempo escola e lazer"[219].**

**A scholé é - diz Pieper em Scholastik[220] - tão essencial para a**

educação quanto a existência de professores ou a viva vontade de aprender por parte dos alunos. Uma tal "imunidade" exigida pela Filosofia da Educação pode realizar-se sociologicamente de diversos modos: "no caso da Academia de Platão, o que garante o âmbito livre do filosofar é a riqueza da leisure class, do estrato alto de uma sociedade fundamentada na escravatura[[221](#)]. Mas, complementa em Actualité de la Scolastique, não se deve esquecer o outro traço: o fato da academia platônica "ser uma associação cultural, que se reunia a datas fixas para oferecer sacrifícios, uma sociedade religiosa que garantia a seus membros essa liberdade de que falávamos"[[222](#)].

Também é ao abrigo da religião - como se mostra no cap. II de Scholastik - que se dá a scholé medieval, mesmo em meio à tormenta do século VI (Pieper analisa o caso paradigmático de Cassiodoro e seu mosteiro Vivarium): "É certo que a intangibilidade do 'espaço livre' do claustro reside também no fato de que os poderes temporais o respeitavam"[[223](#)].

É este o momento de aludir ao que Pieper considera o fundamento último do direito (e também da liberdade acadêmica): o caráter criado da pessoa humana, fundamento talvez insuspeitado mas sem o qual nada se sustenta (cf. Was heisst Akademisch?, p. 35).

A este propósito, recolhemos aqui trechos das "Duas Pequenas Meditações sobre a Justiça", onde Pieper mostra a necessidade ineludível de recorrer à instância divina para garantir a intangibilidade do direito e da liberdade:

*Em que deve  
residir então a  
causa de que todo  
aquele que traz  
uma face humana,  
simplesmente pelo  
seu ser-homem,  
inalienavelmente  
algo lhe seja  
devido? Por  
exemplo que sua  
honra como  
pessoa seja*

**respeitada? A  
noção de pessoa,  
de fato é aqui  
decisiva -  
enquanto se  
compreende  
"pessoa" como  
um ente que existe  
para seu próprio  
aperfeiçoamento e  
complementação.  
Mesmo assim, em  
caso de conflito,  
ao se chegar aos  
extremos, não  
basta retroceder  
ao ser-pessoa  
(como supunham  
alguns filósofos  
idealistas). É  
necessário nestes  
casos, poder  
colocar em jogo  
uma instância  
absoluta, mais  
além de qualquer  
instância humana.  
Dizendo-o de outra  
maneira: o outro  
deve ser-me  
intocável por eu o  
ver como ente  
criado por Deus  
como pessoa.**

**Que não se pense  
ser esta uma  
concepção  
especificamente  
cristã, ou mesmo  
teológica. Foi um  
chinês confuciano  
quem declarou**

**aos seus  
presumivelmente  
atônitos colegas  
da comissão da  
Unesco para a  
reformulação dos  
direitos humanos  
que lhe havia sido  
transmitido por  
tradição que: "O  
Céu ama o povo; e  
o que exerce o  
poder deve  
obedecer ao Céu".  
E Emanuel Kant -  
que não era  
propriamente um  
teólogo - diz:  
"Temos um santo  
regedor; e o que  
ele deu ao homem  
de sagrado é o  
direito dos  
homens" (...)**

**Conforme já  
dissemos, não se  
pode indicar qual  
seja o fundamento  
do direito e,  
conseqüentemente,  
do dever de  
Justiça - a não ser  
que se tenha uma  
determinada  
concepção do  
homem, da  
natureza humana.  
Mas como, se se  
proclama que não  
há natureza  
humana 'il n'y a  
pas de nature**

***humaine (puisqu'il  
n'y a pas de Dieu  
pour la concevoir -  
Sartre)?***

***Na verdade é esta  
a formal  
justificação de  
toda ordem  
totalitária - esteja  
ou não tal vínculo  
no espírito dos  
autores daquela  
tese. Se não há  
uma natureza  
humana em  
virtude da qual  
algo de inviolável  
pode ser atribuído  
ao homem, como  
poder-se-á evitar o  
corolário: Faz do  
homem o que bem  
entenderes?...***

**Como se vê, Pieper enraíza-se numa concepção onde o divino não entra como mera referência cultural, mas real. Recolho aqui - como importante termo de comparação - um parágrafo de uma das mais lúcidas empresas de refutação do permissivismo e do totalitarismo. Ainda que de uma perspectiva bem diferente da de Pieper, coloca-se a inviolabilidade do direito como sacrum:**

**Somos herdeiros do mundo greco-romano e do cristianismo e, por conseguinte, de uma forma de situar o homem no mundo e de valorizá-lo. E nessa mundividência, a que estamos profundamente vinculados por uma riquíssima herança, a cultura não é concebida como um amálgama de traços que se acumulam de qualquer modo, mas como idéia inseparável da formação pessoal, para a qual os valores não se equivalem, mas obedecem a determinados princípios e se articulam em função de regras que decorrem de**

*um ideal  
humano que  
se poderia  
talvez  
exprimir, na  
sua  
formulação  
mais elevada,  
no dito  
famoso de  
Sêneca: Homo  
sacra res  
homini, o  
homem, coisa  
sagrada para  
o homem  
(Epistolae ad  
Lucilium, XCV)  
[224]*

Assim, "a raiz oculta"[225] de que se nutre a Pedagogia das Artes Liberais e a liberdade acadêmica é o culto, no sentido de afirmação da realidade criada. O único meio de preservar um setor livre dos tentáculos da politização ou do utilitarismo do mundo do trabalho "é subtraí-lo tão perfeitamente ao domínio da utilidade que - como diziam os antigos romanos - fique reservado como 'propriedade exclusiva dos deuses'"[226].

Sem a consciência de uma instância superior - dada precisamente pelo culto - o poder político "deixa de respeitar a intangibilidade jurídica da liberdade acadêmica, como se esta fosse um 'absurdo liberal'"[227].

Certamente, Pieper não pretende dar normas concretas de atuação no sentido de restauração da consciência do caráter criado da realidade[228]; no entanto em *Missbrauch...* enumera três convicções fundamentais sobre o homem e o mundo, que a Universidade deve viver em grau máximo, caso queiramos defender a liberdade acadêmica não só dos inimigos de fora mas dos de dentro (não por acaso, no parágrafo com que inicia o tratamento deste assunto, lembra o velho adágio: *corruptio optimi pessima*, o



**ótimo, quando corrompido, torna-se péssimo):**

**1) O bem  
do  
homem  
consiste  
em ver as  
coisas,  
na  
medida  
do  
possível,  
tal como  
são, e  
viver e  
agir a  
partir da  
verdade  
assim  
captada.**

**2) O  
homem  
se  
alimenta  
da  
verdade;  
a  
existência  
é tanto  
mais rica  
quanto  
mais  
amplo e  
profundo  
é o  
mundo  
que o  
ilumina e  
lhe é  
acessível.**

**3) O lugar**

natural  
da  
verdade é  
o diálogo  
entre os  
homens,  
a  
linguagem  
não deve  
dificultar  
o acesso  
à  
realidade  
nem  
desfigurá-  
la[229].

**E indica alguns dos elementos que atentam contra a Universidade: a simplificação partidarista, o apaixonamento ideológico, a afetividade cega, o culto da mera forma, a terminologia arbitrária, etc.**

**Antes de finalizar este tópico, registremos um importante texto de Pieper sobre a liberdade acadêmica confrontando-o com o ponto de vista marxista.**

**No debate sobre os fundamentos da liberdade, ante a hesitação do oponente em aceitar o caráter teórico do filosofar como único fundamento da liberdade, Pieper responde:**

***Vejamos  
concretamente  
(a concepção  
clássica) em  
termos  
contemporâneos.  
O que estou  
dizendo é que  
no momento em  
que  
começarmos a  
encarar o***

**elemento  
teorético da  
razão como de  
secundária  
importância  
quando  
comparado à  
utilidade prática,  
a partir desse  
momento  
perderemos a  
possibilidade de  
estabelecer uma  
base sólida para  
nossos anseios  
de liberdade da  
ciência e de  
defendê-la  
contra ameaças  
externas.**

**Penso que esse  
momento crítico  
no  
desenvolvimento  
das idéias pode  
ser apontado  
com razoável  
precisão na  
História da  
Filosofia. É o  
momento em  
que se afirmou  
que deveríamos  
substituir a  
velha filosofia  
teorética por  
uma nova  
filosofia prática  
que nos  
habilitaria a  
tornar-nos  
senhores da**

**natureza, que o  
pensamento  
humano não era  
outra coisa que  
uma ferramenta  
na "indústria  
intelectual" e  
que o último  
propósito de  
todo  
conhecimento  
seria a  
satisfação das  
necessidades da  
humanidade.**

**Estas três  
últimas  
formulações  
são, na  
realidade,  
citações. A  
primeira  
procede de  
Descartes. Sua  
visão da  
Filosofia  
"prática"  
constitui o  
começo de uma  
nova era e seu  
surgimento  
marca o fim do  
período  
clássico. A  
segunda  
citação, relativa  
à "indústria  
intelectual", é de  
John Dewey, o  
fundador do  
moderno  
pragmatismo. E**

**a terceira que,  
como o senhor  
admitirá, se  
enquadra na  
mesma linha de  
pensamento, foi  
na realidade  
engenhosamente  
extraída da  
Enciclopédia  
soviética.**

**Parece-me que  
este último  
ponto fornece  
uma indicação  
de que há uma  
surpreendente  
uniformidade no  
conjunto das  
idéias que se  
estendem a  
partir de  
Descartes  
("senhores e  
dominadores da  
natureza") até  
os iniciadores  
dos planos  
qüinqüenais. É  
uma unidade de  
perspectiva,  
estruturada na  
convicção  
comum de que a  
Ciência deve ser  
posta a serviço  
de objetivos que  
se encontram  
fora das leis que  
a regulam  
internamente.**

**Resumindo,**

**quando  
encontramos no  
Estado  
totalitário dos  
"trabalhadores a  
ciência  
constantemente  
argüida a  
responder a  
questão: "Em  
que isto  
contribui para o  
plano  
qüinqüenal?",  
isto não é mais  
que a estrita  
conseqüência  
lógica da  
proposição de  
Descartes  
relativa à  
Filosofia prática  
que nos tornará  
"senhores da  
natureza"[230].**

**Até que ponto o posicionamento clássico de Pieper atinge a raiz do problema e como quem quer que defenda a liberdade acadêmica deve ater-se ao fundamento último da liberdade da teoria, tudo isto se torna mais claro pela consideração de um texto ostensivamente polêmico, no qual se diz que a Universidade necessariamente está a serviço de ideologias e que pretender o contrário - neutralidade de idéias, objetividade do conhecimento - é "filosoficamente besteira, historicamente mentira, politicamente demagogia e eticamente imoralidade"[231].**

**Pois na perspectiva "liberal-ilustrada" (no dizer da professora Chauí) "as idéias são aceitas quando reguladas pelos critérios da verdade teórica", mas - sempre segundo a professora - a verdade teórica é um "valor" e pretender pautar a pesquisa pela "verdade" (conceito ideológico a serviço dos exploradores) é uma "besteira filosófica",**

**uma "hipocrisia da direita": "Por que tanto empenho na 'neutralidade' se esta não resiste ao menor exame reflexivo?"[232].**

**De fato, é o que estamos dizendo: fora do fundamento clássico não há sustentação para a liberdade da Ciência e para a liberdade acadêmica. Se o conhecimento humano não atingisse a verdade das coisas, se não fosse a sua medida a ipsa res[233], a própria coisa, então que fundamento lhe restaria senão o de sujeitar-se a programas de ação? O conceito de ideologia nada mais é que o Ersatz da Prudência (no sentido legítimo e autêntico que tem essa virtude cardeal) numa concepção que já não aceita que a objetiva verdade das coisas seja a medida do conhecimento e do agir humanos.**

**Na base do conceito marxista de ideologia estão as seguintes convicções:**

**- O real  
não é  
constituído  
por coisas  
[234].**

**e**

**- É, portanto,  
das relações  
sociais que  
precisamos  
partir para  
compreender  
o quê, e  
como e por  
quê os  
homens  
agem e  
pensam de  
maneiras  
determinadas  
[235].**

É por isto que - como já em 1936 apontava Pieper - a antiga doutrina sobre a Prudência, vale dizer sobre a possibilidade de um conhecimento humano da verdade das coisas, "pode lançar uma luz totalmente surpreendente sobre o conceito sociológico de ideologia (...) que não é senão falta de objetividade na percepção da realidade"[[236](#)].

---

▪ *Autorior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





# UNIVERSIDADE E FILOSOFAR: ABERTURA PARA O TODO

## 4.1. O Filosofar: Abertura para a Totalidade

Prosseguindo na exploração do filosofar, encontraremos outros elementos que constituem também temas centrais da Filosofia da Educação e da Antropologia Filosófica.

Um desses elementos essenciais, que pode até ser entendido como a própria definição do filosofar[237] é a abertura para o todo, nota que integra também a essência do Homem[238] e a da Universidade [239].

A Universidade, como todas as grandes instituições que pautam a vida social dos homens, recolhe em si grandes experiências que o homem tem da realidade e de si mesmo, experiências que não estão a nível consciente, antes condensam-se nas instituições[240].

O trabalho do filósofo, que pergunta pelo ser "em Si mesmo e em suas últimas razões", no caso, pelo ser da Universidade, é penetrar para além da película superficial do modo fático[241] como se apresentam as Universidades e, "para além dos resultados da estatística social", procurar "a essência e a nota distintiva de que é Acadêmico"[242]. Captar as experiências, as grandes e fundamentais experiências existenciais que se fundiram na instituição universitária e que se tornaram mais ou menos invisíveis [243].

Como mostramos anteriormente, a propósito do caráter filosófico-teorético, a Universidade surge e se mantém como herdeira direta da Academia de Platão.

É certo que o termo "Universidade", por ocasião do surgimento das universidades, tem inicialmente um significado sociológico (grêmio, corporação de mestres e estudantes) e depois, muito cedo, também o significado de universitas litterarum[244]. "Universidade" liga-se a "um termo fundamental da linguagem humana: universum" que, por

**sua vez, indica a profunda unidade da totalidade do real[245]. E é isto, em que pesem todas as naturais e profundas diferenças, que une a Universidade de hoje à medieval e à Academia de Platão.**

**O texto-chave que expressa a grande intuição, a grande experiência de Platão, que até hoje marca a diferença específica do ideal de Universidade, encontra-se na República, quando Platão aponta como característica fundamental do verdadeiro filósofo o permanente impulso "para alcançar o todo das coisas divinas e humanas em universal"[246].**

**Como dizíamos, não deve causar surpresa, ao leitor de Pieper, que o texto fundamental sobre a Universidade seja uma afirmação sobre o filosofar, e mais, uma sentença que expressa ao mesmo tempo "a própria natureza do espírito humano"[247].**

**Quanto ao filosofar, diz Pieper: "A totalidade do ente é o objeto da teoria filosófica: por filosofar não se entende outra coisa que não a consideração do todo na realidade"[248].**

**Uma tal formulação não deve ser mal entendida: certamente a pergunta filosófica pode versar sobre uma realidade particular e não necessariamente sobre o tema formalmente assumido da totalidade do real. Mas, "não é possível perguntar ou pensar filosoficamente sem que entre em jogo a totalidade do ser, a universalidade das coisas, 'Deus e o mundo'[249]. É esse um ponto decisivo para a distinção entre a Filosofia e as ciências particulares. Alfred North Whitehead - certamente um mestre do rigor lógico - caracterizou a Filosofia do seguinte modo: "The philosophy asks the simple question: what is it all about?" e o problema que se coloca a quem filosofa é "to conceive a complete fact"[250].**

***Se se trata,  
por exemplo,  
do problema  
da liberdade  
humana, em  
lugar de a  
estudar  
simplesmente  
sob seus  
aspectos  
psicológicos,  
jurídicos, é  
necessário  
(para quem  
filosofa) que  
se considere  
'em si  
mesma' de  
todo ponto  
de vista  
pensável  
[251].***

**Já quem pensa cientificamente se limita a considerar seu objeto sob um aspecto particular: "Enquanto saber especializado toda ciência está feita de formulações que dizem respeito a um aspecto determinado sob o qual ela considera o real; cada ciência existe, por assim dizer, em função dos limites que a separam das outras ciencias"[252]. Não entram aí em jogo Deus e o mundo[253].**

**Tomemos como exemplo a distinção que Pieper - em dois livros diferentes - indica entre o tratamento científico e o filosófico de um mesmo tema: a morte.**

**Na  
medida  
em que  
me  
interrogo,  
sob o  
ponto de  
vista  
fisiológico,  
o que  
acontece  
quando  
morre um  
homem,  
quer  
dizer, na  
medida  
em que,  
como  
cientista,  
eu  
formulo  
um  
aspecto  
parcial,  
não só  
não estou  
obrigado  
a falar de  
"Deus e o  
mundo",  
como isso  
nem  
sequer me  
é  
permitido:  
seria algo  
claramente  
não-  
científico  
[254].**

**Já no seu próprio tratado filosófico sobre a morte, onde a pesquisa não se faz do ponto de vista clínico científico, mas é filosófica (e a Filosofia não tem um ponto de vista, mas é abrir-se para a totalidade), então o filósofo deve imbuir-se da**

***firme vontade  
de tomar em  
consideração  
absolutamente  
todos os  
aspectos a  
nosso  
alcance, que  
possam de  
alguma forma  
dizer-nos algo  
sobre o  
fenômeno da  
morte ou,  
pelo menos,  
não deixar de  
lado nada do  
que for capaz  
de dar-nos  
alguma  
informação;  
sejam os  
dados  
procedentes  
da fisiologia  
clínica, da  
patologia, ou  
da  
experiência  
do médico, do  
sacerdote ou  
do capelão de  
prisões, ou o  
que se possa  
obter da  
legítima  
tradição***

**sagrada[255].**

**enfim, a experiência humana onde quer que se encontre.**

**Decorre dessa linha de pensamento uma distinção extremamente importante que Pieper estabelece sobre os diferentes critérios de rigor e os diferentes modos de "ser crítico" que vigem para a Ciência e para o filosofar: "Há, claramente, duas formas de 'ser crítico'"[256].**

**E, na conferência Über den Glauben, explica:**

***Há uma forma muito especial de "ser crítico", diferente da atitude crítica que, legitimamente, vige no âmbito da ciência. Para o cientista, quer dizer, para aquele que procura uma resposta exata para uma determinada questão particular, ser crítico significa: não admitir como válido nada que não tenha sido comprovado, 'não deixar passar nada' (nichts durchlassen). Mas para aquele que indaga pelas conexões totais, pelo último significado do***

***mundo e da  
existência, isto é,  
para aquele que  
crê - e, aliás,  
também para  
quem filosofa -  
ser crítico é algo  
de  
fundamentalmente  
diferente: a  
saber, com a  
máxima vigilância  
ocupar-se de que  
do todo do real e  
do verdadeiro  
nada lhe escape.  
O cientista diz  
"anichts  
durchlassen";  
quem filosofa e  
quem crê diz:  
"nichts  
auslassen", não  
deixar de  
considerar nada  
[257].***

**Como é óbvio, Pieper não faz nenhuma identificação entre fé e filosofar, pois este é tarefa "metodicamente disciplinada" do pensamento[258].**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **4.2. Abertura para o Todo: Essência do Espírito**

Essa "abertura para a totalidade", esse "não deixar de considerar nada" serão constitutivos da Universidade porque o são do próprio homem.

*Acadêmico  
significa  
exatamente  
que a  
verdadeira  
riqueza do  
homem  
consiste em  
compreender  
o ser, as  
coisas em  
si; a  
nobreza do  
homem se  
funda em  
que ele seja  
capax  
universi,  
capaz de se  
apoderar do  
todo,  
convenire  
cum ommni  
ente[259].*

Repitamos ainda uma vez: discutir o ser e os fins da Educação é discutir em que consiste afinal a verdadeira riqueza do homem, ou seja, aquilo que por natureza o homem está chamado a ser.

Ora, um observador atento reparará que as expressões de S. Tomás de Aquino "convenire cum omni ente" e "capax universi", recolhidas na citação anterior, são as mesmas que se empregam (em outras obras de Pieper) para caracterizar não já a Universidade mas a própria essência do espírito: "A alma espiritual - diz S. Tomás na sua



pesquisa sobre a verdade - está essencialmente disposta a 'convenire cum omni ente' (...) o ser espiritual 'é capaz de apreender a totalidade do real'"[260]. E "ser capaz de conhecimento espiritual quer dizer: viver diante e em meio à realidade total. O espírito, e só ele, é capax universi"[261].

Em Wahrheit der Dinge[262], seguindo ainda o primeiro artigo do De Veritate, Pieper mostra que o princípio da verdade ontológica é uma afirmação antropológica: o transcendental verum - ao contrário de ens, res e unum - contém em si uma relação do ente a outro, ao interior de outro ente, ou mais precisamente, à inteligência (no que verum se distingue de aliquid, pois este também expressa relação, mas somente de delimitação externa de um ente com respeito a outro).

Tal como em outras questões fundamentais, "pode-se até mesmo dizer que a vertente antropológica dessa doutrina (sobre a verdade das coisas) não poderia ser construída a não ser sobre fundamentos teológicos (o Logos criador como fundamento da verdade das coisas)"[263]. Daí que nosso próximo tópico seja dedicado ao conceito de criação.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



### **4.3. Criação: Fundamento da Filosofia de Pieper**

O conceito mais fundamental na antropologia filosófica de Pieper é sem dúvida o de Criação (daí que considere o título mais apropriado para S. Tomás o epíteto a Deo Creatore - vide nota 55 do Cap. 2). O livro *Unaustrinkbares Licht* - que seguiremos neste tópico - dedica toda sua primeira parte a demonstrar a decisiva importância do conceito de criação para a análise do conhecimento (o mesmo o fazem os tratados de Ética com relação a seu tema).

Num artigo dedicado ao conceito de "criaturidade", Pieper afirma: "A estrutura e a condição do mundo e do próprio homem estão profundamente marcados por seu ser-criação"[264], por sua condição de algo criado, de criatura.

"Criaturidade" é um conceito fundamental e inexaurível, "o mundo tem a qualidade de ser algo criado, não há uma terceira coisa além do Criador e de sua criação"[265] e quem quer que tenha Santo Tomás por mestre deve segui-lo no que constitui sua diferencia específica entre os grandes mestres da cristandade: assumir plenamente essa idéia com todas as suas conseqüências[266].

Feita esta observação prévia, voltemos ao tema da verdade das coisas. Pieper recolhe - sempre remetendo-se ao "assombroso" artigo primeiro do *De Veritate* - o parágrafo de S. Tomás em que o princípio da verdade das coisas mostra-se claramente antropológico:

*Isto (o  
fato de  
que, sem  
exceção,  
todo ente  
esteja  
referido  
ao  
interior  
de outro)  
não pode  
ter lugar,  
a não ser*

**que se  
suponha  
algo que,  
por  
natureza,  
seja apto  
a  
concordar  
com todo  
ente:  
este algo  
é a alma,  
que, em  
certo  
sentido,  
é todas  
as coisas  
[\[267\]](#).**

Isso significa que a assertiva de que o ente é verdadeiro tem seu contraponto na afirmação da possibilidade de que a inteligência humana (S. Tomás fala da alma e, portanto, do homem) tenha um potencial de relacionamento que abarque a totalidade do real. "Toda coisa é cognoscível na medida em que tem ser. Por isso se diz que a alma é, de certo modo, tudo"[\[268\]](#).

Abramos aqui um parêntese para esclarecer melhor o sentido que Pieper, como intérprete de S. Tomás, dá ao conceito de verdade das coisas, seguindo a exposição que faz na primeira parte de *Unaustinkbares Licht*.

A "clave oculta"[\[269\]](#), da doutrina sobre a verdade (e de toda a Filosofia de S. Tomás) é o conceito de criação[\[270\]](#), sem o qual há profundos mal-entendidos ao interpretar a sentença "todo ente é verdadeiro", que deve ser compreendida como expressão do caráter criado, constitutivo da criatura. Já o título de um capítulo da obra que estamos considerando o indica: "Wahrheit als Erdachtsein", a verdade do ente expressa sua concepção por um intelecto criador [\[271\]](#). "Por isto as coisas são reais: porque são pensadas; deve-se dizer ainda mais precisamente: porque são criadoramente pensadas"[\[272\]](#). Dado que cada coisa tem um conteúdo conceptual,

**uma essência, isso pressupõe um pensamento criador.**

**É nesse sentido que Sartre parte das mesmas premissas que Santo Tomás de Aquino: porque há o homem - é o conhecido exemplo dado por Sartre - e sua inteligência que projeta, pôde ser feito um abridor de cartas; de uma inteligência criadora divina, depende a natureza humana, afirmada por S. Tomás e negada por Sartre: "Il n'y a pas de nature humaine puisqu'il n'y a pas de Dieu pour la concevoir"[273]. (Não há natureza humana porque não há Deus para a conceber.)**

**Mas a estrutura das conexões com base na criação é igualmente aceita pelos dois grandes filósofos[274]. Pieper cita, a esse respeito, a seguinte sentença de S. Tomás:**

***Toda  
criatura (...)  
tem uma  
forma pela  
que  
pertence a  
alguma  
determinada  
espécie (...)  
e nisso  
representa  
o Verbo,  
pois a  
forma de  
que é feita  
procede da  
concepção  
do artífice  
[275].***

**Estamos aqui - no clímax da análise pieperiana - penetrando no mais profundo da filosofia de S. Tomás, na "clave oculta", evidente para o Aquinate mas, de modo algum, evidente para o leitor de hoje[276]:**

**No segundo artigo da primeira das questões disputadas sobre a verdade, S. Tomás formula os conceitos primários da verdade das coisas: O real é chamado verdadeiro, na medida em que cumpre o que se dispõe pelo espírito conhecedor de Deus"; em outras palavras, verdadeiro é o real enquanto se conforma ao projeto do conhecimento divino. E prossegue S. Tomás: isto se torna claro (sicut palet), entre outras, numa conhecida definição de Avicena (Metafhsy tr. 8 c. 6) - uma definição que para nossa compreensão nada tem a ver com o assunto: "... A verdade de cada coisa é aquela propriedade de**

**seu ser que lhe foi  
estabelecida"[277].**

**É desse pensamento criador do qual a realidade procede que tem  
sua origem a cognoscibilidade para o homem:**

**A claridade e  
a  
luminosidade  
que pelo  
conhecimento  
criador de  
Deus fluem  
para dentro  
das coisas  
junto com  
seu ser (com  
seu ser, não!  
como seu  
ser!), essa  
claridade, e  
só ela, as  
torna  
apreensíveis  
pelo  
conhecimento  
humano[278].**

**Pode-se dizer - assim conclui Pieper o capítulo "Die Dinge sind  
erkennbar weil sie Kreatur sind" (As coisas são cognoscíveis porque  
são criaturas) - algo semelhante ao que Sartre afirmou dos filósofos  
ateus do século XVIII[279]: não se compreende como é possível  
continuar falando do homem como cognoscente das coisas se se  
prescinde do conceito de criação.**

**Como dizíamos, verum é um transcendental que expressa uma  
relação a outro ente e isso nos dá base para falar do homem e do  
espírito humano:**

**O princípio  
da verdade  
das coisas  
é apenas  
uma das  
faces de  
uma  
questão  
que, por  
natureza,  
apresenta  
duas e a  
outra é  
esta: a  
inteligência  
"é apta  
para  
concordar  
com tudo o  
que tem  
ser" (De  
Veritate I,  
1). (...) Por  
isso, S.  
Tomás de  
Aquino, na  
Suma  
Teológica e  
em outros  
escritos,  
pôde ver e  
formular a  
doutrina da  
verdade  
das coisas  
a partir  
dessa  
capacidade  
de relação  
da alma  
intelectiva  
do homem  
que abarca**

**a  
totalidade  
do real:  
"Toda  
coisa é  
cognoscível  
enquanto  
tem ser. E  
por isso se  
diz que a  
alma é, de  
certo  
modo,  
todas as  
coisas" (I,  
16, 3)[280].**

**Precisamente o que caracteriza S. Tomás é a conexão explícita entre verdade das coisas e ordenação da inteligência humana à totalidade.**

**Podemos agora regressar tematicamente ao espírito humano, a essa capacidade de relacionar-se com a totalidade do real. Como em outros assuntos, Pieper dará grande importância aos dados da ciência. Neste caso, considera as pesquisas de Jakob von Uexküll [281]: o campo de relações perceptivas do animal é uma realidade pobre e fragmentária: a percepção animal está condicionada por diversos fatores "gestálticos", "determinada e delimitada pela utilidade biológica do indivíduo ou da espécie"[282].**

**O nosso mundo  
humano de modo  
algum pode  
pretender ser mais  
real que os  
mundos de  
percepção dos  
animais (UEXKÜLL,  
Die Lebenslehre,  
Potsdam-Zurich,  
1930, p. 131).  
Portanto, o homem**



**- prossegue Pieper condensando o pensamento de Uexküll -, por princípio, tal como o animal, está encerrado no seu "mundo ambiente" (Umwelt), isto é, num meio recortado (Ausschnitt-Milieu), escolhido do ponto de vista da utilidade biológica; também é incapaz do apreender algo que esteja fora desse mundo ambiente, e "nem sequer o pode achar pela procura" (como a galha não é capaz de enxergar o gafanhoto que se faz de morto)[283].**

**A uma tal concepção, Pieper objeta com duas indagações: 1) Não será o próprio trabalho de pesquisa sobre seu mundo uma prova de que o homem não está enclausurado num mundo ambiente, na medida em que transcende seu meio e se pergunta pelo seu pretense mundo ambiente? 2) Será que a forma peculiar de conhecer do homem - que sempre se chamou de capacidade universal de conhecimento espiritual - não representará um modo mais amplo e novo de se pôr em relação, modo não encontrável no domínio das vidas vegetal e animal?**

**E dá sua resposta:**

**A essa pergunta deve-se responder que a tradição filosófica do Ocidente sempre entendeu, e até mesmo definiu, a potência de conhecimento espiritual como a capacidade de se pôr em relação com a totalidade das coisas existentes. Como foi dito, não se trata de uma simples nota, mas de fixação de essência, de definição. A essência do espírito não se define tanto pela nota da incorporalidade, mas, sim, antes de tudo, pela capacidade de se relacionar à totalidade do ser[284].**

**E, junto com essa abertura para a totalidade, o espírito tem outra característica: a interioridade. Numa pilha de pedras, não se pode falar propriamente de relação no sentido ativo, como algo que parte de dentro; já a planta, por exemplo, ao nutrir-se, incorpora a seu**

**ciclo vital interno os materiais nutritivos, e o animal pela sensação recebe em si a forma de outro ente e, finalmente, o homem, que conhece o ser.**

**Como ensina acertadamente Millán Puelles:**

***O objeto  
formal do  
entendimento  
humano é,  
em suma, o  
ente  
enquanto  
ente (cf.  
Aristóteles:  
De anima III,  
6, 430, b28 e  
Santo  
Tomás: S.  
Th., I, 79, 7).***

***Essa  
afirmação  
assinala o  
âmbito de  
nosso  
entendimento  
em duplo  
sentido. Diz,  
em primeiro  
lugar, que  
esse âmbito  
é tão amplo  
como o ente;  
todo ente é,  
em princípio,  
objeto  
passível de  
conhecimento  
humano. E,  
em segundo  
lugar,  
manifesta a***

**forma em  
que esse  
entendimento  
capta seus  
objetos, a  
saber:  
enquanto  
entes, ou o  
que é o  
mesmo,  
enquanto  
são.  
Entender é,  
em uma  
palavra,  
conhecer o  
ser[285].**

**E, conclui, o conhecimento do animal - ao contrário do homem - não está aberto a todo o ente, e os entes que conhece não os conhece enquanto tais.**

**A conexão entre esse duplo aspecto do conhecimento é assim descrita por Pieper:**

**Quanto mais  
abrangente é  
a capacidade  
de relacionar-  
se com o  
mundo do ser  
objetivo, tanto  
mais  
profundamente  
essa  
capacidade se  
encontra  
ancorada no  
interior do  
sujeito. E  
onde está**

**presente o grau mais elevado de "amplidão do mundo", isto é, orientação para a totalidade, aí se realiza também o grau mais elevado de concentração em si mesmo, que é próprio do espírito.**

**Duas coisas, portanto, constituem a essência do espírito: a capacidade de relação com a totalidade do mundo e da realidade, e uma possibilidade extrema de centrar-se em si mesmo, de autonomia, de independência.**

**Trata-se, precisamente, daquilo que, na tradição ocidental foi designado como ser-pessoa, como pessoalidade**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



#### **4.4. Abertura para o Todo: A Chance da Universidade**

**A conexão de tudo isto com a pergunta pelo ser da Universidade torna se agora bastante clara: o espírito humano, ao tratar filosoficamente, universitariamente, uma questão, realiza sua potencialidade de "convenire cum omni ente", de relacionar-se com tudo que é, e esta é, como dizíamos, a grande experiência, a grande intuição que se realiza institucionalmente na Universidade:**

***A reivindicação  
de ser, no  
sentido  
apontado, um  
"ensino  
superior", um  
lugar de  
cultura, um  
lugar onde se  
efetua a  
formação  
daquilo que é  
verdadeiramente  
humano, - tal  
reivindicação,  
também ela, só  
se legitima na  
medida em que  
se dê a  
confrontação  
com o todo do  
real, o que  
permite ao  
espírito realizar  
suas  
virtualidades  
últimas[287].***

**Não é, pois, pela justaposição ou concatenação das ciências tomadas uma a uma que se constituirá o universum que institucionalmente a Universidade deve realizar[288].**

**Pieper indica - no Cap. IV de Offenheit für das Ganze - brevemente e sem sugerir modos concretos de realização, quatro pontos que distinguem a atitude filosófica universitária:**

**1) O filosofar - e nisto também a Filosofia se distingue da Ciência - não cessa de colocar questões que jamais poderão receber resposta definitiva.**

**2) O trabalho da ciência consiste em esclarecer, através de contínuo progresso, o que até então era desconhecido. Surgem assim, com o progresso da ciência, conhecimentos realmente novos: o sistema periódico dos elementos, a circulação do sangue, etc. Já no**



**filosofar, não se trata de descobrir uma realidade nova, mas de ver mais claramente o que, de modo obscuro, já se sabia pelo conhecimento comum.**

**3) O filosofar - ao contrário da ciência - não comporta aplicação prática.**

**4) O poder educador da ciência versa, como já dissemos, sobre a disciplina, a objetividade e a clareza do pensamento; já a Filosofia que visa a uma apreensão intuitiva do objeto em si mesmo requer que "se saiba escutar em perfeito silêncio, que o espírito presente**

aquela total  
'simplicitas',  
que por nada  
é turbada, de  
receptividade  
ao todo e ao  
mundo"[289].

Pelo fato de o espírito universitário (filosófico) se configurar em contraste com o científico, em diversos dos próximos tópicos trataremos do tema da Ciência.

Sobre o terceiro ponto indicado já discorreremos anteriormente; o primeiro e o segundo serão analisados ainda neste capítulo; a seguir faremos uma nota sobre o quarto ponto indicado por Pieper "Silêncio e Simplicidade".

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



#### 4.5. Silêncio e Simplicidade

"Só quem cala ouve" é uma sentença considerada por Pieper tão importante que a inclui entre as regras fundamentais da vida do espírito"[290] e a que se pode aplicar o juízo de Sócrates (no Górgias, 508d): nunca é demais repeti-la[291].

É claro que não se refere ao âmbito meramente acústico, mas a um nível mais profundo, que abranja a captação de toda e qualquer realidade[292], toda espécie de compreensão e intuição, que só se realiza sob a condição de silêncio interior.

Os inimigos deste silêncio-condição do filosofar, são apontados por Pieper: a passividade (a atitude de indiferença com relação à verdade), a suficiência de quem julga já saber o bastante, o deixar entrar para dentro de si "a barulheira da rua e do mercado, a ruidosa manchete do dia, o ressoar visual de vistosas baboseiras". E acrescenta: "O surdo fruto de tudo isto - em segredo talvez desejado - é que o homem se impede de ouvir. Mas se o que realmente importa para o homem é poder ouvir..."[293]

Pieper detecta nessa atitude de recusa de ouvir a realidade um "desespero oculto" que Kierkegaard chama de "desespero da fraqueza" e que se encontra na mesma linha daquilo que a antiga Teologia designa por acédia, o vício capital da acédia, que é a recusa à auto-realização, a resistência a assumir a própria condição de ente espiritual; um desespero profundo, ainda que se esconda por trás de um mundo de agitação e novidades, do keep smiling e do happy end[294].

O silêncio que se requer para quem filosofa não é, de modo algum, "um silêncio vazio, conscientemente voltado contra qualquer objeto (atitude recomendada por algumas doutrinas Orientais de meditação)"[295], mas um silêncio que se dirige a ouvir, a captar o ser das coisas. Daí que o silêncio, entendido nesse sentido, ligue-se, também ele, ao conceito central de criação: "Não, as coisas não são - como pretende um terrível dito filosófico - mudas", mas procedem da Palavra criadora e trazem "uma mensagem de mil vozes àquele que ouve calando. Mensagem cuja percepção traz em si a verdadeira riqueza do homem"[296].

**É claro que tal silêncio não é o de uma passividade apática; pelo contrário, é solícita sede de verdade que "se nutre de um compromisso alimentado no mais profundo da alma, a preocupação e a ânsia de não descuidar nada do todo da realidade"[297].**

**É a diferença - que já apontávamos a propósito das duas formas de ser crítico - entre a reflexão filosófica e a pesquisa científica. Enquanto esta supõe somente uma fria inteligência apta para a investigação (que mais se requer, por exemplo, para a demonstração de um teorema de Geometria ou o balanceamento dos coeficientes de uma equação na Química?); aquela pressupõe a "simplicitas" (não basta uma talentosa inteligência para a compreensão "em si e em suas últimas razões" da justiça, da liberdade, da morte ou do amor),**

***uma  
abertura  
sem a  
menor  
tensão  
das mais  
ocultas  
faculdades  
de  
resposta  
da alma,  
que não  
obedece a  
decisão  
alguma da  
vontade.  
Ao que  
parece, na  
tradição  
sapiencial  
do  
Extremo  
Oriente  
conservou-  
se mais  
viva que  
na ratio***

**ocidental  
a  
sabedoria  
sobre  
essa  
matéria  
[298].**

**Pieper caracteriza essa atitude a partir de um pensamento de Pascal e de um lema de Goethe.**

**Em *Über das Schweigen Goethes*, descreve o silêncio (o genuíno silêncio, o de Goethe) como um**

***aspirar que  
penetra na  
câmara mais  
interna da  
alma. A ele diz  
respeito a  
máxima de  
Goethe: "Negar-  
me tanto  
quanto  
possível a mim  
mesmo e  
assimilar o  
objeto de um  
modo tão puro  
quanto ao  
homem é  
dado". É a esse  
silêncio que  
Goethe se  
refere quando,  
de Roma,  
informa a  
Herder do seu  
"exercitar-se"  
em "ver todas  
as coisas como***

*elas são" e  
"despojar-me  
completamente  
de toda  
pretensão"[299].*

Em Pascal, encontra-se o seguinte aforisma (n. 226 na ed. Brunschvicg):

*Se não  
vos  
preocupais  
em saber  
a verdade,  
tendes  
suficiente  
verdade  
para viver  
em paz.  
Mas se  
desejais  
de todo o  
coração  
conhecê-  
la, então  
isso não  
basta  
[300].*

Trata-se, pois, de uma atitude que transcende o âmbito meramente intelectual e atinge o centro da pessoa, requerendo "toda a energia, sem freio algum, do coração e, ao mesmo tempo, sua vigília e sua mais sismográfica sensibilidade"[301].

---

▪ *[Anterior](#)*

▪ *[Índice](#)*

▪ *[Posterior](#)*



#### **4.6. Admiração e Mistério**

Aqui se colocam mais duas importantes características do filosofar. Sempre em união com a grande tradição do Ocidente[302], Pieper afirmará a admiração como princípio e o mistério como situação do filosofar.

É pelo abalo da admiração que surge a questão filosófica, que longe de afastar-se da realidade quotidiana, volta-se para ela sob um ângulo não-quotidiano, posto à luz no abalo admirativo. Pieper exemplifica:

*A cada  
instante  
falamos de  
"meu  
amigo",  
"minha  
mulher",  
"minha  
casa", no  
sentido de  
que os  
"temos" e  
"possuímos".  
Mas, de  
repente  
começamos  
a nos  
surpreender:  
Será que  
"temos"  
realmente  
todas essas  
"posses"?  
Podem elas  
ser  
"possuídas"?  
O que  
significa, em  
última*

**análise,  
"possuir"  
alguma  
coisa?[303].**

**Rompe-se assim o círculo fechado em que o totalitarismo do mundo do trabalho pretendia nos encerrar com sua visão definitiva e compacta da realidade quotidiana, que julga tudo evidente.**

***Mas, na verdade, o  
que é evidente  
neste mundo? Por  
será evidente que  
existamos? Será  
evidente que  
exista alguma  
coisa como o ver?  
Mas, quem está  
encerrado no dia-a-  
dia não pode fazer  
tais perguntas. E  
não pode fazê-las  
porque não  
consegue (em  
todo caso, não o  
consegue  
conscientemente  
e, talvez só semi-  
inconscientemente)  
esquecer os fins  
utilitários  
imediatistas. Para  
quem, pelo  
contrário, admira,  
os fins utilitários  
emudecem. Para  
quem foi atingido  
pelo rosto mais  
profundo do  
mundo, calam-se  
os fins mais***



***imediatos da vida,  
mesmo que seja  
apenas por esse  
único momento,  
em que, abalado,  
olha para o rosto  
pasmoso do  
mundo. Somente  
aquele que admira  
consegue realizar  
em si a forma  
original de relação  
com o ser, que  
desde Platão se  
chama "teoria",  
isto é, aceitação  
puramente  
receptiva da  
realidade, não  
perturbada por  
qualquer  
intervenção da  
vontade. (...)  
Teoria só existe  
quando o homem  
não se tornou  
cego ao  
maravilhoso, que  
reside em que  
alguma coisa  
existe[304].***

**O aburguesamento do espírito ocorre quando o homem já não é capaz de se admirar ou precisa do sensacionalismo do estapafúrdio para provocar em si um Ersatz da admiração, da verdadeira admiração:**

**Perceber no  
comum e no  
diário  
aquilo que é  
incomum e  
não-diário,  
o mirandum  
(o que  
suscita  
admiração),  
eis o  
princípio do  
filosofar.  
Nesse  
ponto,  
como dizem  
Aristóteles  
e S. Tomás,  
o ato de  
filosofar se  
assemelha  
ao ato  
poético;  
tanto o  
filósofo  
como o  
poeta se  
ocupam do  
maravilhoso,  
daquilo que  
suscita e  
inflama a  
admiração  
[305].**

**Ao afirmar que Filosofia e Poesia têm muito em comum, Pieper não deixa de estabelecer a distinção entre ambas (e também com relação a outros atos que emparelha ao de filosofar, por transcenderem o mundo do trabalho ou por terem seu princípio na admiração: os abalos religioso, tanático, artístico e erótico[306]):**

***Ainda que não  
por isso (as  
semelhanças)  
se suprima,  
de modo  
algum, a  
diferença: o  
modo da  
Filosofia -  
diferentemente  
da poesia -  
não consiste  
em fazer  
presente algo  
mediante  
figuração  
sensível  
(som, ritmo,  
fluxo, figura)  
mas em  
apreender a  
realidade em  
conceitos que  
não falam à  
imaginação  
[307].***

**No entanto, e temos aí uma afirmação reveladora do filosofar de Pieper: a base comum de orientação ao mirandum e a transcendência em relação ao mundo do trabalho tornam "o ato filosófico mais próximo e mais estreitamente aperentado ao poético do que às ciências particulares exatas"[308].**

**A consideração da admiração nos leva à do mistério:**

***Pois o sentido da admiração é a experiência de que o mundo é mais profundo, mais amplo e mais misterioso do que pode parecer ao conhecimento comum. A admiração aponta para a plenitude de sentido do mistério. A admiração aponta não para o suscitar da dúvida, mas para o estímulo do reconhecimento de que o ser como ser é inconcebível e misterioso - de que o próprio ser é um mistério[309].***

**A propósito do mistério, recolheremos duas considerações de Pieper pertinentes a este trabalho: uma, que se desenvolve principalmente em *Unaustrinkbares Licht* - onde o tema do mistério se relaciona com o conceito principal de Criação; outra - procedente de *Über das Verlangen nach Gewissheit* - onde se compara o alcance da Filosofia com o da Ciência.**

**São, respectivamente, nossos dois próximos tópicos: "Filosofia Negativa" e "Ciência e Cientificismo".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



#### **4.7. Filosofia Negativa**

**"O elemento negativo na visão-do-mundo de Tomás de Aquino"[310] é dos mais fundamentais, segundo Pieper. Por essa razão, Unaustrinkbares Licht é livro de importância primordial, imprescindível para um estudo do filosofar de Pieper[311].**

**Uma primeira aproximação da philosophia negativa de Santo Tomás se dá contemplando a sentença (que pode surpreender a muitos...): "Rerum essentiae sunt nobis ignotae"[312], as essências das coisas nos são desconhecidas, sentença da que Pieper, polêmica e ironicamente, afirma que se encontra não na Crítica da Razão Pura de Kant mas nas Quaestiones disputatae do Aquinate[313], uma dimensão de S. Tomás para a qual "o tomismo de escola em absoluto não nos preparou e que faz explodir qualquer 'sistema'"[314].**

**Para examinar o significado do aspecto negativo na filosofia de S. Tomás (e na de Pieper), seguiremos o Cap. V da primeira parte de Unaustrinkbares Licht.**

**A dimensão negativa - tributo de S. Tomás ao Pseudo-Dionísio[315] - representa, em termos de Filosofia, o contraponto da tese que antes expúnhamos ("As coisas são cognoscíveis porque são criaturas"), a saber: "As coisas são misteriosas, inabarcáveis pelo nosso conhecimento porque são criaturas".**

**Como ensina Santo Tomás, o objeto do conhecimento, a coisa (res naturalis) "inter duos intellectus constituta, secundum adaequationem ad utrumque vera dicitur"[316], quer dizer, as coisas são verdadeiras porque a Inteligência divina as criou e também porque estão ordenadas ao conhecimento intelectual humano.**

**É nesse contexto que se situará também a (relativa) incognoscibilidade das coisas[317].**

**Após esclarecer que há diversas formas de incognoscibilidade (e descartar as equívocas para o caso), Pieper explica que o sentido do mistério do real reside não na ausência de luz, mas no excesso. Isto é, como víamos, o ser e a essência das coisas consistem em ser**

**criadas, pensadas por Deus: a luminosidade interna do ser procede da Luz infinita:**

***"O ser real das coisas é precisamente sua luz", "uma coisa tem tanta luz como realidade"; estas são duas frases de S. Tomás (I Tim. 6, 4; De caus. I, 6) com um profundo sentido. Pela procedência do Logos é que as coisas são cognoscíveis para o homem. Mas precisamente por isso refletem uma luz infinita, e, por conseguinte, são nos inabarcáveis "[318].***

**Pieper deixa bem claro que S. Tomás nada tem de agnóstico, "pelo contrário (Deus e as coisas) são tão cognoscíveis que nunca chegaremos a esgotar a tarefa de conhecê-los; é precisamente sua cognoscibilidade o que é inesgotável" [319].**

**Assim se compreende um outro ponto muito importante em que o filosofar - que busca o ser "em si e em suas últimas razões" - se distingue das ciências: aquele apresenta uma "estrutura de esperança" (Hoffnungsstruktur):**

**Há uma relação  
com o objeto  
fundamentalmente  
distinta na  
Filosofia em  
oposição às  
ciências  
particulares: uma  
questão das  
ciências  
particulares é  
passível de  
resposta  
definitiva, ou,  
pelo menos, não  
é irrespondível  
por princípio.  
Pode-se dizer  
definitivamente  
(ou então,  
possivelmente  
poder-se-á algum  
dia dizer) qual o  
agente causador  
desta  
determinada  
doença  
infecciosa; em  
princípio, é muito  
possível que um  
dia se diga: é  
cientificamente  
certo que as  
coisas se passam  
assim e assim a  
respeito de tal  
assunto. Mas  
nunca uma  
questão  
filosófica, como  
sejam: "que é isto  
em última  
análise? que é**



***uma doença? que  
é o  
conhecimento?  
que é o  
homem?", nunca  
uma questão  
como estas  
poderá ser  
definitivamente  
respondida.  
"Nenhum filósofo  
até hoje foi capaz  
de abarcar a  
essência mesmo  
de um só  
mosquito" (In  
Symb. Apost.,  
Intr.)[320].***

**Tal distinção, principalmente numa época como a nossa, em que também amplos setores da Educação acusam um acentuado cientificismo, é de extraordinária importância.**

---

▪ ***Anterior***

▪ ***Índice***

▪ ***Posterior***



## 4.8. Ciência e Cientificismo

Inicialmente, é importante destacar a distinção entre ciência e cientificismo: cientificismo é uma posição filosófica (e não científica) que considera válido somente o conhecimento científico.

Para caracterizar o contraste com a posição expressa por Pieper - sobretudo em *Über das Verlangen nach Gewissheit*[321], texto fundamental para este tópico - pareceu-nos especialmente adequada uma conhecida epígrafe de diversos manuais de Física para o 2º. e 3º. graus, uma sentença do físico Lord Kelvin que resume em si o cientificismo: "Todo conhecimento que não pode ser expresso por números é de qualidade pobre e insatisfatória"[322].

A ciência e a técnica, hoje, deslumbram tanto que quase não se questiona uma mentalidade como a representada pela proposição acima. E, uma vez aceitas as premissas do cientificismo, já não se pode escapar dele. Porém, devemos aceitá-las? Parafraseando Gilson: "Tudo pode ser cientificamente constatado, exceto o princípio de que tudo possa ser constatado cientificamente"[323].

Aplicando à sentença de Kelvin (e ao cientificismo em geral) seu próprio critério de avaliação, resulta que também ela (e o cientificismo em geral) é de qualidade pobre e insatisfatória, pois tal sentença não se deixa expressar em números.

Pieper investe contra as filosofias que pretendem que o único conhecimento com sentido e conteúdo seja o que se possa expressar em enunciados protocolares, ou, de algum modo, "clare et distincte". De uma obra coletiva do Círculo de Viena, recolhe a seguinte máxima: "Fora da experiência não há caminhos para se chegar a um conhecimento com conteúdo"[324] cujo sentido original é claro: a exclusão da Metafísica por ser um conhecimento vazio e sem sentido.

Não que Pieper queira se afastar da experiência, mas entende-a num sentido muito mais profundo do que a mera identificação com o que pode ser expresso científica ou protocolamente.

Nesse sentido, Heidegger aponta as diferenças entre os dois modos

**de ver o mundo e o filosofar: a busca do ser do ente nos antigos; a pretensão de clara certeza nos modernos:**

***De bem outra  
espécie é  
aquela  
disposição que  
levou o  
pensamento a  
colocar a  
questão  
tradicional do  
que seja o ente  
enquanto é, de  
um modo novo,  
e a começar  
assim uma  
nova época da  
filosofia (...)  
para Descartes,  
aquilo que  
verdadeiramente  
é se mede de  
uma outra  
maneira: (...) o  
ente que é com  
toda certeza  
[325].***

**De fato, nem Platão, nem Aristóteles, nem S. Tomás de Aquino, têm a pretensão de que o conhecimento humano possa ser claro e certo: em qualquer questão filosófica o mistério está sempre presente e - pela própria natureza das coisas - nunca homem algum dará resposta cabal e clara à pergunta pelo ser do ente. Como se diz no Pedro (278d) de Platão:**

**O nome de  
sábio,  
Fedro, me  
parece  
excessivo;  
só vai bem  
com  
referência  
a Deus; o  
de amigo  
da  
sabedoria  
(filósofo),  
ou outra  
designação  
equivalente,  
conviria  
melhor.**

**E em S. Tomás de Aquino lemos:**

***Minimum quod  
potest haberi  
de cognitione  
rerum  
altissimarum,  
desiderabilius  
est quam  
certissima  
cognitio quae  
habetur de  
minimis rebus,  
ut dicitur in XI  
"De  
animalibus" (de  
Aristóteles)  
[326].***

**E assim fomos conduzidos a uma súbita inversão do cientificismo:  
só podemos ter precisão, clareza e expressar protocolar ou**

**numericamente realidades de menor importância. Já o pouco conhecimento que podemos ter na Filosofia é sumamente importante.**

**É a mudança de chave que ocorre quando se passa da filosofia antiga para a moderna: naquela, a dignidade do conhecimento liga-se ao objeto; nesta, à clareza do sujeito.**

**No entanto, Pieper encontra uma possibilidade de concordar com a letra daquela sentença do Círculo de Viena[327], ainda que, quanto a seu espírito, situe-se no extremo oposto: desde que entendamos os termos "experiência" e "objetividade" em um bem determinado sentido. Será que "objetividade" refere-se só àquilo que pode ser enunciado protocolarmente ou apreensível pela ciência? A resposta de Pieper a esta pergunta é não.**

**Suponhamos, por exemplo, um problema de Física: "Um projétil é disparado com velocidade inicial igual a tanto, etc.". A ciência (Física) pode determinar a que velocidade tal projétil atingiu um determinado obstáculo; pode analisar (Química) as reações de combustão e a explosão que deu origem ao disparo; e, supondo que o obstáculo seja um organismo vivo, a ciência (Biologia) pode ainda determinar com precisão a dilaceração de tecidos causada pela penetração do projétil.**

**Mas acaso não pertencerão também ao universo da objetividade e da experiência a possibilidade de se captar (de maneira não expressável em enunciados protocolares... mas mesmo assim plenamente objetiva) o sentido humano desse disparo: se se trata de um assassinato, de legítima defesa ou de um acidente? Por difícil, e mesmo impossível, que seja estabelecer critérios operacionais para isso, há um sentido humano objetivo e podemos apreendê-lo.**

**Outro exemplo: todos sabemos o que é a amizade e quem é nosso amigo. Mas pertence ao ridículo a tentativa de estabelecer algum critério protocolar-científico (mesmo para a mais avançada das cibernéticas) onde se afirme: A diz-se amigo de B quando...**

**No entanto, é com objetividade que afirmamos: Fulano é meu amigo. Pois objetividade significa afirmar que é aquilo que é na realidade. Uma realidade a que temos acesso na experiência, onde por experiência entendemos não só (nem principalmente) as dos**

laboratórios de Física, mas precisamente qualquer tipo de contato imediato com a realidade, não excluindo, por exemplo, a captação do que se expressa num modo de olhar, num gesto; o "outro" em sua dor, alegria etc.[[328](#)].

Como fica patente no texto de S. Tomás citado há pouco, os antigos tinham seu próprio modo de ver o conhecimento: para eles, a realidade e o homem são tais que não se pode pretender a clareza da ciência a não ser que se trate de assuntos de menor importância: a dignidade de um conhecimento não advém da clareza mas do objeto. E, em Filosofia, os objetos não devem ser analisados de um ponto de vista limitado como nas ciências (daí lhes advém a clareza) mas pergunta-se pela totalidade.

Um exemplo do cientificismo aplicado à Educação pode ser encontrado no "Movimento dos Objetivos Comportamentais"[[329](#)]. Para esse e outros cientificismos pedagógicos, "apenas o possível de ser medido pode ser ensinado"[[330](#)].

Não nos ocuparemos aqui desse movimento, limitando-nos a indicar sua incompatibilidade com uma Filosofia da Educação como a de Pieper, que fornece a base para uma crítica adequada do "comportamentalismo".

Para mostrar quão limitada é a ciência e quão absurda a pretensão de totalidade do cientificismo, passamos a uma breve nota sobre a ambivalência da ciência.

---

▪ [Anterior](#)

▪ [Índice](#)

▪ [Posterior](#)



#### **4.9. A Ambivalência da Ciência**

**Se é certo que a ciência - ao contrário da Filosofia - comporta aplicações práticas, é certo também que - igualmente pela própria natureza das coisas - não compete a ela, mas à Filosofia, distinguir entre o bom e mau uso dos conhecimentos científicos, o significado para o homem que trazem consigo[331].**

**A Filosofia, como dissemos alhures[332], transcende o âmbito dos aspectos parciais (próprio das ciências particulares) e situa-se no do homem enquanto homem.**

**Desse modo, quando falamos em "bom" deste ou daquele particular ponto de vista, devemos lembrar-nos de que se trata de um "bom" relativo e que, estritamente falando, bom é somente o que se conforma com o homem visto enquanto totalidade de seu ser pessoal.**

**Até que ponto essa lembrança é hoje oportuna e onde pode levar-nos a moderna miopia científicista, tudo isso torna-se muito claro quando consideramos dois breves depoimentos contemporâneos (tipicamente contemporâneos) recolhidos por Pieper[333].**

**O primeiro expressa o que sentiam alguns físicos ante a possibilidade de construir a bomba atômica do ponto de vista técnico um trabalho fascinante ("From a technical point of view it was a sweet and lovely and beautiful job")[334].**

**"Uma mera tarefa de desenvolvimento da ciência". Desse modo o inventor da napalm - é o segundo depoimento - interpretou seu trabalho quando confrontado com fotografias de homens queimados pela sua bomba. Uma tarefa que ele se declarava disposto a reassumir a qualquer momento.**

**Talvez o mais grave em tudo isto seja o fato de que nosso tempo mal consiga expressar o que há de errado nesses inquietantes depoimentos: que estamos hipertrofiando aspectos parciais e deixando de ver o essencial, inacessível à ciência.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





#### **4.10. A Estrutura de Esperança**

Se bem atentarmos para o que ficou dito nos tópicos anteriores, repararemos que a admiração, o mistério, o filosofar e o próprio homem têm - em razão da criação - uma estruturação comum; uma estrutura dúplice que comporta um elemento positivo e outro negativo, o que Pieper denomina Hoffnungsstruktur, estrutura de esperança[335].

*A forma íntima  
do filosofar é  
praticamente  
idêntica à forma  
interna da  
admiração. (...) A  
admiração  
comporta um  
aspecto negativo  
e outro positivo.  
O aspecto  
negativo  
consiste em que  
aquele que  
admira não sabe,  
não compreende;  
não conhece o  
que está "por  
trás" ou, como  
diz Santo Tomás,  
"a causa daquilo  
que admiramos  
nos é  
desconhecida" (S.  
Th., I-II, 32, 8).  
Portanto, quem  
admira não sabe,  
ou não sabe  
perfeitamente.  
(...)*

*Nessa estreita*

**união entre "Sim e Não" manifesta-se que a admiração tem a mesma "estrutura de esperança". O arcabouço da esperança é próprio do ato de filosofar, como o é da própria existência humana. Somos essencialmente viatores, caminhantes, que ainda não são.**

**Quem poderia dizer que possui já o ser que lhe está reservado? "Não somos, esperamos ser", diz Pascal. Pelo fato de a admiração ter o mesmo arcabouço que a esperança, pode-se ver o quanto ela pertence à própria natureza humana[336].**

**A esperança situa-se intermediariamente entre o não ter em absoluto e o já ser possuidor: a esperança não é o mero carecer nem possuir.**

**Daí que Pieper - de forma admiravelmente concisa: duas palavras**

apenas - a caracterize como um noch nicht, "o intrínseco e entitativo 'ainda não' da criatura"[337], destacando-se, para o nosso caso, "a estrutura de esperança do conhecer criatural"[338] (evidentemente, com o termo estrutura, não se quer indicar aqui algo de rígido)[339].

Uma questão científica pode receber uma resposta clara, precisa e definitiva; uma questão filosófica (quem pode dizer que sabe plenamente "em si e em suas últimas razões" o que é o homem, o amor, ou o "ter"?) sempre manifesta o "ainda não" do homem, que tal como Eros - que também simboliza o filosofar - é "filho de Poro e de Penia, ou seja, da riqueza e da indigência, (...) nunca é rico nem pobre, e se encontra sempre a meio caminho da sabedoria e da ignorância"[340].

E, assim, a Filosofia não pode ser um sistema fechado, "a pretensão de possuir a 'fórmula do mundo' é antifilosófica e pseudofilosófica"[341], pois o filosofar e o homem são "estar a caminho", esperança, "ainda não", filhos de Poro e Penia.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



#### **4.11. A Universidade: Lugar de "Quaestio Disputata"**

Do que até aqui consideramos, decorre o sexto capítulo de *Offenheit für das Ganze*, que seguiremos neste tópico.

Nesse capítulo encontra-se

*a única  
sugestão  
concreta e  
organizacional  
que quero  
fazer no que  
tange à  
reforma da  
Universidade.  
Ela se refere  
à abertura de  
um espaço na  
própria  
estrutura da  
Universidade  
para uma  
discussão  
que se situa  
para além da  
divisão entre  
Faculdades e  
disciplinas  
[342].*

É próprio da Universidade a educação filosófica, a discussão aberta à totalidade do real, de questões que digam respeito ao "homem em si", temas que interessam a várias áreas e sempre de novo dão lugar à discussão (como já dissemos anteriormente, a abertura para o todo não consiste numa justaposição de especialistas) como, por exemplo, a discussão da legitimidade das línguas artificiais, do significado da verdade, do alcance do conhecimento, do valor da tradição etc.

O objetivo da educação filosófica, diz Pieper, é precisamente preparar o espírito para a discussão dessas questões; discussão cujo paradigma se encontra na Universidade medieval (uma vez afastado o infundado preconceito de que a Universidade medieval impunha a seus alunos uma verdade acabada e global), sobretudo em Paris.

É óbvio que a proposta do restabelecimento da *quaestio disputata* da Idade Média não significa imitação da forma concreta em que esses debates se realizavam (ainda que Pieper faça notar que certas "regras do jogo" da disputa medieval não devam de modo algum ser subestimadas: especialmente aquela que impõe a necessidade de, no diálogo, não responder a um argumento, pergunta ou objeção de interlocutor sem antes ter exposto a argumentação do oponente por si mesmo e recebido a explícita aprovação do adversário a essa formulação).

O colóquio, a *disputatio*, dependerá fundamentalmente do espírito das pessoas que participam.

*Só as pessoas  
que  
constituem a  
Universidade é  
que podem  
realizar essa  
abertura para a  
totalidade de  
que estamos  
falando. É  
necessário,  
pois, que os  
estudantes,  
por mais que  
se limitem a  
um aspecto  
parcialmente  
formulado da  
realidade (aliás  
pela sua  
própria  
disciplina*

***científica),  
individualmente  
sejam postos  
em condições,  
sejam  
estimulados,  
continuamente  
provocados,  
compelidos  
pelo próprio  
espírito da  
instituição, a  
olhar, de modo  
pessoal, o todo  
do mundo e da  
existência  
[343].***

**O que caracteriza, pois, o genuíno professor universitário é a capacidade e o preparo para promover e participar desses debates. Um preparo que - mais que a competência científica - pressupõe a capacidade de reconhecer que os resultados particulares do próprio trabalho de pesquisa são aptos à consideração global. Numa palavra, que saiba encarar e dialogar filosoficamente sobre sua especialidade.**

**Esclarece, finalmente, em breves palavras, que esse apelo à consideração do todo nada tem a ver com proselitismos: também aqui[344] o essencial é a atitude do professor como homem. E, dificilmente, poder-se-iam estabelecer critérios comportamentais que assegurassem, do ponto de vista administrativo, uma pureza no ideal universitário.**

***Nem é necessário  
dizer que isso (o  
apelo à  
consideração do  
todo) de modo  
algum significa  
sinal livre nem  
sequer tolerância  
com a imposição  
de  
confessionalismos  
privados; a  
Filosofia  
comporta seu  
próprio modo de  
discrição. O que  
ela exige do  
professor é uma  
perfeita  
independência no  
modo de  
responder,  
enquanto  
docente, à  
questão referente  
à coesão total do  
mundo[345].***

---

▪ ***Anterior***

▪ ***Índice***

▪ ***Posterior***



#### **4.12. O Ensinar e o Aprender**

Sendo o objetivo deste trabalho estabelecer um paralelismo entre o filosofar e o educar, agora que vamos tratar das características do professor universitário (além das que já foram analisadas), cumpre recordar que, tanto no caso do educar como no do filosofar, o fundamental é uma atitude humana, que nenhuma metodologia pode conferir.

*Aqui (na atitude do autêntico professor) situa-se algo que escapa totalmente ao âmbito "metodológico" da "didática", da habilidade pedagógica, ou antes, aqui liga-se o que se pode adquirir metódica e disciplinadamente, a arte pedagógica, com algo muito mais profundo e que propriamente não se pode aprender [346].*

Essa atitude do genuíno professor, que nenhuma cadeira de Faculdade de Pedagogia pode por si ensinar, será objeto da análise de Pieper a partir de um caso concreto, o professor por excelência, S. Tomás de Aquino.

Pieper, como dissemos[347], nunca filosofa "em abstrato" e, quando se trata de refletir sobre atitudes humanas (como a de quem ensina), o fenômeno, o que nos é manifestado, está aí realizado na vida dos



homens. Pieper, a seu modo, faz em suas reflexões o mesmo que observou a respeito da obra de Platão: que não separa as teses filosóficas do personagem vivo e concreto[348]. Pieper analisa o que é ensinar a partir de S. Tomás de Aquino, que foi "essencialmente um professor" que realizou em si as características essenciais do verdadeiro e grande mestre, de maneira intensa e apaixonada[349].

É escusado dizer que a doutrina de S. Tomás sobre o ensinar é compartilhada por Pieper.

*Ensinar é,  
diz S. Tomás,  
uma das  
formas mais  
elevadas e  
perfeitas da  
vida  
espiritual,  
pois no  
ensino se  
enlaçam as  
duas formas  
fundamentais  
da existência  
humana: a  
vita  
contemplativa  
e a vita  
activa.*

*E isto não  
como uma  
justaposição  
externa  
artificial, mas  
de forma  
orgânica,  
natural e por  
necessidade  
interna[350].*

O aspecto contemplativo se dá porque o autêntico professor volta-se para a verdade das coisas: é a dimensão contemplativa do ensinar, a dimensão do silêncio que ouve: "voltar-se apaixonadamente para a verdade das coisas (...) é o primeiro pressuposto do grande professor", sem o qual "não se pode sequer pensar em ensino no sentido maior e genuíno"[351].

De modo muito sucinto, ao longo do artigo "Thomas von Aquin als Lehrer", Pieper indica as características contemplativas do mestre: a capacidade de abrir-se para a verdade das coisas; de ouvir silenciosamente a realidade; de, com simplicitas, abrir-se para o todo e reconhecer o mistério do ser[352].

Essa simples enumeração já basta para que se torne evidente o filosofar no mestre. Um pressuposto que se faz necessário, dada a própria natureza do homem e a da educação:

**A  
formação  
se dirige  
ao todo:  
culto e  
formado  
é aquele  
que sabe  
o que  
acontece  
com o  
mundo  
em sua  
totalidade.**

**A  
formação  
atinge o  
homem  
todo  
enquanto  
é capax  
universi,  
enquanto  
é capaz  
de**

*apreender  
a  
totalidade  
das  
coisas  
que são  
[353].*

Ora, numa filosofia como a de Pieper, o abalo da admiração está na base "de todo conhecimento profundo e não só do filosofar"[354], e então é necessário, pela própria natureza das coisas, que o aluno seja guiado a descobrir esse caráter admirável da matéria de que se trata (evidentemente, com isto não estamos nos referindo ao fato banal de que o professor deve tornar a matéria amena e interessante) [355].

"O sentido íntimo do aprender consiste no conhecimento do mundo real e de sua estrutura" e, por isso, para que haja verdadeira aprendizagem é necessário que o aluno seja guiado pelo caminho da admiração, de percepção do mirandum, onde o mundo perde seu caráter evidente e cotidiano[356].

Ora, o que é a admiração senão a arché, o princípio do filosofar? Deste modo, já nos fundamentos da atitude do verdadeiro ensinar e do verdadeiro aprender encontramos componentes do ato de filosofar: o voltar-se para a verdade das coisas e a admiração.

Pois do professor se exige - também dele - a capacidade de admirar-se. A admiração não é apanágio do aluno, que reflete sobre aquele tema por vez primeira. Precisamente um dos momentos em que a filosofia do ensino de Pieper toma-se mais penetrante é quando trata da comunicação professor-aluno: nessa mútua relação, cada um se apropria do que, em princípio, era só do outro.

Assim, o professor deve ter o carisma de algo muito mais profundo do que o mero domínio de "técnicas didáticas": deve ser capaz, tal como Tomás de posicionar-se com os principiantes[357]. "É justamente isto o que caracteriza o professor: que ele se esforça e consegue e sai-se bem na tarefa de não só falar e formular, mas pensar a partir da situação do primeiro encontro"[358].

No contato com os alunos, o mestre adquire a simplicidade e a capacidade de admirar a realidade sem no entanto perder a maturidade e a experiência do espírito formado[359], uma simplicitas de atitude que deve se transformar em simplicitas de comunicação [360].

O segredo desse aparente paradoxo está no amor, que torna o mestre capaz de conjugar toda sua experiência com uma "amorosa identificação com os que começam"[361].

No seu livro sobre o amor, Pieper ensina que

*a  
proximidade  
entre  
"amor" e  
"ser igual"  
expressada  
na mesma  
palavra  
[362] traz à  
luz um  
componente  
de  
significação  
que a  
princípio  
nos era  
mais ou  
menos  
oculto, mas  
que depois  
não nos  
surpreende  
e de que  
até já  
tínhamos  
suspeitado  
e quase  
mesmo  
sabido com  
certeza:*

*que o amor  
inclui  
sempre um  
recíproco  
voltar-se  
entre  
amante e  
amado e  
repousa  
sobre esse  
voltar-se  
[363].*

Do mesmo modo, aprender (sempre que se trate do genuíno aprender) é crescer numa realidade em que o estudante não teria ingresso, mas que lhe é tornada acessível por sua união confiada com o mestre, "pela identificação amorosa com quem ensina"[364].

Como dissemos, tudo isto não é formulado abstratamente. Pieper pensa no caso paradigmático de S. Tomás (sobretudo a partir do que diz sobre o voltar-se para os principiantes, no prólogo da Summa Theologica) e, também, sem o dizer, na sua própria experiência de brilhante professor. É interessante observar que Pieper desenvolve essas teses, também ele, dirigindo-se aos principiantes no livro Thomas von Aquin: Leben und Werk, um livro escrito "em linguagem mais próxima da oral que da escrita. É a redação, só ligeiramente modificada, de aulas para alunos procedentes de diversas faculdades"[365].

Certamente o professor deve cultivar a técnica didática; mas sempre o que é essencial, o que indica a qualidade do mestre "não é algo que vem de fora, mas sim algo que está impresso no mais íntimo de seu ser"[366] e uma metodologia só é verdadeiramente válida quando se liga vitalmente à atitude de voltar-se para a realidade [367].

Naturalmente, não pretendemos que haja na obra de Pieper uma identificação simples entre o filosofar e o ensinar. Não, "há grandes pensadores e pesquisadores que não têm a capacidade ou o desejo de se comunicar pelo ensino"[368].

O que, sim, se depreende da obra de Pieper é que o professor (o verdadeiro e genuíno professor e na medida em que seu ensino supera a mera instrução) tem a atitude do filosofar: abertura à verdade das coisas, admirar-se sempre de novo com a realidade, etc. Uma atitude que, no caso do mestre, se mantém continuamente jovem também pela identificação amorosa com os que começam.

Tal como para a educação moral (de que aqui não nos ocuparemos), toda educação em geral é algo que parte de dentro do próprio educando[[369](#)].

A formação humana é resumida por Pieper como um Selbstverwirklichungsvorgang[[370](#)]; e ao afirmar este processo de auto-realização, Pieper mantém uma posição equilibrada e harmônica, pois tal processo não é caótico nem aleatório: deve voltar-se (caso queiramos uma realização autenticamente humana) não para os caprichos de uma mal entendida "criatividade", mas para a descoberta da realidade objetiva[[371](#)].

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



#### **4.13. Sofística e Reverência**

O espírito acadêmico que procuramos caracterizar ao longo deste trabalho é desenvolvido por Pieper em confronto com seu oposto, o espírito sofista, a que implicitamente temos nos referido freqüentes vezes. Porém, para os propósitos deste trabalho pareceu-nos mais oportuno este tópico à parte.

Inicialmente, devemos notar que o espírito sofístico significa para Pieper precisamente o oposto do acadêmico: "Acadêmico quer dizer anti-sofístico"[[372](#)].

E, assim como o filosofar de Platão tem caráter atemporal, do mesmo modo o sofista, presente também em nossa época[[373](#)].

Na sofística, à admiração (como arché do filosofar) opor-se-á a dúvida; à reverência (diante de uma realidade criada), a crítica; à contemplação, o fim prático; a simplicitas, a sedução; etc.

O sofista é mais anti-acadêmico que o "trabalhador", na medida em que "o mentiroso 'sim' é pior que o rotundo 'não'"[[374](#)]. E corresponde à natureza da sofística sua difícil identificação, como o fez notar o filósofo norteamericano John Wild: "o sofista tem a mesma aparência de um filósofo, fala exatamente como um filósofo; pode-se mesmo dizer: parece-se muito mais a um filósofo que o próprio filósofo"[[375](#)].

Seja como for, Pieper aponta diversas formas de sofística a partir dos personagens que aparecem nos diálogos platônicos: o relativista Protágoras ("o homem é a medida de todas as coisas" - primeiro princípio do humanismo sofista); o erudito Hípias; Pródico, o "desmistificador" de tudo que se apresente como grande e digno de respeito e Górgias, o elegante nihilista.

**O que há de  
comum a  
todas essas  
formas  
particulares  
de sofística  
é  
exatamente  
o que as  
separa  
daquele  
esforço,  
permanente  
através do  
tempo, de  
conhecer  
com base  
na realidade  
e no ser,  
esforço  
este que  
tem como  
grandes  
testemunhas  
Sócrates e  
Platão[376].**

**Procurando as constantes sofísticas, Pieper indicará em  
Begeisterung und göttlicher Wahnsinn três delas[377]:**



**1) Perfeição formal do discurso: "Quem procura analogias atuais para o fenômeno sofista, terá que fazê-lo entre os representantes modernos da haute littérature".**

**2) O vanguardismo (o que não significa que todo vanguardismo seja necessariamente sofisticado).**

**3) O êxito, entendido como virtude e programa de vida, tal como é enunciado por Protágoras [378]. Quando se tem em conta a idéia de homem num mundo como o de hoje, em que a utilidade e a eficiência se apresentam como se fossem valores supremos, vê-**

**se até que  
ponto está  
presente e atual  
o programa  
sofista de  
Protágoras.**

**O sofista não aceita**

***que a riqueza  
espiritual  
própria do  
homem só se  
realiza  
participada  
na atitude de  
silenciosa  
teoria  
voltando-se  
para a  
verdade  
como um  
ouvinte que  
recebe sua  
medida da  
realidade do  
mundo  
precisamente  
isto o sofista  
nunca aceita.  
Ele afastará  
de si o  
pensamento  
de que possa  
existir algo  
como  
"tradição  
sagrada",  
proveniente  
de uma fonte  
acima do***

**homem (...)  
Ele escolhe  
uma  
liberdade  
que se  
realiza  
precisamente  
pelo  
esquecimento  
da sabedoria  
desde  
sempre  
atestada, por  
mais que  
esta  
liberdade  
seja vazia  
(...). Rompe  
também com  
o vínculo  
profundo e  
essencial  
que orienta o  
espírito à  
norma  
objetiva do  
ser. Para ele  
o conteúdo  
torna-se  
indiferente  
diante do  
formal. O  
sofista não  
suspeita de  
que essa  
dupla  
negação o  
torna, por  
assim dizer,  
maduro para  
entrar a  
serviço das  
forças**

***totalitárias.  
Quem nega  
que a norma  
do espírito é  
a verdade  
objetiva  
torna  
possível e  
até mesmo  
necessária a  
submissão a  
fins  
estranhos,  
isto é aos  
fins  
arbitrários de  
qualquer  
práxis[379].***

**Assim a retórica sofista, erudição desvinculada da realidade, promove uma dupla corrupção da palavra: em relação à realidade que cede seu lugar à forma, e a conseqüente corrupção do caráter comunicativo, onde o decisivo passa a ser a persuasão, instrumento de múltiplas formas de poder[380].**

**Mas, para além de todas as divergências mais ou menos superficiais, encontra-se algo de mais profundo, onde a sofisticada deturpa o acadêmico no que este tem de mais íntimo: a atitude de reverência, seja na formação, seja na pesquisa, seja no ensino. Se o mundo é criação, então a realidade não é mera matéria-prima para a ação pragmática, antes é objeto de reverência (e admiração, e contemplação, etc.):**

**Sempre que o elemento "crítico" se torna tão determinante que praticamente torna impossível a atitude reverencial, aí se dá também a forma mais extrema de sofística anti-acadêmica, que destrói o núcleo do que é acadêmico, apesar de uma perfeição formal talvez extrema. Por crítica não entendemos aqui a integridade do pensamento apoiado em evidência mas aquela presunçosa auto-suficiência que se fecha intransigentemente (...).**

**Mas por que a reverência é a atitude mais profunda do espírito acadêmico, e por que se fere a substância desse espírito quando se abandona essa atitude? Porque**

**sem reverência a  
teoria num sentido  
pleno (isto é a  
recepção  
silenciosa da  
realidade, atitude  
que se encontra  
por excelência no  
ato filosófico, que,  
por sua vez,  
constitui a  
essência da  
atividade  
acadêmica) se  
torna irrealizável  
[381].**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## TESES PIEPERIANAS

### **5.1 Teses Pieperianas.**

**Recolhemos aqui alguns dos principais resultados deste trabalho.  
No filosofar de Pieper:**

**\* Uma Filosofia da Universidade liga-se necessariamente ao tema do filosofar e à Antropologia Filosófica. Da análise do filosofar, chega-se a importantes conclusões antropológicas e acadêmicas.**

**\* A primeira característica do filosofar, transcender o mundo do trabalho em busca do ser, corresponde, no plano antropológico, às exigências de contemplação da natureza humana e, no acadêmico, a uma Pedagogia das Artes**

## **Liberais.**

**\* A Pedagogia das Artes Liberais apóia-se no caráter livre do conhecimento filosófico, uma liberdade que pode ser participada pelas ciências particulares. E é precisamente neste modo livre, filosófico-teorético, de ensino de qualquer disciplina que se realiza o verdadeiro espírito acadêmico.**

**\* É também o caráter livre do conhecimento - para mais além das estruturas políticas - o fundamento último da liberdade acadêmica.**

**\* O filosofar é essencialmente abertura para o todo do real e, por isso, distingue-se das**



**ciências  
particulares. Tal  
abertura para a  
totalidade faz  
parte da  
essência do  
homem,  
enquanto ser  
espiritual e  
constitui a  
vocação da  
Universidade.**

**\* O caráter  
criado do real é  
o fundamento do  
verum, de sua  
cognoscibilidade,  
e, ao mesmo  
tempo, do fato  
de que o homem  
nunca o possa  
conhecer  
totalmente  
(Filosofia  
negativa). Daí  
decorre que o  
filosofar (e o  
homem e o  
ensinar) baseie-  
se na admiração  
e na reverência e  
se dê em  
"estrutura de  
esperança". Daí  
também que o  
espírito de  
quaestio  
disputata seja o  
próprio espírito  
da Universidade.**

**\* O espírito**

**científico (e, com maior razão, o cientificista) é insuficiente para a Universidade; a Universidade deve ser filosófica.**

**\* Os universitários, professores e alunos, realizam o genuíno espírito acadêmico quando - na feliz formulação de Ruy Nunes[382] - são animados pelo "eros filosófico".**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## BIBLIOGRAFIA

**1. Livros de JOSEF PIEPER (salvo expressa indicação em contrário, trata-se de obras editadas pela editora Kösel, München)**

1. Begeisterung und göttlicher Wahnsinn. Über den platonischen Dialog "Phaidros", 1962, 175 pp. a) Trad. cast.: Entusiasmo y delirio divino. Sobre el diálogo platónico "Fedro". Trad. de Consuelo García. Madrid, Rialp, 1965.
2. Buchstabier-Übungen. Aufsätze, Reden, Notizen. 1980, 184 pp.
3. Christenfibel (em co-autoria com H. Raskop). Freiburg im Breisgau, Herder, 1958, 148 pp. a) Trad. cast.: Catecismo del cristiano. 2ª. ed. Trad. de Fray Afonso López-Galuá O.F.M. Madrid, Rialp, 1964.
4. Erkenntnis und Freiheit. Essays. München, DTV, 1964, 152 pp.
5. Das Experiment mit der Blindheit. Steinfeld, Salvator, 1979, 21 pp. a) Trad. bras.: A Experiência da Cegueira. Trad. de Luiz Jean Lauand, publicada nos ns. 1.140 e 1.141 de A Voz do Paraná, Evopar, Curitiba, set.-out., 1985.
6. Glauben, Hoffen, Lieben. Freiburg im Breisgau, IBK, 1981, 36 pp.
7. Gerechtigkeit-Heute, 2ª. ed., Köln, Adamas, 1974, 35 pp.
8. Glück und Kontemplation. 1957, 136 pp. a) Trad. cast.: El ocio y la vida intelectual (vários ensaios, entre os quais o acima indicado). Trad. de Ramón Cercós. Madrid, Rialp, 1962. b) Trad. bras.: Felicidade e Contemplação. Lazer e Culto. Trad. de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo, Herder, 1969.
9. Hoffnung und Geschichte. 1967, 139 pp.
10. Kurze Auskunft über Thomas von Aquin. 3ª. ed., 1963, 86 pp. (Na 1ª. ed. de 1949 tinha o título Über Thomas von Aquin.)

11. Lesebuch. 1981, 270 pp. a) Trad. cast.: Antologia. Trad. de J. López de Castro. Barcelona, Herder, 1984.
12. Lieben, hoffen, glauben. 1986, 382 pp. (reedição de Über die Liebe; Über die Hoffnung e Über den Glauben, com novo Vorwort).
13. Menschliches Richtigsein. Die Kardinaltugenden neu bedacht. Freiburg, IBK, 1980, 16 pp.
14. Musse und Kult. 1952, 99 pp. a) Trad. cast.: Ocio y culto. Trad. de Alberto Pérez Masegosa. Incluída em El ocio... (nº. 8a desta relação). b) Trad. ingl.: Leisure the Basis of Culture. Trad. de Alexander Dru. London, Faber & Faber, 1952. c) Trad. bras.: Lazer e Culto (incluída na obra nº. 8b desta relação).
15. Noch nicht aller Tage Abend. Autobiographische Aufzeichnungen 1945-1964. 1979, 308 pp.
16. Noch wusste es niemand. Autobiographische Aufzeichnungen 1904- 1945, 3º. ed., 1979, 256 pp.
17. Offenheit für das Ganze - Die Chance der Universität. Essen, Fredebeul & Koenen, 1963, 36 pp.
18. Psychotherapie und Absolution. 2º. ed., Steinfeld, Salvator, 1981, 20 pp.
19. Scholastik. München, DTV, 1978, 156 pp. a) Trad. cast.: Filosofía medieval y mundo moderno (este volume contém as traduções de Scholastik e de Hinführung zu Thomas von Aquin). Trad. de Ramón Cercós. Madrid, Rialp, 1973.
20. Sehen und Schauen. Freiburg, IBK, 1979, 18 pp.
21. Sentenzen des Thomas von Aquin. 1965, 146 pp.
22. Thesen zur Sozialen Politik. 4º. ed., Frankfurt-am-Main, Josef Knecht, 1947, 63 pp.
23. Thomas-Brevier (contém Mysterium et ordo e Oculus Aquilae. Bilingüe: latim-alemão). 1956, 490 pp.

**24. Thomas von Aquin: Leben und Werk. (A 1ª. edição da Kösel em 1958 trazia por título Hinführung zu Thomas von Aquin). München, DTV. 1981. a) Trad. cast.: Introducción a Tomás de Aquino (nº. 19a desta relação).**

**25. Tod und Unsterblichkeit. 1979, 208 pp. a) Trad. cast.: Muerte e inmortalidad. Trad. de Rufino Gimeno Peña. Barcelona, Herder, 1970.**

**26. Über den Begriff der Sünde. 1977, 136 pp. a) Trad. cast.: El concepto de pecado. Trad. de Raúl Gabás Pallás. Barcelona, Herder, 1970.**

**27. Über das christliche Menschenbild. 4ª. ed., s.d., 67 pp. a) Trad. cast.: La imagen cristiana del hombre. Trad. de Carlos Melches. Encontra-se na obra Las Virtudes Fundamentales, Madrid, Rialp, 1976.**

**28. Über das Ende der Zeit. Eine geschichtsphilosophie Meditation. 3ª. ed. revista, 1980, 160 pp. a) Trad. franc.: La fin des temps. Méditation sur la philosophie de l'histoire. Trad. de Claire Champollion. Éditions Universitaires - Fribourg, Suisse, 1982. b) Trad. it.: Sulla fine del tempo. Meditazione filosofica sulla storia. Trad. de Maria Perotti Caracciolo. Brescia, Morcelliana, 1959. c) Trad. cast.: Sobre el fin de los tiempos. Trad. de Alfonso Candau. Madrid, Rialp, 1955.**

**29. Über die Gerechtigkeit (recolhido em Das viergespann, n. 40 desta relação). a) Trad. port.: A Justiça (recolhido em Virtudes Fundamentais. Trad. de Narino e Silva e Beckert da Assumpção. Lisboa, Aster, 1960). b) Trad. cast.: Justicia. Trad. de Manuel Garrido. Encontra-se em Virtudes Fundamentales. Madrid, Rialp, 1976.**

**30. Über den Glauben. Ein philosophischer Traktat. (Recolhido na obra indicada no nº. 12 desta relação.) a) Trad. cast.: Fe. Trad. de Alfonso Candau. Encontra-se em Virtudes Fundamentales. Madrid, Rialp, 1976.**

**31. Über die Hoffnung. (Recolhido na obra indicada no nº. 12 desta relação.) a) Trad. cast.: Esperanza. Trad. de Raimundo Pániker. Encontra-se em Virtudes Fundamentales. Madrid, Rialp, 1976.**

**32. Über die Klugheit (recolhido em Das Viergespann, nº. 40 desta**

relação). a) Trad. port.: A Prudência (recolhido em Virtudes Fundamentais, n. 29a desta relação). b) Trad. cast.: Prudencia. Trad. de Manuel Garrido. Encontra-se em Virtudes Fundamentales. Madrid, Rialp, 1976.

33. Über die Liebe. (Recolhido na obra indicada no nº. 12 desta relação.) a) Trad. cast.: Amor. Trad. de Rufino Gimeno Peña. Encontra-se em Virtudes Fundamentales. Madrid, Rialp, 1976.

34. Über die platonischen Mythen. 1965, 96 pp. a) Trad. cast.: Sobre los mitos platónicos. Trad. de Claudio Gancho. Barcelona, Herder, 1984.

35. Über das Schweigen Goethes. 1951, 74 pp.

36. Über die Schwierigkeit heute zu glauben. Aufsätze und Reden. 1974, 332 pp. a) Trad. cast.: La fe ante el reto de la cultura contemporánea. Trad. de Juan José Gil Cremades. Madrid, Rialp, 1980.

37. Überlieferung. Begriff und Anspruch. 1970, 120 pp.

38. Verteidigungsrede für die Philosophie. 1966, 152 pp. a) Trad. cast.: Defensa de la Filosofía. Trad. de Alejandro Esteban Lator Ros. Barcelona, Herder, 1970.

39. Vom Sinn der Tapferkeit (recolhido em Das Viergespann, n. 40 desta relação). a) Trad. port.: A Fortaleza (recolhido em Virtudes Fundamentais, n. 29a desta relação). b) Trad. cast.: Fortaleza. Trad. de Manuel Garrido. Encontra-se em Virtudes Fundamentales. Madrid, Rialp, 1976.

40. Das Viergespann. 1964, 288 pp.

41. Unaustrinkbares Licht. 2ª. ed., 1963, 105 pp. (contém os ensaios "Über das negative Element in der Philosophie des heiligen Thomas von Aquin" e "Über die Aktualität des Thomismus").

42. Wahrheit der Dinge. Eine Untersuchung zur Anthropologie des Hochmittelalters. 1951, 148 pp. a) Trad. cast.: La verdad de las cosas. Trad. de Ramón Cercós. Encontra-se na obra El descubrimiento de la realidad. Madrid, Rialp, 1974.

**43. Was heisst Akademisch? Zwei Versuche über die Chance der Universität heute. 1964, 134 pp. Esta edição compõe-se de dois ensaios: "Was heisst Akademisch?" e "Offenheit für das Ganze". a) Trad. bras.: O que é Acadêmico? (contém somente o primeiro ensaio). Trad. de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo, EPU, 1981. Em um único volume junto com O que é Filosofar? b) Trad. cast.: Lo académico, el funcionario y el sofista. Trad. de Lucio Garcia Ortega. Incluída em El ocio..., n. 8a desta relação.**

**44. Was heisst Glauben? Vierundzwanzig Rundfunk-Ansprachen. 3ª. ed., Köln, Adamas, 1980, 56 pp.**

**45. Was heisst Philosophieren? Vier Vorlesungen. 8ª. ed., 1980, 132 pp. a) Trad. ingl.: The Philosophical Act. Trad. de Alexander Dru. (Recolhida na obra Leisure..., n. 14b desta relação.) b) Trad. bras.: O que é Filosofar? Trad. de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo, EPU, 1981. c) Trad. cast.: Que Significa Filosofar? Trad. de Manuel Salcedo. Incluída em El ocio..., obra nº. 8a desta relação.**

**46. Weistum-Dichtung-Sakrament. Aufsätze und Notizen. 1954, 349 pp.**

**47. Die Wirklichkeit und das Gute. 5ª. ed., s.d., 115 pp. a) Trad. cast.: La realidad y el bien. Incluída na obra El descubrimiento..., nº. 42a desta relação.**

**48. Zucht und Mass (recolhido em Das Viergespann. nº. 40 desta relação). a) Trad. port.: A Temperança (recolhido em Virtudes Fundamentais. nº. 29a desta relação). b) Trad. cast.: Templanza. Trad. de Rufino Gimeno Peña (encontra-se em Virtudes Fundamentales, nº. 29b desta relação).**

**49. Zustimmung zur Welt. Eine Theorie des Festes. 12ª. ed., 1964, 151 pp. a) Trad. cast.: Una teoría de la fiesta. Trad. de Juan José Gil Cremades. Madrid, Rialp, 1974.**

**50. Le concept de tradition (título original: Über den Begriff der Tradition, Köln und Opladen, Westdeutscher Verlag, 1958, 58 pp). Trad. de Claire Champollion. Publicada na revista La Table Ronde, nº. 150, Paris, Plon, 1960, pp. 74 a 100.**

51. Le "Banquet" de Platon. Jeu Scénique pour la télévision (título original: Kümmert euch nicht um Sokrates. Drei Fernsehspiele, 1966, 205 pp). Corresponde à tradução de um dos três roteiros para a televisão. Trad. de Maurice de Gandillac. Publicada na revista La Table Ronde, nº. 230, Paris, Plon, 1967, pp. 7 a 58.

52. Actualidad del Tomismo. Tradução da conferência de mesmo título proferida por Pieper em "El Ateneo", Madrid, 28 de maio de 1952. Trad. de Vicente Marrero Suárez. Madrid, Ateneo, 1952, 37 pp. O texto aproxima-se do da segunda parte do livro Unaustrinkbares Licht, nº. 41 desta relação.

53. Missbrauch der Sprache - Missbrauch der Macht. Stuttgart, Schwabenverlag, 1986, 46 pp.

- 
- *Anterior*
  - *Índice*
  - *Posterior*





## **2. Artigos de Josef Pieper**

### **A. Artigos em Alemão**

**\* Na revista Hochland. München, Kösel.**

**1. "Über das christliche Menschenbild", 33. Jg. 1936, pp. 97-111.**

**2. "Die erste Kardinaltugend", 34. Jg. 1937, pp. 481-491.**

**3. "Thomas a Creatore", 35. Jg. 1938, pp. 89-105.**

**4. "Symbol und Attrappe", 36. Jg. 1938, pp. 213-220.**

**5. "Die Herrschaft des Antichrist", 42. Jg. 1949/1950, pp. 322-336.**

**6. Was heisst Akademisch? oder: Der Funktionär und der Sophist", 43. Jg. 1951, pp. 421-443.**

**7. "Das Experiment mit der Blindheit", 44. Jg. 1952, pp. 385-390.**

**8. "Über das 'negative' Element in der Philosophie des Thomas von Aquin", 45. Jg. 1953, pp. 197-209.**

**\* Folhetos da Editora IBK de Freiburg, s.d.:**

**9. Verstehen, 6 pp.**

**10. Leben aus dem Schweigen, 6 pp.**

**11. Der Hoffnung verborgener Kern, 6 pp.**

**\* Conferências em fitas-cassete editadas pela IBK:**

**12.  
Glauben,  
Hoffen,  
Lieben.  
1981.**

**13.  
Sehen  
und  
Schauen.  
1979.**

**\* Outros artigos:**

**14. "Die  
musischen  
Künste und das  
Fest". Münster,  
s. c. p., 22.6.80.  
Discurso de  
abertura da  
exposição da  
pintora Hilde  
Schürk-Frisch.**

**15. "Was sind  
das für  
Frauen?".  
Frankfurter  
Allgemeine  
Zeitung, 14.6.86.**

**16.  
"Berichtigung",  
Freiburg  
(Schw.), Divus  
Thomas, 1931, 9.  
Bd. 2. Heft, p.  
243.**

**17. "Der**

**gerechtfertigte  
Praktiker". Neue  
Deutsche Hefte,  
Gütersloh., 1956,  
H. 28, pp. 260-  
266.**

**18. "Vom Lehren  
und Lernen.  
(Aus dem  
Traktat des  
heiligen Thomas  
von Aquin 'Über  
den Lehrer").  
Pädagogische  
Rundschau,  
Ratingen, 3. Jg.  
1949. Heft 3.**

**19. "Die  
Lernenden".  
Neue Deutsche  
Hefte, 1955, pp.  
653-660.**

**20. "Die  
Philosophierende  
und die  
Sprache".  
Philosophisches  
Jahrbuch, 1986,  
pp. 226-235.**

## **B. Artigos em Inglês**

**\* Debate  
publicado  
no Bulletin  
of the  
Commitee  
on Science  
& Freedom:  
21. "The  
Foundations  
of  
Freedom. A  
Broadcast  
Discussion  
between  
Josef  
Pieper and  
Walter  
Weymann-  
Weyhe".  
Science &  
Freedom, n.  
4,  
Manchester,  
1955, pp.  
23-28.**

### **C. Artigos em Francês**

**\* Na revista La Table Ronde, Paris, Librairie Plon:**

**22. "Actualité de la Scolastique". Trad. de Maurice de Gandillac, n. 166, 1961, pp. 19-37.**

**23. "Liberté et inquiétude de la foi". Trad. de M. de Gandillac n°. 169, 1962, pp. 7-15.**

**24. "Où en sommes-nous? Trad. de Maurice de Gandillac, n°. 177, 1962, pp. 131-136.**

**25. "Fête artificielle et 'anti-fête'". Trad. de M. de Gandillac n°. 191, 1963, pp. 30-48.**

**26. "Sur la 'divine folie'". Trad. de Maurice de Gandillac, n°. 183, 1963, pp. 77-94.**

**27. "Ouverture**

**à la totalité".  
Trad. de  
Maurice de  
Gandillac, n.  
201, 1964, pp.  
40-59 (o  
original é  
Offenheit...,  
nº. 17 da  
relação I desta  
bibliografia).**

**28. "Les  
mythes  
platoniciens".  
Trad. de  
Maurice de  
Gandillac n.  
206, 1965, pp.  
35-49.**

**29. "Ce que  
signifie la  
théologie du  
point de vue  
philosophique"  
Trad. de  
Maurice de  
Gandillac, nº.  
213, 1965, pp.  
55-67.**

#### **D. Artigos em Italiano**

**\* Na revista Studi Cattolici, Milano, ed. Ares:**

**30. "Libertá e inquietudine della fede", n°. 30, 1962, pp. 9-13.**

**31. "Perché la tradizione - I", n°. 181, 1976, pp. 163-169.**

**32. "Perché la tradizione - II", n°. 182, 1976, pp. 255-259.**

**33. "Perché credere?", n°. 202, 1977, pp. 739-744.**

**34. "La speranza", n°. 204, 1978, pp. 95-98.**

**35. "La pretesa della certezza", n°. 228, 1980, pp. 83-86.**

**36. "Gesù, nostro fratello?", n°. 277, 1984, pp. 163-164.**

**37. "Come nasce la Pseudoteologia", n°. 280, 1984, pp. 331-332.**



**38. "La crítica  
passa, la veritat  
resta", nº. 283,  
1984, pp. 491-  
492.**

## **E. Artigos em Castelhana**

**\* Na revista Folia Humanistica (ed. em cast.), Barcelona, ed. Glarma:**

**39.  
"Disquisiciones  
sobre el tema  
'pecado'", t. VII,  
nº. 81, 1969, pp.  
673-684.**

**40. "Sacralidad y  
'desacralización'",  
t. VIII, nº. 86,  
1970, pp. 111-  
129.**

**41. "Qué es una  
iglesia?", t. IX, nº.  
100, 1971, pp.  
317-334.**

**42, "El arte de no  
desesperar", t.  
XI, nº. 122, 1973,  
pp. 111-122.**

**43. "Felicidad en  
el mirar", t. XIV,  
nº. 166, 1976, pp.  
641-656.**

**44. "Riesgo y  
crédito de la**

**tradição", t. XIV,  
nº. 167, pp. 731-  
740.**

**45. "La  
actualidad de  
Tomás de  
Aquino". t. XVI,  
nº. 189, 1978, pp.  
571-582.**

**46. "La filosofía y  
el bien común", t.  
XVII, nº. 205,  
1979, pp. 23- 30.**

**47. "El misterio y  
la filosofía", t.  
XVIII, nº. 207,  
1980, pp. 145-  
150.**

**48. "El  
experimento de  
la ceguera", t.  
XVIII, nº. 209,  
1980, pp. 297-  
306.**

**\* No caderno Veritas et Sapientia:**

**49. "La criatura humana: el concepto de creaturidad y sus elementos". Ed. conmemorativa do VII centenário de S. Tomás. Pamplona, EUNSA, 1975, pp. 123-136.**

**\* Na revista Palabra, Madrid, Ed. Palabra:**

**50. "La esperanza", nº. 158, 1978, pp. 19-21.**

**51. "La templanza", nº. 199, 1982, pp. 18-21.**

**52. "Fortaleza para hacer el bien", nº. 211, 1983, pp. 42-44.**

**\* Na revista Nuestro Tiempo, Pamplona, Ed. EUNSA:**

**53. "La  
criatura  
humana",  
nº. 250,  
1975, pp. 5-  
20.**

**54,  
"Esperanza  
e  
Historia",  
nº. 257,  
1975, pp.  
29-52.**

**55. "Los  
matices  
del amor",  
nº. 270,  
1976, pp.  
17-26.**

**56. "El  
inevitable  
dilema",  
nº. 324,  
1981, pp.  
82-85.**

**\* Na revista Universitas (ed. trimestral em espanhol), Stuttgart:**

**57. "Muerte e  
inmortalidad",  
vol. I, nº. 1,  
1962, pp. 37-  
51.**

**58. "El  
testimonio  
de Santo  
Tomás de  
Aquino", vol.  
II, nº. 13.  
1964, pp. 280-  
286.  
Republicado  
no vol. XVIII,  
nº. 1, 1980,  
pp. 21-26.**

**59. "La  
justicia hoy",  
vol. V, nº. 4,  
1968, pp. 319-  
326.**

**60. "Verdad  
de las cosas  
- un  
concepto  
olvidado",  
vol. VII, nº. 4,  
1970, pp. 351-  
364.**

## **F. Artigos em Português**

**\* Na revista Humboldt, edição em português:**

**61. "Abuso da Linguagem - Abuso do Poder", t. XI, 1971, nº. 23, pp. 2-12.**

**62. "Sobre a Profissão Problemática do Intelectual", t. XI, 1971, n. 23, pp. 12-14.**

**63. "A Tradição em o Mundo Desequilibrado", t. II, 1962, nº. 3, pp. 4-10.**

**\* Verbetes no Dicionário de Teologia da Kösel (org. Heinrich Fries). Trad. coord. por Félix Pastor e J. B. Libânio S. J. São Paulo, Loyola, 1971, 5 vols.**

**64.  
verbeta  
Esperança.**

**65.  
verbeta  
Justiça.**

**66.  
verbeta  
Virtude.**

**\* Outros artigos publicados no Brasil:**

**67. "Viver  
do  
Silêncio".  
Trad. do  
Prof.  
Henrique  
Elfes. Jornal  
da Tarde,  
5.6.82.**

**68. "Sartre e  
a Existência  
de Deus".  
Trad. de L.  
J. Lauand.  
São Paulo,  
Suplemento  
Cultura de O  
Estado de S.  
Paulo,  
21.4.85.**

**69. "Duas  
Pequenas  
Meditações  
sobre a  
Justiça".  
Trad. de L.  
J. Lauand.  
Curitiba,  
Folha  
Acadêmica  
da  
Universidade  
Federal do  
Paraná.  
maio de  
1985, ano  
XLVII, nº. 57,  
p. 4.**

**70. "A  
Experiência**

da Cegueira  
- I". Trad. de  
Luiz Jean  
Lauand.  
Curitiba,  
Evopar, A  
Voz do  
Paraná, nº.  
1140, 29-IX  
a 5-X-1985.

71. "A  
Experiência  
da Cegueira  
- II", idem,  
nº. 1141, 6 a  
12-X-1985.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*





### **3. Sobre Josef Pieper**

- 1. BALTHASAR, Hans Urs von. "Vorwort" (ao Lesebuch de Pieper).**
- 2. BLARER José. "Josef Pieper: Verteidigungsrede...". Arbor, n. 253, Madrid, 1967, pp. 98-100.**
- 3. BREITHOLZ, Paul. Josef Pieper. Schriftenverzeichnis. München, Kösel, 1974, 80 pp.**
- 4. CANDAU, Alfonso. "Josef Pieper, intérprete de la tradición". Arbor, n. 135, Madrid, 1957, pp. 418-423.**
- 5. "Josef Pieper: Über die Gerechtigkeit". Arbor, nº. 107, Madrid, 1954, pp. 394-395.**
- 6. COLOMER, E. "Josef Pieper: Noch wusste..." Pensamiento, vol. 34, 1978, pp. 344-345.**
- 7. DEMPFF, Alois. "Klugheit und Sachlichkeit". Hochland, 33, 1936, pp. 186-187.**
- 8. DICCIONARIO de Filosofía de JOSÉ FERRATER MORA. Verbete "Josef Pieper" (t. III da 4ª. ed., Barcelona, Alianza Editorial, 1982).**
- 9. ELIOT, T. S. "Insight and Wisdom in Philosophy" (prefácio a Leisure..., n. I-14b desta bibliografia).**
- 10. KLAMP, Gerhard. "Josef Pieper: Kümmert euch..." In Zeitschrift für philosophische Forschung, Bd. 24, Heft 4, out.-dez. 1970. Verlag Anton Hain.**
- 11. KÖSEL Verlag. Josef Pieper, München, 1984, 26 pp.**
- 12. GRAN Enciclopèdia Rialp. Verbete "Josef Pieper", por A. del Toro. Madrid, Rialp, t. XVIII, pp. 480-482.**
- 13. LANG, Jean-Bernard. "Note sur Josef Pieper". In La fin..., nº. 1-28a desta bibliografia.**

14. LAUAND, Luiz Jean. "Que Existe de Comum entre estes Dois Senhores?" *Jornal da Tarde*, S. Paulo, 15.8.81.
15. "Onde está a Verdadeira Realidade?" *Jornal da Tarde*, São Paulo, 1.5.82.
16. "A Importância de Saber Ouvir". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 5.6.82.
17. "A Presença da Teologia em Jean-Paul Sartre". "Supl. Cultura" de O Estado de S.Paulo, 21.4.1985.
18. "Pennacchi e a Filosofia de Pieper". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 13.9.86.
19. MARTINEZ G., L. "Josef Pieper: Über den Begriff..." *Pensamiento*, vol. 36, 1980, p. 99.
20. "Josef Pieper: Noch nicht..." *Pensamiento*, vol. 37, 1981, p. 222.
21. PALABRA (Revista). "Josef Pieper: Antologia" (resenha assinada por E. J.) nº. 232, Madrid, 1984, p. 49.
22. RIALP (Editora). "Josef Pieper. Nota de presentación" (à obra 1-27a desta bibliografia).
23. "Nota editorial" (à obra nº. 1-19a desta bibliografia).
24. RODRIGUEZ, José Maria. "Las puertas mágicas de Pieper". *Nuestro Tiempo*, nº. 365, 1984, pp. 37-39.
25. SCHAEZLER, Karl. "Über Josef Pieper". *Hochland*, 32, 1935, pp. 376-379.
26. STUDI CATTOLICI. "La fede come atto di amore", nº. 37, 1963, p. 83. (assinado por E.T.).
27. "Felicità e contemplazione", nº. 36, 1963, p. 84. (assinado por A. P.).
28. THIEL, Matthias. "J. Pieper: die ontische Grundlage des Sittlichen

nach Thomas von Aquin". Divus Thomas, Freiburg (Schw.), 1931, 9. Bd., 1. Heft, p. 100.

29. "Erwiderung". Idem, 2. Heft, pp. 243-244.

30. THIEME, Karl. "Ein Anwalt der Wirklichkeit. Josef Pieper als Philosoph". Hochland, 4, 1950, pp. 284-295. a) Trad. cast. "Josef Pieper y la evolución de su obra filosófica a través de nuestro tiempo". Arbor, nº. 49, 1950, pp. 73-88.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



#### **4. Outros livros e artigos citados no presente trabalho**

- 1. ARISTÓTELES. La Métaphysique. Nouvelle édition, entièrement refondue, avec commentaire par J. Tricot. Paris, Vrin, 1966, 2 vols.**
- 2. CHAUÍ, Marilena. O que é Ideologia. 4º. ed., São Paulo, Brasiliense, 1981.**
- 3. "Ideologização da USP? Que papo é este?. Adusp-Jornal n. 7, São Paulo, set. 1984, p. 15.**
- 4. NUNES, Ruy Afonso da Costa. "As Artes Liberais na Idade Média". Revista de História nº. 101, São Paulo, FFLCH-USP, jan.-mar. 1975.**
- 5. "A Herança de Academo". O Estado de S.Paulo, 16.4.1983.**
- 6. "Noções sobre a História da Escola Média". É o cap. 2 da obra coletiva Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º. e 2º graus (M. Brejón, org.), São Paulo, Pioneira, 1973.**
- 7. GILSON, Étienne. La unidad de la experiencia filosófica. Trad. de C. A.B. Fernández. Madrid, Rialp. 1973.**
- 8. GINER, J. A. "La revolución continua en Maryland". Nuestro Tiempo, nº. 317, Pamplona, EUNSA, 1980.**
- 9. GUARDINI, Romano. O Mundo e a Pessoa. Trad. de F. Gil. São Paulo, Duas Cidades, 1963.**
- 10. HEIDEGGER, Martin. "Que é isto - a Flosafia?". Os Pensadores (vol. XLV. Sartre-Heidegger). São Paulo, Abril, 1973.**
- 11. HUTCHINS, Robert M. La universidad de Utopia. S. trad. Buenos Aires, Eudeba, s.d.**
- 12. KUJAWSKI, Gilberto de Mello. Perspectivas Filosóficas. São Paulo, Duas Cidades, 1983.**
- 13. LAUAND, L. Jean. Educação, Teatro e Matemática medievais. São Paulo, Perspectiva-EDUSP, 1986.**

14. **"Tomás de Aquino e a Moral". A Voz do Paraná, Curitiba, 18 a 24.8.85.**
15. **BARROS, Roque Spencer Maciel de "A Cultura sem Ministérios". O Estado de S.Paulo, 20.8.85.**
16. **MAGER, Robert F. Objetivos para o Ensino Efetivo. 4ª. ed., Rio de Janeiro, SENAI, 1971.**
17. **MARITAIN, Jacques. Sobre a Filosofia da História. Trad. de E.G. M. Machado. São Paulo, Herder, 1962.**
18. **MILLÁN PUELLES, Antonio. Fundamentos de Filosofia. 7ª. ed., Madrid, Rialp, 1970.**
19. **PARRA, Nélio. "A Face Oculta dos Objetivos Comportamentais". Educação & Matemática, nº. I, São Paulo, Módulus, 1978.**
20. **PASCAL, B. Pensées. Paris, Somogy, 1945.**
21. **PLATÃO. Diálogos Completos (13 vols.). Trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém, Universidade Federal do Pará, 1980.**
22. **Oeuvres Complètes. Trad. nouvelle et notes par Léon Robin (col. La Pléiade). 2 vols. Paris, Gallimard, 1950.**
23. **Plato with an English Translation, em 9 vols., da Loeb, London-Cambridge, 1952 a 1955.**
24. **ROYCE, James E. Man and his Nature. New York, Mc Graw-Hill, 1961.**
25. **SARTRE, Jean-Paul "O Existencialismo é um Humanismo". Os Pensadores (vol. XLV Sartre-Heidegger). São Paulo, Abril, 1973.**
26. **TOMÁS DE AQUINO, S. Suma Teológica. Ed. bilíngüe em 16 vols. da Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, concluída em 1960.**
27. **Suma Teológica. 2ª. ed., Ed. bil. em 10 vols. Trad. de Alexandre Corrêa. EST-Sulina-UCS, Rio Grande do Sul, 1980.**

**28. Suma contra los gentiles. 2º. ed. Ed. bilingüe em 2 vols. dirigida por L. R. Carcedo et al. Madrid, BAC, 1968.**

**29. In Metaphysicam Aristotelis cura et studio R. Gathala, Torino, Marietti, 1935.**

**30. Quaestiones Disputatae (accedit liber De ente et essentia). Cum commentaris R.D.P. Cajetani Cardinalis. Editio novissima (commendata a S. S. Leone PP. XIII). Paris, Cons. Sancti Pauli, 1883, 4 vols.**

**31. WHITEHEAD, Alfred North. Adventures of Ideas. New York, MacMillan, 1954.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## NOTAS

### INTRODUÇÃO

[1] Noch wusste es niemand, p. 70. A Filosofia, sendo normativa, não se ocupa do modo como se realizam faticamente os ideais por ela propostos. Tal tarefa compete à Sociologia; no caso, à Sociologia da Educação.

[2] Verteidigungsrede für die Philosophiem, p. 95.

[3] Musse und Kult, p. 42.

[4] Cf. item 4.1. do presente trabalho.

[5] É certo que em Tod und Unsterblichkeit, p. 13, Pieper afirme: "Não há absolutamente nada entre o céu e a terra que não possa ser faísca que inflame a consideração filosófica". No entanto, ajunta: "Contudo, há temas que por sua natureza se revestem de um caráter eminentemente filosófico". Um deles é "o que é filosofar?" (Was heisst Philosophieren?, p. 11).

[6] NUNES, Ruy Afonso da Costa. A Herança de Academo.

[7] Em geral, os dados para esta nota procedem do Schriftenverzeichnis, dos dois volumes autobiográficos (Noch wusste es niemand e Noch nicht aller Tage Abend), do Josef Pieper da Kösel e de cartas a nós dirigidas pelo filósofo.

[8] Noch wusste es niemand, p. 110.

[9] Idem, pp. 31 e ss.

[10] Idem, pp. 42 e ss.

[11] Pp. 82 e ss.

**[12]** Cf., por exemplo, Lesebuch, p. 13; Unaustrinkbares Licht, p. 21 ou Lieben, hoffen, glauben, p. 313. A ênfase que estamos dando a Guardini deve-se a que foi o iniciador do interesse pela temática cristã que irá acompanhar Pieper ao longo de toda a sua vida.

**[13]** GUARDINI, Romano, O Mundo e a Pessoa, p. 179.

**[14]** Cf. Noch wusste es niemand, pp. 53 e ss.

**[15]** Cf., por exemplo, Noch nicht allcr Tage Abend, pp. 139 e 157.

**[16]** Idem, p. 29.

**[17]** Carta a LJL, 25-6-82.

**[18]** Carta a LJL, 27-12-84.

**[19]** Noch wusste es niemand, pp. 68 e ss.

**[20]** Idem, p. 69. Observe-se que a sentença ao final da citação, na realidade, é de Santo Tomás (In De Caelo et mundo 1, 22).

**[21]** Idem, pp. 75 e ss.; p. 156.

**[22]** Idem, p. 102.

**[23]** P. 70.

**[24]** Musse und Kult, p. 96.

**[25]** Noch nicht aller Tage Abend, p. 29.

**[26]** ELIOT, T. S. "Introduction" a Leisure the Basis of Culture, pp. 14-16.

**[27]** A distinção entre esses dois conceitos foi-me apontada pelo Dr. Erwin Theodor (a propósito do título de uma obra de Pieper: Weistum, Dichtung, Sakrament). Pieper, em carta que nos endereçou (6-1-86), esclarece que utiliza Weisheit "para indicar uma qualidade



da mente; enquanto Weistum significa uma expressão objetiva de sabedoria".

- 
- *Autoritas*
  - *Índice*
  - *Posterior*



## **O FILOSOFAR, TEMA CENTRAL DA FILOSOFIA**

**[28]** Como, por exemplo, "Viver do Silêncio" e "Sartre e a Existência de Deus", publicadas no Brasil.

**[29]** Cf., por exemplo, Buchstabier-Übungen, p. 67 (Agendo patimur esse).

**[30]** Noch wusste es niemand, p. 184.

**[31]** Trata-se do texto intitulado "Über die Schlichtheit in der Philosophie", publicado em Erkenntnis und Freiheit, pp. 97 a 102.

**[32]** Prólogo ao Lesebuch, pp. 5-6.

**[33]** Carta a LJL, 15.4.83.

**[34]** Cartas a LJL, 2.5.86 e 22.5.86.

**[35]** Como, por exemplo, nos livros Was heisst Philosophieren?, Menschliches Richtigsein. Die Kardinaltugenden neu bedacht e Wahrheit der Dinge.

**[36]** Adventures of Ideas, pp. 290 e ss.

**[37]** Verteidigungsrede für die Philosophie, pp. 116-117.

**[38]** Em carta a LJL (27.6.82), Pieper faz uma sugestiva indicação de que o título desse ensaio deve ser mudado para: Was ist eine Universität?

**[39]** Offenheit für das Ganze, p. 7. O grifo é nosso.

**[40]** Pp. 47 e 49.

**[41]** Pp. 14 e 15.

**[42]** Was heisst Philosophieren?, p. 11.

**[43]** Como em *Menschliches Richtigsein*, p. 1. Aí, o autor, após enunciar o conceito de virtude (como *ultimum potentiae?*) ajunta: "Com isto se diz igualmente algo sobre o ser do homem, etc.". Cf. também *Über das christliche Menschenbild*, p. 7; *Zustimmung zur Welt. Eine Theorie des Festes*, p. 15, etc.

**[44]** *Wahrheit der Dinge. Eine Untersuchung zur Anthropologie des Hochmittelalters*. No início dessa obra, o autor afirma: "A verdade do real - princípio aparentemente totalmente não-concreto" deve ser entendida "fundamentalmente como uma afirmação antropológica, que faz referência ao ser do homem e o ilumina" (p. 9).

**[45]** Verbete "Josef Pieper" da *Gran Enciclopedia Rialp*.

**[46]** *Über die Schwierigkeit heute zu glauben*, p. 59.

**[47]** Na edição brasileira de *Was heisst Philosophieren?*, *Que é filosofar?*, o tradutor, uma e outra vez, passa por cima dessa distinção, sempre nítida no original. Assim, por exemplo, "Mas colocando-se a questão que é Filosofia?" (p. 3), enquanto o original diz: "...was heisst philosophieren?" (p. 11); "aí não poderá florescer a Filosofia" (p. 7) e o original: "da wird auch Philosophie und Philosophieren nicht gedeihen" (p. 20). Na edição brasileira, ver também p. 11, p. 14 etc.

**[48]** *Verteidigungsrede für die Philosophie*, pp. 26-27.

**[49]** *Was heisst Akademisch?*, p. 32.

**[50]** *Noch nicht aller Tage Abend*, p. 24.

**[51]** LAUAND, L. J. *Que Existe de Comum entre estes Dois Senhores?*

**[52]** *Ibidem*.

**[53]** *Unaustrinkbares Licht*, pp. 58-59.

**[54]** *Thomas von Aquin: Leben und Werk*, pp 25-26. A sentença de

**Gilson encontra-se no The Christian Philosophy of St. Thomas Aquinas, London, 1957, p. 174.**

**[55] In Über die Schwierigkeit heute zu glauben, p. 224.**

**[56] BOÉCIO. Comentário ao Peri Hermeneias. 2ª ed., PL, 64, 433, cit. em Scholastik. Gestalten und Probleme der mittelalterlichen Philosophie, p. 27.**

**[57] Scholastik, pp. 27-28.**

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **ALGUMAS CONSTANTES DO FILOSOFAR DE PIEPER**

**[58]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 28.

**[59]** ELIOT, T.S., Insight and Wisdom in Philosophy, p. 16.

**[60]** Über die Schwierigkeit heute zu glauben, p. 25.

**[61]** ROYCE, James E. Man and his Nature. p. 5.

**[62]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 14.

**[63]** Idem, p. 14.

**[64]** Thomas von Aquin: Leben und Werk, p. 86.

**[65]** Idem, p. 9.

**[66]** Veja-se no Cap. 4 do presente trabalho o tópico "A Universidade: lugar de quaestio disputata".

**[67]** Wahrheit der Dinge, pp. 113 e s.

**[68]** TOMÁS DE AQUINO. Summa Theologica. Prólogo.

**[69]** Thomas von Aquin: Leben und Werk. pp. 78 e ss.

**[70]** Retomamos aqui tema já incoado na Introdução, item 1, do presente trabalho. Para a justificação da linguagem comum - em polémica com a Scientific Philosophy - veja-se Yerteidigungsrede für die Philosophie, p. 111 e ss.

**[71]** "Glauben", in Lieben, hoffen, glauben, p. 261.

**[72]** "Lieben", in Lieben, hoffen, glauben, p. 24.

**[73]** Idem, p. 21.

**[74]** "Glauben", in Lieben, hoffen, glauben, pp. 261-262.

**[75]** Verstehen, p. 2.

**[76]** Como, por exemplo, no Cap. I de Über die Liebe ou em Verstehen, p. 2.

**[77]** Como, por exemplo, no Cap. I de Glück und Kontemplation.

**[78]** Como, por exemplo, em Überlieferung, p. 28.

**[79]** Como, por exemplo, em Hoffnung und Geschichte, p. 30.

**[80]** Como, por exemplo, em "Lieben", in Lieben, hoffen, glauben, p. 42.

**[81]** Como, por exemplo, em Überlieferung, p. 40.

**[82]** Unaustrinkbares Licht, pp. 13 e ss.

**[83]** E é precisamente sobre essas e outras fundamentale Existenzsachverhalten que versa o filosofar de Pieper.

**[84]** Glauben, Hoffen, Lieben, p. 18.

**[85]** Gerechtigkeit heute, p. 5.

**[86]** Wahrheit der Dinge, p. 10.

**[87]** Cit. por CANDAU, A. Josef Pieper, intérprete de la tradición. p. 419. Veja-se também do mesmo autor: Josef Pieper: Über die Gerechtigkeit, p. 394.

**[88]** "Não pode haver 'tomismo' porque a grandiosa afirmação que a obra de S. Tomás representa é grande demais para isso (...) S. Tomás nega-se a escolher algo; empreende o imponente projeto de 'escolher tudo'" (Thomas von Aquin: Leben und Werk, p. 27). "A grandeza e a atualidade de Tomás consistem precisamente em que não se lhe pode aplicar um 'ismo', isto é, não pode haver

propriamente um 'tomismo' ('propriamente', isto é: não pode haver enquanto se entenda por 'tomismo' uma especial direção doutrinária caracterizada por asserções e determinações polêmicas, um sistema escolar transmissível de princípios doutrinários" (idem, p. 27). Cf. também os episódios narrados em Noch nicht aller Tage Abend, pp. 121-122 e 90-91.

[89] Thomas von Aquin: Leben und Werk, p. 143. A sentença de Gilson encontra-se no já citado The Christian Philosophy... p. 94.

[90] Em alguns de seus artigos mais antigos ainda aparecem expressões como "Thomistische Ethik" (1932) ou "Thomistische Bemerkungen" (1933), cf. Schriftenverzeichnis, pp. 27-28.

[91] Mensagem ao curso "Filosofia & Realidade" (CEEU-SP, 1982) em carta a LJL (6.4.82).

[92] Thomas von Aquin: Leben und Werk, p. 54.

[93] Idem, p. 52.

[94] Idem, p. 56.

[95] Unaustrinkbares Licht, pp. 57 e ss.

[96] "Thomas heute", artigo publicado por Pieper há mais de cinquenta anos, parece-nos uma formulação adequada para o seu filosofar.

[97] Verteidigungsrede für die Philosophie, pp. 117-118.

[98] Idem, p. 120.

[99] Was heisst Philosophieren?, pp. 13-14.

[100] A expressão "desde sempre" (immer schon) é empregada freqüentemente por Pieper ao tratar das relações entre Filosofia e Teologia (por exemplo, em Was heisst Philosophieren?, p. 88).

[101] Prefácio ao Lesebuch, p. 9.

**[102]** Maritain refere-se a Mircea Eliade.

**[103]** Sobre a Filosofia da História, p. 47.

**[104]** P. 122. À p. 124, Pieper faz um breve e útil esclarecimento terminológico: "Por revelação se entende o ato originário - que simplesmente ultrapassa toda compreensibilidade - de comunicação, no qual a fala divina 'deixa-se' ouvir; é o que Platão, com um certo pressentimento, designou como a mensagem divina trazida cá para baixo por um desconhecido Prometeu. 'Tradição sagrada' refere-se ao fato da transmissão e recepção, de geração em geração, com o que se mantém presente essa revelação que uma vez ocorreu. 'Fé' é o ato pessoal de assentimento, no que a palavra de Deus que desse modo chega a nossos ouvidos é aceita como verdade precisamente em razão de sua origem. Finalmente, 'Teologia' é a tentativa de interpretar as informações supra-humanas aceitas como verdade na fé, segundo aquilo que com elas se quer realmente significar".

**[105]** P. 122.

**[106]** Was heisst Philosophieren?, p. 109.

**[107]** Verteidigungsrede für die Philosophie, pp. 122-123.

**[108]** Cf. a esse respeito, por exemplo, Was heisst Glauben?, pp. 13-17.

**[109]** Cf. "Die mögliche Zukunft der Philosophie", in Über die Schwierigkeit heute zu glauben, máxime pp. 299 e ss.

**[110]** SANTO TOMÁS, In Met., I, 2, 42.

**[111]** Loc. cit. na nota 52 deste capítulo.

**[112]** Um pequeno e único reparo ao, de resto, agudo artigo de Kujawski é o seguinte: Pieper - ao contrário do que sugere o articulista - nunca se vale da perífrase "Doutor Angélico". Por outro lado, considera perfeitamente ajustada à sua própria interpretação de Tomás o epíteto "a Deo Creatore", cunhado por Chesterton e que



aponta para o núcleo da Filosofia do Aquinate (como veremos no Cap. 4 do presente trabalho) (cf. por exemplo Buchstabier-Übungen, pp. 39 e ss.). Pieper freqüentemente (cf. por exemplo Menschliches Richtigsein, p. 1) emprega também a expressão por ele cunhada: "Thomas von Aquin, der letzte grosse Magister der noch ungeteilten abendländischen Christenheit" (Tomás de Aquino é o último grande mestre do cristianismo Ocidental ainda unificado).

[113] KUJAWSKI, G. M. Perspectivas Filosóficas. p. 23.

[114] Über das Ende der Zeit, pp. 14-15.

[115] Idem, pp. 15-16.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **A UNIVERSIDADE: PEDAGOGIA DAS ARTES LIBERAIS**

**[116]** Was heisst Philosophieren?, p. 12.

**[117]** Idem, p. 12.

**[118]** Idem, p. 13.

**[119]** Philosophie und Gemeinwohl (in Buchstabier-Übungen), p. 102.

**[120]** Idem, p. 101.

**[121]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 44.

**[122]** Philosophie und Gemeinwohl,... p. 101. Trata-se não só de uma referência à U.R.S.S. e aos países do Leste; a identificação de bem comum e utilidade comum ocorre em todo o mundo, se bem que naqueles países de modo ostensivo e radical. Desse modo, "filosofia e filosofar vão sendo considerados cada vez mais como um luxo intelectual, como algo que mal pode ser compatível com a 'consciência social', quase como uma sabotagem das ocupações 'verdadeiramente importantes'" (idem, p. 101).

**[123]** Verteidigungsrede für die Philosophie, pp. 44-45.

**[124]** Was heisst Philosophieren?, p. 16.

**[125]** Was heisst Philosophieren?, p. 62.

**[126]** Idem, p. 63.

**[127]** A esse propósito, Pieper agudamente concebe a seguinte experiência: "Mas imaginemos que entre as vozes que enchem os locais de trabalho e os mercados - 'Como se pode adquirir isto ou aquilo, necessário para viver?', 'Onde há tal produto?' - que entre tais vozes, de súbito, se fizesse ouvir a pergunta: 'Mas por que, afinal, existem coisas, e não só o nada?' Eis a antiquíssima questão filosófica que Heidegger designou como a questão fundamental de toda Metafísica! Será necessário apontar ainda o que de

**incomensurável tem tal pergunta frente ao mundo diário das utilidades e das oportunidades?" (Idem, pp. 16-17).**

**[128]** Idem, p. 27.

**[129]** Zustimmung zur Welt, pp. 21-22. Com maior exatidão, Ruy Nunes mostra que só com os mestres cristãos (a começar por S. Agostinho, e sobretudo com Cassiodoro) o termo "liberal" na expressão "artes liberais" foi se despojando da conotação social que o impregnava (cf. art. "As Artes Liberais na Idade Média", Cap. II "Concepção antiga e medieval das Artes Liberais". E, do mesmo autor, no capítulo "Noções sobre a história da escola média" (da obra BREJÓN (org.), Estrutura...), lê-se: "Cassiodoro, por influência da doutrina cristã, retirou da expressão 'liberal' a sua conotação social" (p. 24). Naturalmente, pode-se argumentar que em Platão (e nos grandes antigos em geral) servidão, escravidão (como também liberdade...) pode se referir primariamente ao espírito. Nesse sentido, falando do conceito de escravidão em Platão, Pieper afirma: "Será preciso fazer notar que esta contraposição (escravo/livre) nada tem a ver com o fenômeno social da escravidão? (...) Existe uma escravidão que nenhuma mudança social, nenhuma abolição da escravatura, pode fazer desaparecer do mundo (Begeisterung und göttlicher Wahnsinn, p. 76).

**[130]** ARISTÓTELES, Metafísica, 1, 2, 982 b 20-30.

**[131]** Debate com Walter Weymann-Weyhe.

**[132]** Artigo que se encontra na obra de idêntico título.

**[133]** The Foundations of Freedom, p. 76. Também aqui Pieper lembra o que desde o começo da crítica ao bolchevismo se tem dito: que o bolchevismo não é um sistema isolado, antes simplesmente assume manifestamente aquilo que ocultamente a sociedade burguesa pratica; por exemplo, a supremacia da atividade econômica. Ainda que a formulação pareça-lhe exagerada, reconhece que traz à luz algo que deve ser lembrado em qualquer discussão sobre o que nos separa dos bolchevistas: que se trata de um problema extremamente complexo e onde mais claramente isso se manifesta é no tema "Ciência e Liberdade" (idem, p. 75). (No exemplar de Weistum, Dichtung, Sakrament, recentemente enviado a nós por Pieper, o autor, no artigo "Erkenntnis und Freiheit", substitui

(em correção à mão) "bolchevista" por "soviético").

[134] Em S. Tomás (comentando e seguindo Aristóteles) lemos: "Sola autem haec scientia est propter seipsam: ergo ipsa sola est libera inter scientias. (...) sola ista maxime propter se est" (In Met. I, 3, 58 e 59).

[135] Vide nota 10 deste capítulo.

[136] Erkenntnis und Freiheit, pp. 29-31.

[137] Idem, p. 34.

[138] The Foundations of Freedom, p. 76.

[139] Cf., por exemplo, The Foundations of Freedom, p. 76 e Offenheit für das Ganze, pp. 7-8.

[140] PLATÃO, Górgias, 467b.

[141] Felicidad en el mirar (Happiness in Beholding), pp. 642-643.

[142] Die Wirklichkeit und das Gute, p. 11.

[143] Über den Begriff der Sünde, pp. 49 e ss.

[144] The Foundations of Freedom, p. 77.

[145] Was heisst Philosophieren?, p. 30.

[146] Glück und Kontemplation, p. 9.

[147] Idem, pp. 9-10.

[148] Para frisar que é a essa teoria (contemplatio) que se está referindo, Pieper sempre a põe em itálico na obra Verteidigungsrede für die Philosophie.

[149] Verteidigungsrede für die Philosophie, pp. 59 e ss. No texto

aristotélico em S. Tomás (In Met. II, lectio I) lê-se: "theoria, id est contemplatio".

[150] Idem, p. 63.

[151] Idem, p. 63. A seguir se lê: "Sempre que se considera a 'sociedade' como o protagonista decisivo do humano (ou 'o espírito do mundo', a 'matéria', o 'cosmos', a 'evolução'), resulta eo ipso que o indivíduo pessoal não pode nem ser nem fazer algo que tenha sentido em si mesmo, seja o filosofar, seja qualquer outro ato".

[152] Idem, p. 65.

[153] Felicidad en el mirar (Happiness in Beholding), pp. 641 e ss.

[154] Idem, p. 649.

[155] "O ver só faz feliz mediante o amor (...) Só a contemplação do que se ama faz feliz" (Irdische Kontemplation in Sehen und Schauen, p. 14).

[156] Esta sentença de S. Tomás (Comentário ao Liber de causis, 18) vem citada na Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 67. No Cap. V dessa obra, recolhem-se: "Tota merces nostra visio est" (AGOSTINHO, Sermo 302, PL 39, 2324); a vida só é digna de ser vivida para aquele que contempla o divinamente belo (Platão, Banquete, 211) e a observação aristotélica de que se pagamos tão caro uma viagem para as Olimpíadas com o único fim de ver competições, é difícil crer que não tendamos principalmente a contemplar o próprio ser e a verdade. Fragmenta 58, V. Rose).

[157] Verteidigungsrede für die Philosophie, pp. 67-68.

[158] Glück und Kontemplation, p. 68.

[159] "Irdische Kontemplation" in Sehen und Schauen, p. 13.

[160] Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 70.

[161] "Irdische Kontemplation" in Sehen und Schauen, p. 13.

**[162]** Was heisst Philosophieren, p. 33.

**[163]** Über die Schwierigkeit heute zu glauben, p. 56.

**[164]** Irdische..., p. 13.

**[165]** Zustimmung zur Welt, p. 37.

**[166]** Was heisst Philosophieren?, p. 20.

**[167]** Musse und Kult, pp. 13-14. Traduzimos Musse por lazer, seguindo as traduções inglesa (leisure), francesa (loisir) e brasileira. Pieper por sua vez traduz por Musse o vocábulo grego scholé.

**[168]** Idem, pp. 51-52.

**[169]** Was heisst Akademisch?, pp. 40-41.

**[170]** "Arbeit, Freizeit, Musse" in Erkenntnis und Freiheit, p. 81.

**[171]** Was heisst Akademisch?, p. 42.

**[172]** Musse und Kult, p. 52.

**[173]** Idem, pp. 56-57.

**[174]** Idem, p. 55.

**[175]** HÖLDERLIN, Brot und Wein, 7.

**[176]** Zustimmung zur Welt, pp. 90-91.

**[177]** Die musischen Künste und das Fest, p. 4.

**[178]** Idem, p. 4.

**[179]** A aparente pobreza da língua alemã (diz Pieper em Glauben, Hoffen, Lieben, pp. 24 e ss.) no que diz respeito ao amor, onde - ao

**contrário do grego, do latim e das línguas modernas descendentes do latim, que dispõem de amplo vocabulário para tratar do multifacético fenômeno amor - se possui um único substantivo, Liebe, para expressar uma variedade tão grande como a preferência por um tipo de vinho, o voltar-se para um necessitado, a mútua atração dos sexos ou o oferecimento do coração a Deus, essa "pobreza" obriga-nos a refletir sobre o que há de comum a todas as formas de amor: a aprovação.**

**[180]** Para o tema da fronteira teológica, veja-se *Zustimmung zur Welt*, p. 21. Para a Criação como obra de toda a Trindade, veja-se, por exemplo, o discurso de João Paulo II: "Papa fala em português sobre a obra de Deus" (O Estado de S.Paulo, 6.3.86, p. 10). Quanto ao conceito de amor como aprovação, num texto recentíssimo (o prefácio ao *Lieben, Hoffen, Glauben*), Pieper reafirma que tornar visível essa real unidade de todas as formas de amor (tal como a língua alemã sugere) foi a tarefa mais trabalhosa de toda sua vida de escritor.

**[181]** PLATÃO, *Leis*, 665a.

**[182]** *Die musischen Künste und das Fest*, p. 4.

**[183]** Pp. 81-82.

**[184]** *Was heisst Akademisch?*, p. 22.

**[185]** *Musse und Kult*, pp. 42-43.

**[186]** *Was heisst Akademisch?*, Cap. I.

**[187]** *Idem*, p. 17.

**[188]** *Idem*, p. 18.

**[189]** *Was heisst Akademisch?*, p. 24.

**[190]** *Idem*, p. 31.

**[191]** *Idem*, pp. 30-31.

**[192]** Idem, p. 28.

**[193]** SANTO TOMÁS, In Met. I, 3, 59.

**[194]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 50.

**[195]** Was heisst Philosophieren?, p. 27. A sentença de S. Tomás está em In Met. I, 3, 59.

**[196]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 46.

**[197]** "Erkenntnis und Freiheit" in Weistum, Dichtung, Sakrament, p. 30.

**[198]** Idem, p. 36.

**[199]** Idem, pp. 36-37.

**[200]** No caso da Filosofia, que pergunta pelo todo, não se trata a rigor de uma pergunta, mas de uma "articulação do silêncio" (Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 51).

**[201]** No próximo capítulo trataremos do silêncio filosófico.

**[202]** Verteidigungsrede für die Philosophie, pp. 53-54.

**[203]** Was heisst Akademisch?, pp. 28 e 27.

**[204]** MEDEIROS DA SILVA. Matemática para os Cursos de Economia, Administração e Ciências Contábeis. São Paulo, Atlas, pp. 108 e ss.

**[205]** Além de outras questões, é claro, que não seriam propriamente matemáticas nem filosóficas, como se a política de uma empresa faticamente se rege por esses modelos etc.

**[206]** HUTCHINS, R. M. La universidad de Utopía, pp. 23-24. Cf. também GINER, J. A. La revolución continua en Maryland. Pieper também, como veremos no próximo capítulo, fala de diversos



**potenciais filosóficos.**

**[207]** Ou só ocorrem ao sabor de determinados criticismos ideológico- politicistas que, longe de abrir-se à totalidade do real, pretendem submeter a realidade à rigidez estreita de seus moldes pré- estabelecidos.

**[208]** Offenheit für das Ganze, p. 33.

**[209]** Cf., por exemplo, Unaustrinkbares Licht, p. 26, e o próprio Was heisst Akademisch?, p. 27

**[210]** Was heisst Akademisch?, p. 25.

**[211]** "Tapferkeit", in Das Viergespann, p. 189. Cf., também, por exemplo Musse und Kult, p. 57.

**[212]** Was heisst Akademisch?, p. 26.

**[213]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 46.

**[214]** Was heisst Akademisch?, p. 28.

**[215]** Idem, p. 19.

**[216]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 49.

**[217]** Idem, p. 48.

**[218]** Was heisst Philosophieren?, pp. 27-28.

**[219]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 48.

**[220]** Scholastik, p. 36.

**[221]** Idem, p. 37.

**[222]** Actualité de la Scolastique, p. 28.

[223] Scholastik, p. 38.

[224] BARROS, Roque Spencer Maciel de, A Cultura sem Ministérios.

[225] Was heisst Akademisch?, p. 33.

[226] Idem, pp. 36-37. A citação é de Herrmann Usener:  
"Organisation der wissenschaftlichen Arbeit".

[227] Idem, p. 39. Para um tratamento mais amplo do tema, veja-se  
Actualité de la Scolastique.

[228] Musse und Kult, p. 86.

[229] Über die Schwierigkeit heute zu glauben, pp. 278 e ss.

[230] The Foundations of Freedom, pp. 77-78.

[231] CHAUI, M. Ideologização da USP? Que papo é esse?, p. 15.

[232] Idem, p. 15.

[233] "Über die Klugheit" in Das Viergespann, p. 22.

[234] CHAUI, M. O que é Ideologia, p. 16.

[235] Idem, pp. 19-20.

[236] Über das christliche Menschenbild (Hochland), pp. 102-103.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## **UNIVERSIDADE E FILOSOFAR: ABERTURA PARA O TODO**

**[237]** Offenheit für das Ganze, p. 13.

**[238]** Was heisst Akademisch?, pp. 91 e ss.

**[239]** Idem, pp. 98 e ss.

**[240]** Offenheit für das Ganze, pp. 7 e ss. Cf. 1.1. nota 6.

**[241]** A realidade, preocupação constante e única de Pieper, não é naturalmente, ao meramente fático, mas sim a verdadeira realidade" (Noch wusste es niemand, p. 70).

**[242]** Was heisst Akademisch?, p. 16.

**[243]** Offenheit für das Ganze, p. 9.

**[244]** Thomas von Aquin: Leben und Werk, p. 60.

**[245]** Offenheit für das Ganze, p. 10.

**[246]** PLATÃO, A República, 486a. "Ciência das coisas divinas e humanas" é, talvez, a mais clássica das definições de Filosofia, mil vezes citada pelos antigos.

**[247]** Offenheit für das Ganze, p. 12.

**[248]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 71.

**[249]** Was heisst Philosophieren?, p. 59. A consideração citada segue-se ao exemplo: Que é, afinal, em última análise o ensino? Alguém diz: 'O homem não pode absolutamente ensinar nada; é como quando saramos: não foi o médico que nos curou, mas a natureza, cuja força curativa o médico somente pôs em andamento' (será?). Vem um outro e diz: 'Deus é quem ensina interiormente - por ocasião do ensino humano'. Vem Sócrates e diz: o professor só faz com que o educando se lembre, 'extraia de si mesmo o saber; não há estudo, há só uma recordação'..."

**[250]** Essas duas sentenças procedem respectivamente de "Remarks", *Philosophical Review* 46, 1937, p. 178 e de *Adventures of Ideas*, p. 203 e são citadas por Pieper na *Verteidigungsrede für die Philosophie*, pp. 15 e 76. Pela sua extraordinária importância aparecem também citadas em *Lesebuch*, 197, *Über die Schwierigkeit heut zu glauben*, p. 15, etc.

**[251]** *Offenheit für das Ganze*, p. 20.

**[252]** *Idem*, pp. 14-15.

**[253]** *Verteidigungsrede für die Philosophie*, p. 76.

**[254]** *Was heisst Akademisch?*, p. 96.

**[255]** *Tod und Unsterblichkeit*, p. 17.

**[256]** "Zwei Weisen, 'kritisch' zu sein", in *Buchstabier-Übungen*, pp. 37 e ss.

**[257]** *Glauben, Hoffen, Lieben*. pp. 10-11.

**[258]** *Offenheit für das Ganze*, p. 14.

**[259]** *Was heisst Akademisch?*, pp. 44-45. As citações de S. Tomás encontram-se respectivamente na *Contra Gentes* III, 112 e *De Veritate* I, 1.

**[260]** *Was heisst Philosophieren?*, p. 44. A última sentença citada está em *Contra Gent.* III, 112.

**[261]** *Wahrheit der Dinge*, p. 84.

**[262]** *Idem*, IV, 3. A *Metafísica* clássica fala dos transcendentais do ente(ens): *Verum* (verdadeiro, cognoscível), *res* (coisa), *unum* (um, uno), *aliquid* (algo) e *bonum* (bom, apetecível).

**[263]** *Idem*, p. 47.

**[264]** "Kreatürlichkeit. Über die Elemente eines Grundbegriffs", in Buchstabier-Übungen, p. 40.

**[265]** Idem, p. 39.

**[266]** Idem, p. 39.

**[267]** De Veritate, I, 1, citado em Wahrheit der Dinge, p. 126. A última sentença é de Aristóteles (cit. em IV, 2, nota 13).

**[268]** S. Th. I, 16, 3 cit. em Wahrheit der Dinge, p. 127.

**[269]** Cf. 2.3, in fine.

**[270]** Cf. Unaustrinkbares Licht, pp. 16 e ss.

**[271]** Cf. também L. J. LAUAND, "A Presença da Teologia em Jean-Paul Sartre".

**[272]** Unaustrinkbares Licht, p. 21.

**[273]** Cf. a esse propósito a obra de Sartre: O Existencialismo é um Humanismo, pp. 11 e ss., de onde procede a sentença final (citada por Pieper em "Kreatürlichkeit und menschliche Natur" in Über die Schwierigkeit... Nesse artigo, mostram-se também os erros que Sartre comete em relação aos conceitos de Criação e criatura).

**[274]** Cf. "Kreatürlichkeit...": art. cit. na nota anterior.

**[275]** Cit. em Unaustrinkbares Licht, I, nota 8.

**[276]** Cf. 2, 3, in fine.

**[277]** Unaustrinkbares Licht, pp. 34-35.

**[278]** Idem, p. 26.

**[279]** SARTRE, O Existencialismo é um Humanismo, pp. 11 e ss.

**[280]** Wahrheit der Dinge, pp. 81-82.

**[281]** No Cap. II de Was heisst Philosophieren? e no Cap. V de Wahrheit der Dinge.

**[282]** Was heisst Philosophieren?, p. 40.

**[283]** Idem, pp. 41-42.

**[284]** Idem, pp. 42-43.

**[285]** MILLÁN PUELLES, Antonio, Fundamentos de Filosofia, p. 358.

**[286]** Was heisst Philosophieren?, p. 49.

**[287]** Offenheit für das Ganze, die Chance der Universität, p. 17.

**[288]** É importante observar que, quando falamos da Universidade como instituição, estamos pensando no estímulo e condições que proporciona para que professores e alunos, pessoas individuais, possam realizar esses anseios.

**[289]** Offenheit für das Ganze, pp. 24-25.

**[290]** Schweigen, p. 1.

**[291]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 51.

**[292]** Aqui também Pieper vale-se do sentido analógico de vernehmen (cf. nota do trad. em Viver do Silêncio).

**[293]** Viver do Silêncio.

**[294]** "Die Verborgenheit von Hoffnung und Verzweiflung" in Lesebuch, pp. 34 e ss. Uma análise mais detalhada da acédia encontra-se em Zucht und Mass, IX e em Hoffen, II.

**[295]** Viver do Silêncio.

**[296]** Idem. O "terrível dito" é de Spinoza, cit. também em Wahrheit der Dinge, p. 63.

**[297]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 54.

**[298]** Idem, p. 55.

**[299]** Über das Schweigen Goethes, p. 40.

**[300]** Cit. em "Glauben" in Lieben, Hoffen, Glauben, p. 316.

**[301]** Idem, pp. 315-316.

**[302]** Cf. por exemplo PLATÃO, Teeteto, 155d; ARISTÓTELES, Metafísica, A, 2, 982b; SANTO TOMÁS, In Met. I, 3; etc.

**[303]** Was heisst Philosophieren?, p. 63.

**[304]** Idem, pp. 65-66.

**[305]** Idem, p. 67.

**[306]** Idem, cap. 1.

**[307]** Verteidigungsrede für die Philosophie, p. 111.

**[308]** Was heisst Philosophieren?, p. 19.

**[309]** Idem, p. 71.

**[310]** Unaustrinkbares Licht, subtítulo.

**[311]** Carta a L JL, 4.4.83.

**[312]** Cit. em Unaustrinkbares Licht, p. 38. Tal sentença (De Veritate, 10, 1) é surpreendente não quando se considera o próprio Tomás (em quem freqüentemente se lê "Principia essentialia rerum sunt nobis ignota" (In De Anima I, 1, 15), "formae substantiales per se ipsas sunt ignotae" (Quaest. disp. de spiritualibus creaturis II ad 3.),

etc. - loc. cit.) mas nos "epígonos racionalistas de Tomás" (La actualidad del Tomismo, p. 21).

[313] "Wie heisst man wirklich?" in Über die Schwierigkeit... p. 322.

[314] Thomas von Aquin: Leben und Werk, p. 150.

[315] Para a influência de Dionísio em S. Tomás veja-se Scholastik, Cap. III.

[316] De Veritate, I, 2.

[317] Relativa, pois de Tomás procede também a sentença: "Intellectus vero penetrat usque ad rei essentiam" (S.Th., I-II, 31, 5).

[318] Actualidad del Tomismo, p. 26.

[319] Thomas von Aquin: Leben und Werk, p. 150.

[320] Was heisst Philosophieren?, p. 77. Ainda neste capítulo, voltaremos ao tema da estrutura de esperança.

[321] "Über das Verlangen nach Gewissheit", in Erkenntnis und Freiheit, pp. 63-68.

[322] Cit. em BLACKWOOD et al., Física na Escola Secundária, ed. MEC, 1962, p. 3. Cf. também os conhecidos manuais universitários, ambos de mesmo título: Física, de Sears-Zemansky e Resnick-Halliday.

[323] GILSON, E., La unidad de la experiencia filosófica, p. 156. O autor diz "matematicamente" onde dizemos "cientificamente".

[324] Wissenschaftliche Weltauffassung. Der Wiener Kreis, p. 28. Cit. em Verteidigungsrede..., p. 116.

[325] HEIDEGGER, M., Que é isto, a Filosofia?, p. 220.

[326] S. Theol. I, 1, 5 ad. 1. À análise desta citação de Tomás é dedicado o artigo - tema deste nosso tópico - "Über das Verlangen



nach Gewissheit".

[327] Verteidigungsrede für die Philosophie, pp. 116 e ss. A sentença citada na nota 88 deste capítulo.

[328] Além dos já citados Verteidigungsrede... e Verlangen..., veja-se Verstehen e Über die Schwierigkeit..., p. 13.

[329] MAGER, Robert, Objetivos para o ensino efetivo, é o texto-chave.

[330] PARRA, Nélio, A Face Oculta dos Objetivos Comportamentais, p. 42.

[331] Offenheit für das Ganze, pp. 23 e ss.

[332] Até o fim deste tópico siga o artigo "Tomás de Aquino e a Moral".

[333] Über den Begriff der Sünde, pp. 38 e ss.

[334] In the Matter of J. Robert Oppenheimer. Transcript of Hearing before Personnel Security Board. Washington D.C., 1954. Cit. em Über den Begriff der Sünde, pp. 38 e 127.

[335] Por exemplo em Was heisst Philosophieren?, p. 12.

[336] Idem, pp. 72-73.

[337] "Über die Hoffnung", in Lieben, Hoffen, Glauben, p. 195.

[338] Unaustrinkbares Licht, cap. VI.

[339] Idem, p. 44.

[340] PLATÃO, Banquete, 203.

[341] Was heisst Philosophieren?, p. 85.

- [342]** Offenheit für das Ganze, p. 31.
- [343]** Offenheit für das Ganze, p. 19.
- [344]** Cf. Menschliches Richtigsein, pp. 7 e ss.
- [345]** Offenheit für das Ganze, p. 34.
- [346]** "Thomas von Aquin als Lehrer", in Weistum, Dichtung, Sakrament, pp. 146-147.
- [347]** Veja-se 2.1.
- [348]** Erkenntnis und Freiheit, p. 106.
- [349]** Thomas von Aquin als Lehrer, p. 145.
- [350]** Idem, p. 139.
- [351]** Idem, p. 145.
- [352]** Idem, passim.
- [353]** Musse und Kult, p. 43.
- [354]** Thomas von Aquin: Leben und Werk, p. 93.
- [355]** "Thomas von Aquin als Lehrer", p. 150.
- [356]** Thomas von Aquin: Leben und Werk, p. 93.
- [357]** S. TOMÁS DE AQUINO, Summa Theologica, Prólogo.
- [358]** "Thomas von Aquin als Lehrer", p. 146.
- [359]** Idem, p. 147.
- [360]** Cf. "Über die Schlichtheit...", in Erkenntnis und Freiheit.

**[361]** "Thomas von Aquin als Lehrer", p. 147.

**[362]** Pieper estava discutindo a coincidência (casual) entre to like (verbo e like (advérbio); a presença de um componente semântico de "igualdade" na palavra latina amare etc...

**[363]** Lieben, Hoffen, Glauben, p. 39.

**[364]** "Thomas von Aquin als Lehrer", p. 147.

**[365]** Nota prévia.

**[366]** "Thomas von Aquin als Lehrer", p. 154.

**[367]** Idem, p. 151.

**[368]** Idem, p. 145.

**[369]** Über das christliche Menschenbild, pp. 8 e ss.

**[370]** Menschliches Richtigsein, p. 2.

**[371]** Über die Schwierigkeit heute zu glauben, p. 108.

**[372]** Was heisst Akademisch?, p. 46.

**[373]** Cf. Über die Schwierigkeit..., pp. 256 e ss.

**[374]** Zustimmung zur Welt, p. 89. Cf. também Was heisst Akademisch?, p. 40.

**[375]** Cit. em Begeisterung..., p. 31.

**[376]** Was heisst Akademisch, pp. 46-47.

**[377]** Pp. 29 e ss.

**[378]** PLATÃO, Protágoras, 318 e.

**[379]** Was heisst Akademisch?, pp. 47-49.

**[380]** Cf. "Missbrauch..." in Über die Schwierigkeit heute zu glauben. Naturalmente o assunto não é simples e nem sempre se podem estabelecer claros limites. Respondendo à nossa pergunta sobre se se podem dar autênticas arte e filosofia aí onde se misturem "engajamentos", Pieper responde: "Se grandes artistas criam verdadeiras obras de arte, esquecem, apesar talvez de sua intenção original, seu 'engajamento' (e o leitor ou espectador esquecem-no também)". E, perguntado sobre o caso concreto de Sartre: "O teatro de Sartre não é 'engajado'; Huis clos que tantas vezes li para (e com) meus alunos, não é outra coisa que a velha representação de 'inferno' (...) mesmo em sua filosofia (Il n'y a pas de nature humaine puisqu'il n'y a pas de Dieu) ele está errado mas não 'engajado'" (Carta a LJL, 23.6.86).

**[381]** Was heisst Akademisch?, pp. 51-52.

---

▪ *Anterior*

▪ *Índice*

▪ *Posterior*



## TESES PIEPERIANAS

**[382]** No já citado artigo "A Herança de Academo", em expressa referência à Filosofia da Educação de Josef Pieper.

---

▪ *Autoria*

▪ *Índice*